



Virgem e
MINHA

FESTA DA LUXÚRIA - LIVRO 1

MARI SALES



?

Virgem e
MINHA

FESTA DA LUXÚRIA - LIVRO 1

MARI SALES

1ª. Edição

2022

Copyright © Mari Sales

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Edição Digital: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Dedicatória](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outras Obras](#)

Dedicatória

Para os desamores que a vida me proporcionou, gerando raiva e julgamento. O que não aceitava em mim, repudiava no outro. Aprendi. Tomei como aprendizado e o transformei em histórias que ressignificaram minha dor.

Sinopse

O bilionário Rômulo Montenegro buscava experiências fora do padrão, promovendo com discrição e sigilo a Festa da Luxúria, em uma cobertura em Dualópolis.

Patrícia Teixeira estava disposta a fazer qualquer coisa para pagar as contas em atraso, inclusive ir a uma festa exclusiva para maiores de idade. Ela aceitou a oferta da amiga e receberia uma generosa quantia pela presença. Apesar da participação nas dinâmicas não ser obrigatória, ela era uma virgem em meio ao fetiche e despudor.

Para não ser notada, Patrícia se refugiou no único lugar proibido da cobertura: a sacada. Ela percebeu, tarde demais, que não estava sozinha. Sedutor e misterioso, o homem quis saber um pouco mais daquela que não seguia o padrão.

Então, ele a beijou.

Ela fugiu assustada.

Poucos minutos foram necessários para que ambos se conectassem. Rômulo a queria, para ser protagonista do seu fetiche. Patrícia era tímida e estava aprendendo a se libertar de antigas crenças. O desejo falou mais alto, as sensações calaram os

argumentos contrários e o amor, aquele que ninguém esperava, estava pronto para entrar em ação.

Assine a minha Newsletter: <http://bit.ly/37mPJGd>



Râmulo
MONTENEGRO

Prólogo

Por muito tempo pensei nos outros, no que eles gostariam e quais seus anseios, para não precisar dar satisfação para ninguém naquele momento da minha vida. O que eu fazia e como era feito, cabia apenas a mim e minha consciência.

Sem família e tendo apenas um cúmplice para compartilhar um segredo escandaloso, as Festas da Luxúria aconteciam em uma cobertura alugada em Dualópolis. Morávamos na capital, mas trazíamos pessoas de todas as cidades vizinhas para participarem.

Nudez, despudor e fetiche, tudo o que eu não tinha durante a semana, eu me esbaldava naquele dia. Se alguma mulher me agradava e ela topasse a proposta de ser *minha* pelo sábado e domingo, seguindo minhas regras e fazendo o que eu mandava, nós curtíamos um pouco mais além da sexta-feira.

O convite para participar da festa vinha com uma grande quantidade de dinheiro envolvido, além da coleta de informações pessoais do convidado. Eles não comentavam com ninguém e eram bem recompensados.

Ninguém sabia quem eram, na verdade, os anfitriões. Eu me misturava entre eles, trocando beijos, toques e intimidade com quem eu nunca mais veria em minha frente.

Minha vida era na capital. Meu coração estava em Dualópolis. Na verdade, meu tesão.

Eu decidia o que seria servido para comer e beber. Escolhia as músicas e algumas mulheres, pela aparência. Os homens vinham como seus convidados, alguns eram *sugar daddies* que queriam experimentar um momento de liberdade.

Todos eram revistados e suas bolsas ficavam na portaria, com Fernandes. Meu segurança fiel e funcionário de longa data era devoto ao trabalho e a atender os meus pedidos, não importava quão estranhos eram.

Era uma realidade paralela, o momento em que eu esquecia que estava sozinho no mundo, que apenas o trabalho me satisfazia e que fechar contratos me interessava muito mais do que uma mulher rebolando em meu colo. Eu me excitava, trepava e as fazia gozar tanto quanto eu.

Estava em busca de um outro tipo de clímax e sabia que não encontraria nas Festas da Luxúria. Eu apenas... protelava o inevitável e me enganava, não havia nada demais para o meu futuro.

Rômulo Montenegro nasceu em berço de ouro e não se encantaria por nada nesse mundo, porque estava cheio. Estafado. Bastava.

“Estamos em busca de um novo amanhecer

Mas quando o céu cair

Estarei bem aqui esperando

Estou sobrecarregado nesta noite

Mas dentro da minha mente

Você estará bem aqui esperando”

Mazare – Vagrant (feat. Young Medicine)

Escutei a música aumentar de volume e virei o rosto para trás. Estava na sacada, o único lugar restrito para os convidados e meu refúgio. A porta de vidro coberta por cortina se abriu e Marlon de San Marino apareceu, sorrindo.

— Está na hora de começar o show.

— Vamos. — Assenti com a cabeça e o segui para dentro, meu corpo vibrava e minha ereção já se formava.

Estava pronto para o sexo e para a próxima boceta que me faria esquecer que, apesar de cheio, eu me sentia cada vez mais vazio.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 1

O orgulho poderia te fazer agir das piores maneiras. Eu precisava de dinheiro e minha amiga, que também era vizinha, me deu uma alternativa. A escolha era minha, eu poderia ter recusado, mas os três meses de aluguéis atrasados, além da energia cortada, me fizeram reagir.

Não pensei, nem fiz as análises de risco. Aceitei.

— Até parece que você vai para o abatedouro. É só uma festa, Patrícia.

— Você está acostumada a essas liberdades e modernidades. Sabe que eu tenho muitos anos de terapia para fazer e me desprender de conceitos antigos.

— Você não vai com essa calcinha. — Ela abriu minha gaveta e tentei não surtar por ter alguém mexendo nas minhas coisas pessoais.

Estávamos no meu quarto, na quitinete que eu morava ao lado da dela. Simone era um mulherão, que não se intimidava em usar decotes, sutiã à mostra e calça justa, salientando o fio dental. Eu era seu oposto, odiava qualquer coisa que me incomodasse, principalmente pano dobrado na bunda.

As palavras da minha mãe ecoavam na minha mente e eu as afastei, mas elas tinham força. *Nunca sente no vaso que não*

seja da sua casa, não compartilhe roupa íntima, mulher tem que se manter casta até o casamento.

Mesmo depois da sua partida e do tanto que sofri para sair da fazenda e vir morar em uma das cidades próximas, com oportunidades de emprego, eu a sentia presente em minha vida.

A convivência com Simone me tornou um pouco maleável. No início, acreditava que ela era uma prostituta de luxo. Como ela era extrovertida e comunicativa, não consegui deixar passar batido e conversamos. A amizade se fortaleceu quando ela experimentou da minha comida e elogiou meus dotes culinários.

Pelo menos, em alguma coisa, eu era boa. Meu sonho de ser diplomata parecia distante, mas se não desse certo, eu me tornaria a faxineira – de luxo – dela.

O restaurante que eu trabalhava fechou, a padaria que eu fazia um bico me dispensou e apenas a senhora idosa, que morava na frente da quitinete, me chamava uma vez por semana para fazer sua compra de mercado.

Nunca pensei que uma pessoa poderia falir. Era o meu caso e estava entrando em desespero. Minha primeira experiência morando sozinha e trilhando o meu caminho sem ajuda de ninguém... eu falhei.

— Não vou usar uma calcinha sua, Simone — resmunguei quando vi a minha amiga sair do quarto e da quitinete. — Meu Deus, não está certo.

— Errado é você desistir dos seus sonhos por causa de uma roupa íntima. — Ela voltou com duas sacolas preta e roxa. O sol estava se pondo e eu precisaria acender a lanterna do celular, que estava conectado em uma extensão da tomada na casa dela. — Ganhei do meu daddy e ainda não usei. Está lavada e você pode ficar, como lembrança.

— É tão estranho você o chamar assim. Por que não apenas namorado? Noivo?

— Porque ele me paga e eu continuo livre. — Estendeu as sacolas e sorriu satisfeita. — Gosto da minha vida, do luxo com ele e da simplicidade do meu canto. Não fui feita para relacionamentos tradicionais, tudo está muito bem estipulado em contrato.

— Você tem um bom coração, merecia um marido rico.

— *Eu* sou a rica. — Piscou um olho e chacoalhou o que tinha em mãos, na minha frente. — Conceito antigo, Patrícia. Nada contra as famílias felizes, com filhos e tradição. Fui talhada para fugir do que é senso comum.

— Mais uma crença limitante? — Fiz uma careta e peguei as sacolas da mão dela.

— Digamos que o foco não é mais esse. Troque marido rico por ser feliz. Só isso.

— Como posso ser feliz se vou ser despejada por não pagar os aluguéis atrasados? Eu preciso estudar e estou indo a uma festa que tem putaria. E se...

— Ninguém vai te desrespeitar e já te falei do esconderijo, na sacada. — Ela se aproximou e segurou meus ombros com carinho. — Com tanta gente no meio, querendo ser melhor que o outro, você vai passar batida. Bata o ponto, fique até três da manhã e receba o pagamento.

— E se alguém quiser algo?

— Amiga, apagada como você gosta de ser...

Suas palavras morreram assim que a dor veio e deveria estar nítida em meu olhar. Dei um passo para trás e fui para o banheiro, tinha que tomar banho, secar o cabelo com o aparelho portátil e conectado à extensão de Simone e fazer uma maquiagem que me tornasse, pelo menos, um pouco bonita.

— Droga, Patrícia, não foi isso que eu quis dizer.

— Eu sei, não deixa de ser verdade. Quanto mais apagada, menos me notarão e eu não precisarei perder minha virgindade com ninguém para ganhar o pagamento.

A mensagem subliminar ficou no ar, eu queria feri-la tanto quanto ela fez. Tudo bem que Simone estava apenas usando minhas palavras contra mim, mas não ser notada só contribuía para o meu desespero de voltar para a fazenda e aceitar o emprego de cozinheira dos peões. Minha irmã estava feliz em continuar o legado da família, eu invoquei com o cargo de diplomata e alcançaria.

Pelo menos, tentaria.

As lágrimas escorreram enquanto a ducha me banhava. Terminei rápido, depois sequei o cabelo e, finalmente, encarei a lingerie que minha amiga me emprestaria. Não só a roupa íntima, mas um vestido preto de renda, com vários níveis de ajuste para o corpo.

Eu tinha peitos e quadris demais, enquanto ela parecia uma modelo de rede social, tudo no local certo, mas sem edição de imagem. Sempre na academia e com vida sexual ativa, a única atividade física que eu fazia era a caminhada até o ponto de ônibus e ida para a universidade.

Peguei a calcinha e não a conferi detalhadamente, apenas vesti. Ajeitei a renda na bunda, a costura na lombar abaixava. Ajeitava para cima, ela ficava entre minhas nádegas.

Céus, eu não queria me sentir uma prostituta. Simone não era uma, então, tinha que respirar fundo e pensar em liberdade. Eu era Patrícia Teixeira, tinha vinte e um anos e seria diplomata. Conheceria países, viveria de dialogar e ser tolerante, em prol da paz.

Fui respirando pausadamente e colocando a roupa. Não tinha sutiã, o vestido se ajustou ao meu corpo e eu me senti ousada demais. Quando me encarei no espelho, controlei a vontade de tirar tudo e abortar aquela missão.

— Patrícia! — Simone bateu à porta e seu tom de voz era preocupado.

Abri e coloquei apenas minha cabeça para fora, pedindo desculpas com o olhar. Ela não parecia magoada, estava mais ansiosa do que ofendida com as palavras que rebati.

— Estou quase terminando.

— Você já vestiu a roupa e está linda. Até o cabelo está mais iluminado.

— Quero passar despercebida, Simone. Você tem razão.

— Uma coisa é fato, mulheres se vestem para outras mulheres. Apesar de adorar fugir do padrão, nesse quesito, eu sou do time velhos conceitos. Mas você... sua beleza natural é para poucas.

— Estou me sentindo... não está apertado demais? — Empurrei a porta e me mostrei para ela.

Não queria me iludir com seu olhar brilhando e escrutínio satisfeito. Bateu palmas animada e se aproximou, ajeitando a barra do vestido. Depois mexeu em meu cabelo, analisando o que poderia ser feito.

— Se toda vez que eu te chamar de apagada, você me calar com esse brilho, vou usar da psicologia reversa e falar sempre.

— Então, eu vou trocar de roupa. Fiquei chateada, mas é o que preciso no momento.

— Se alguém te chamar para transar, só dizer não. — Tocou meu rosto e suavizou o sorriso. — Mas recomendo você observar e

naturalizar o sexo. É bom, Patrícia.

— Eu posso engravidar.

— A camisinha serve para evitar isso, além de outras coisas.

— Mas ele vai...

— Você vai gozar — falou lentamente e meu rosto esquentou. — A experiência que sua mãe teve com o sexo não precisa ser a sua.

— Os homens podem abusar do poder que tem sobre nós.

— Entre quatro paredes, acho bom usar, abusar e me fazer gozar. — Deu um tapa de leve no meu quadril e riu alto, da minha vergonha. — Se permita ter uma experiência diferente. Isso não vai te transformar na vergonha da sua família.

— De certa forma, eu já sou. Minha irmã está torcendo para que eu volte com o rabo entre as pernas.

— A única coisa que estará entre elas é um pau, mas — ergueu o dedo quando abri a boca em choque — hoje você vai prometer que irá assistir. Tome uma bebida, coma, depois vai para a sacada e espere até o horário. Vai dar tudo certo.

— Suas falas parecem normais, enquanto eu fico horrorizada.

— Se não fosse o sexo, você não estaria aqui. Por muito tempo, os homens eram os únicos que poderiam se permitir ter

prazer. A mulher também pode só abrir as pernas e gozar.

— Ainda é muito para mim. Acho que vou optar pelo trocar “marido rico” por “ser feliz”.

— Perfeito. Coloque a sandália, vou ajeitar seu cabelo e avisar o motorista que você está pronta.

Eu nunca estaria, mas iria despreparada para continuar na minha missão de ser diplomata.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 2

O edifício elegante me intimidou, por isso fiquei um pouco mais dentro do carro, encarando a entrada. Precisava não só de coragem, mas uma dose de liberdade para dar aquele passo.

“Me afaste

Porque tudo se quebra

Nós somos os erros de alguém

E acho que nada está mudando

Me ajude, eu não sou eu mesmo, estou me isolando

Você me faz sentir como se não merecesse ser salvo”

Dangerkids – Nothing Worth Saving

Eu não precisava ser socorrida por ninguém, apenas que as memórias me deixassem em paz. Soltei o ar com força, abri a porta do carro e acenei para o motorista em despedida. A pessoa que organizava aquele tipo de festa, com tanto luxo e regalias, deveria ter tudo na vida, inclusive a felicidade.

Entrei na recepção, um senhor simpático e educado aguardou que eu me aproximasse. Atrás do balcão, com uma postura profissional, ele não parecia saber que estava indo para uma festa onde as pessoas esperavam transar em qualquer canto, com qualquer parceiro.

Senti minhas bochechas esquentarem, mas o homem não estava abalado pelo meu constrangimento.

— Vim para a festa — murmurei, com medo da minha voz ecoar pelo local. Tirei o convite da pequena bolsa, ele o pegou e continuou com a mão estendida. — Quer meu documento?

— Não, apenas sua bolsa. Nenhum acessório ou eletrônico é permitido. Tudo o que você precisar estará disponível na cobertura. Se não estiver, um dos nossos colaboradores irá providenciar o mais rápido possível.

— Oh! — Entreguei, sentindo-me nua e desprotegida sem meu celular por perto.

— Tem alguém que irá te ligar, caso aconteça uma emergência? — ele questionou, solícito. — Posso mandar te avisar.

— Não, ninguém irá me ligar. Só estou desacostumada. — Cruzei e descruzei meus braços, eu estava solta demais. — E...

— Sim, senhorita? — Apontou para o elevador. — Ele a aguarda, basta apertar o botão com o número 20.

— Não é isso, mas... — Queria perguntar do dinheiro, mas estava me sentindo a pior de todas. Abaixei a cabeça e queria me

esconder, não tinha outra alternativa que não fosse ser direta. — O pagamento?

— É sua primeira vez?

— Sim. — Ergui a cabeça, estava me assustando a naturalidade do homem. Talvez, a errada fosse eu, em achar tudo absurdo.

— Quando você for embora, eu estarei aqui, te devolvendo seus pertences e um envelope com o pagamento. Todos entram e saem por esse caminho, não tem erro.

— Tudo bem.

— Seja bem-vinda à Festa da Luxúria. Divirta-se.

Engoli em seco e dei um passo para trás, olhando ao redor e buscando o que ele tinha me desejado. Era apenas uma festa entre adultos, feita por um homem rico, que gostava de esbanjar.

Dei passos largos até o elevador, passei por um detector de metais e encarei a luz verde, estava tudo ok. Mentalizei que eu precisava passar despercebida e a sacada ser meu esconderijo.

Quando me encarei no espelho daquele cubículo de metal, vi uma mulher sexy e tímida, o contraste perfeito para denunciar que eu era uma penetra. Ninguém pedia identidade, mas saberiam que a verdadeira convidada tinha ficado e uma impostora veio em seu lugar. Menos uma para a brincadeira entre adultos.

O elevador subiu, aumentando o ritmo das batidas do meu coração. Quando a porta revelou a cobertura, minhas pernas se mexeram por vontade própria, por conta da beleza do local.

Sofás, esculturas e obras de arte enfeitavam o lugar. Pessoas dançavam, as luzes estavam baixas e o neon transformava o normal em sensual. Olhares vieram em minha direção, mas logo desviaram, porque baixei minha cabeça e caminhei em direção a um canto, para me esconder. Procurei a sacada, não iria explorar nada, até dar o horário.

Olhei para meu pulso, ao redor e gemi, não havia relógio para que eu consultasse se seria o momento certo.

— Merda — resmunguei e fiz uma careta.

Um homem com máscara preta e bandeja na mão se aproximou de mim. Com taças na superfície, ele me ofereceu sorrindo e peguei uma para tentar disfarçar meu medo. Quando se afastou, eu fui em direção a um corredor, onde tinha mais luzes e som ritmado.

Na mesma batida da música, meu corpo vibrou. Os pelos se eriçaram e minha temperatura subiu. Era quente e inebriante, o clima daquela cobertura contagiava.

Assim que vi corpos nus se movimentando no primeiro cômodo, voltei para a sala e, em seguida, para próximo da porta de entrada. Virei a bebida na boca e tomei tudo em alguns goles. Não era forte e minha língua apreciou o sabor, por isso busquei outra taça e tomei mais uma.

Meu peito não estava tão alucinado como antes, uma calmaria me dominou. Busquei mais uma taça, já estava sorrindo e não me sentindo intimidada pelas pessoas que conversavam e me ignoravam.

Apagada. Passando despercebida. Se eu era apenas um inseto invisível em meio àquela perdição, não custava nada espiar. Ninguém me conhecia e eu não reconhecia nenhum rosto.

Dei passos cautelosos de volta ao corredor, um casal andava pelo lugar e observava o que tinha nos quartos. Sem portas e expostos, eram pessoas que queriam se exhibir para qualquer curioso.

Perguntei-me se Simone era aquela que olhava ou executava, eu não tinha apreço em vê-la em ação.

Escutei gemidos e fiquei um pouco escondida para ver um casal contra a parede. Os quadris se esfregando, as coxas se movimentando e os corpos, subindo e descendo. Entre minhas pernas, senti uma pressão diferente e apertei-as, assombrada.

Tomei mais da bebida e virei em seus rostos, a mulher estava com os olhos fechados enquanto o homem a encarava, com desejo e atenção. Analisei seus seios pressionados ao tórax do homem, a nudez se mesclando, não sabia onde começava um e terminava o outro.

Arfando e rebolando, a mulher gemia cada vez mais alto, sobre a música e me excitando também.

Sentindo que estava indo além do que eu suportava, afastei-me na direção contrária e encontrei uma escada. Subi os degraus e o vento bateu no meu rosto, me ajudando a recobrar a postura.

Desde quando eu tinha me tornado uma apreciadora em ver? Simone costumava me mostrar alguns vídeos na internet, comentando que fez naquela posição ou daquele jeito, mas eram suficientes cinco segundos, para que eu olhasse para outro lugar.

Vergonha. Mas, naquele momento, eu só sentia excitação.

Bebericando da taça ao invés de tomar como água, olhei para as pessoas na piscina, outros nos sofás e os vi felizes. Ninguém estava julgando ou preocupados em serem expostos, ali era um lugar seguro.

Apreciei o céu e a vista alguns minutos antes de voltar para a parte de baixo. Busquei mais bebida, sorri para ninguém em especial ao perceber que, pelo menos por um minuto, eu não queria ser apagada. Por mais que eu fosse dizer não, um daqueles homens confiantes e cheios de paixão poderia me fazer experimentar algo novo.

Eu queria fazer diferente.

Apoiei meu ombro na cortina e cruzei os braços, tropeçando ao sentir que tinha uma brecha atrás dela. Afastei o tecido e lembrei-me da sacada, eu estava bem na porta e tinha um palmo aberta. O melhor a fazer era ficar escondida, esperar o céu clarear e voltar para a minha vida pacata. Minha experiência na Festa da Luxúria tinha chegado ao fim.



Râmulo
MONTENEGRO

Capítulo 3

Virei o rosto e acompanhei a pequena mulher invadir o meu espaço. Abri a boca, pronto para expulsar aquela que estava infringindo uma das regras para o evento, mas me calei, quando a vi fechar a porta e se sentar no chão, entre dois grandes vasos de planta.

Por estarmos no escuro, ela não reparou que estava com companhia. Sentado, tomando o meu uísque e pensando na vida, já que o dia não foi um dos melhores e eu precisava de um tempo a mais para entrar no clima, observei silencioso aquela intrusa.

Fui surpreendido quando ela se posicionou entre os vasos, de uma forma, que inclinou a cabeça, fechou os olhos e permaneceu. Ela iria dormir ao invés de curtir a festa, não estava sendo paga para isso.

Usando minha experiência profissional, o que fugia do padrão, deveria ser analisado antes de julgado. Muitas ideias que saíam do senso comum era o que faziam o sucesso da minha empresa, por isso, observei.

O cabelo levemente bagunçado, os lábios no tamanho certo e as pernas grossas indicavam que ela não era uma das modelos que meu colega escolhia. Do meu lado, quem decidia sobre as participações era Fernandes e ele conhecia meus gostos. Preferia

as exibicionistas, não conservadoras. A minha realização fetichista era transformar uma mulher sexy em dona de casa.

Havia aqueles que gostavam de filme de terror, outros que gozavam assistindo mulheres nuas dançando... eu me enchia de tesão sabendo que debaixo de um uniforme tinha um mulherão pronta para ser minha, só minha.

Era algo íntimo, uma fantasia sexual que me acompanhava há um tempo, desde que me interessei por uma. Sabendo que era errado, analisei as possibilidades e encontrei uma forma de ser consensual. Para alguns, ainda estava errado, mas no fim, nós transávamos e nos satisfazíamos. Aqueles que gostavam de ser dominados encontravam parceiras à altura.

Eu me excitava estando no poder.

“Estou farto de tudo

Está tudo na minha cabeça

Está perseguindo o escuro

Eu não posso deixá-lo entrar

Eu quero segurar

E nunca deixe ir

Mas a verdade atinge meu coração

E tudo que eu sei”

4th Point – Sick of It All

A música me incentivou a ficar de pé. Deveria repreender aquela mulher, mas estava curioso demais para saber os motivos que a levavam a não querer estar entre pessoas bonitas e sexuais.

Agachei-me ao lado dela, nem percebeu minha presença. Próximo, eu senti seu cheiro, identifiquei as pintas e marcas em seu rosto. Caramba, ela era linda. Não de um jeito padrão, muito menos excepcional como aquelas que se maquiam para serem perfeitas. A mulher, de olhos fechados e postura relaxada, era bela como uma flor. Natural.

Meu interesse foi despertado, era com ela que eu queria passar o fim de semana, sendo patrão e empregada. Soltei o ar com força, para controlar a ereção que estava se formando e o ar atingiu seu rosto. Abriu os olhos arregalados e tentou se afastar, mas ela já estava encurralada.

— Droga. Céus, desculpa. Eu não poderia estar aqui. — Ela tentou se levantar, mas coloquei a mão em seu ombro, para que não saísse do lugar.

— Está tudo bem.

— Não. Eu não deveria estar aqui.

— Fique calma. Eu não conto se você não contar. — Suavizei o olhar e ela parou os movimentos, hipnotizada ao me

encarar. Poucos me conheciam na cidade, mas muitos sabiam quem eu era, pelas notícias na televisão. — Olá.

— Oi — cumprimentou, aturdida.

— Sou Rômulo, e você?

— Patrícia. — Umedeceu os lábios com a língua e tentou sorrir. — Será que não vamos nos encenar ficando aqui?

— Vai dar tudo certo. — Indiquei com o queixo. — Podemos nos sentar nas cadeiras, acho que ficará mais confortável.

— Sim. — Estendeu a mão e me levantei, antes de ajudá-la a ficar de pé. A sensação de calor, a energia que compartilhamos, com apenas aquele toque, me deixou ainda mais excitado.

Ainda bem que estava escuro o suficiente para que ela não visse minha ereção, já estava em seu ápice. Não iria transar naquele lugar, mas com certeza a convidaria para o andar de baixo, havia uma suíte privada para aquele momento.

Ela se sentou, passando a mão pela parte de trás das coxas e eu voltei a segurar meu copo de uísque, esquecendo o que realmente me chateava para estar excluído naquele canto.

— A vista daqui é linda — ela comentou, demonstrando nervosismo com as mãos em seu colo.

— Sim — murmurei, porque estava tão acostumado, que não me permitia analisar o que estava à minha frente. — Dualópis

está crescendo, cada vez mais as luzes se afastam do centro da cidade.

— Minha mãe nasceu aqui, na época que tinha apenas o centro asfaltado. Hoje tem prédios, shopping e faculdade.

— A família Duarte se empenhou para que o progresso chegasse aqui.

— Você os conhece? — ela perguntou, menos tensa. — Todos falam deles e da empreiteira. A maioria dos estudantes querem ser engenheiros e arquitetos para trabalharem nela.

— E você não?

— Sempre fui diferente. — Soltou um riso irônico e baixo, cruzou os braços e pernas, se fechando para o assunto. — Quero ser diplomata.

— Precisa ter faculdade para isso?

— Não, mas enquanto eu estudo para as provas, posso me graduar em um curso que me ajudará no trabalho. Faço História. — Mordeu o lábio inferior e me encarou, ela nem percebia que estava me deixando cada vez mais excitado. A atração por Patrícia era tão natural. — Deve achar que sou sonhadora demais.

— Não, acho que toda profissão tem seu valor, ainda mais quando se empenha para alcançá-la. — Tomei um gole de uísque e encarei seus lábios, os dentes tinham dado trégua e ficou apenas o carmim que me deixava com tesão. — O que uma futura diplomata está fazendo em uma festa como essa?

— Merda. — Ela se levantou, eu tinha pressionado demais. Estendi a mão para segurar em seu pulso, não queria que fosse embora. — Você deve achar que tudo é mentira. Sinto muito, eu vou voltar para a sala.

— Fique. Minha pergunta não tinha a intenção de te julgar. — Demonstrei com o olhar, que eu estava sendo sincero e ela voltou a se sentar.

Sua pele era sedosa e eu só conseguia nos imaginar na horizontal, comigo entrando e saindo dela, fodendo seu corpo com meu pau, e sua boca, com minha língua. Soltei-a para recobrar um pouco do equilíbrio, a vontade era de puxá-la para o meu colo e começarmos o que nem estava acordado.

Eu não era de muito papo, mas com Patrícia, eu queria saber um pouco mais, antes de fazê-la gemer debaixo de mim.

— A gente não vai se ver novamente mesmo — deu de ombros —, então eu vou falar: estou desempregada. Três meses de aluguéis atrasados, luz cortada e geladeira vazia. Minha vizinha tinha esse convite e me cedeu, foi um grito de desespero.

— Então, você não foi escolhida.

— O quê? — Ela colocou a mão na boca e escondeu o riso nervoso. — Como todos dizem, sou apagada demais para ser reparada. Só quero que o horário chegue, para pegar o dinheiro e voltar a estudar. — Ergueu o indicado. — Também preciso de um emprego urgente, porque eu não teria coragem de voltar a uma festa dessa novamente.

— Você é adulta, certo?

— Vinte e um, respondo por meus crimes em quase todos os países. Ou todos. — Ficou confusa e riu novamente. — Acho que o efeito da bebida começou. Tudo o que penso ou lembro, me dá vontade de rir. — Apontou para a porta e se inclinou na minha direção. — Você viu o que eles fazem na frente dos outros?

— Sexo. Há quem gosta de ver, outros de fazer. — Mantive-me sério, porque eu queria roubar um beijo dela, mas não seria adequado. Além de exalar inexperiência, estava alcoolizada, ou seja, fora do meu alcance pervertido.

— Meu Deus. — Colocou as mãos no rosto e riu um pouco mais. — Será que conta como minha primeira vez? Eu vi o cara... ele entrou... saiu... então...

Virgem.

Putta que pariu.

O que uma virgem fazia naquela festa, eu não sabia, mas estava cada vez mais interessado e não terminaria a conversa tão cedo.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 4

Falar sobre sexo era vergonhoso, mas estava cada vez pior, ao lado de um estranho. Talvez, a confiança de que eu nunca mais o veria, me deixava livre para errar ou ser quem eu não era.

Alguém escondida debaixo da minha carcaça apagada.

Encarando o estranho, enquanto eu ria de algo que não tinha graça nenhuma, eu me sentia desejada. Afinal, eu não passaria tão despercebida assim, tendo um homem elegante e de olhar intenso para conversar.

— Desculpe, acho que bebi demais. Não estou acostumada.

— Tudo bem, não fez nada de errado. Então, não está acostumada com a liberdade sexual?

— Não. — Balancei a cabeça para salientar. — Não exagerei quando disse que vir aqui foi puro desespero.

— Que tipo de emprego você está procurando?

— Sou boa cozinheira. — Ergui as sobrancelhas quando seu semblante mudou para admirado. — Sei que não tem nada a ver com o meu objetivo diplomata. Essa festa será apenas uma história para contar, depois de anos efetivada na minha carreira, lá na Alemanha.

— Muito longe?

— Nada me prende. — Dei de ombros e Rômulo tomou um gole da sua bebida, sem desviar o olhar do meu. — Minha vez de fazer as perguntas.

— Sou apenas um solitário. — Encarou a vista maravilhosa da sacada, fugindo do meu interesse. — Não é a minha primeira vez, a propósito.

— Quem disse que quero saber sobre isso? — Fiz bico e ele continuou contemplativo. — Se é solitário, por que veio para uma festa como essa? Vai me dizer que também estava precisando de dinheiro.

— Você me pegou, não tenho uma resposta coerente para o seu questionamento.

— Então, tentou se enturmar, só não conseguiu.

— Mais ou menos isso. — Voltou a me encarar e tomou todo o líquido do seu copo.

— Depois de tantas vezes, não enjoa? — Indiquei o lado de dentro com a cabeça. — Para mim foi tudo uau. Mas, e você?

— Diz como se eu estivesse velho demais. Sexo não é algo que a gente se cansa. O corpo pede, como a fome de comida ou o sono. Todo dia é necessário.

— Você faz todo dia?

Foi a vez dele rir, fechou os olhos brevemente e depois me encarou. Havia malícia, mas também, algo que me deixava

confortável mesmo ele sendo um estranho.

— Se eu tivesse uma companheira disponível, ou várias, com certeza. Duas vezes ao dia, igual um remédio controlado.

— Meu Deus — arfei e cruzei as pernas, sentindo meu corpo reagir aquela fala.

— Talvez seja algo distante da sua realidade, porque nunca experimentou. Quando o fizer, depois me conte.

— Dizem que a primeira vez dói.

— Apenas para aquelas que não estão relaxadas o suficiente. Em nossa festa, homens e mulheres são iguais ao prazer.

— Ou seja, só as experientes vêm.

— Não. Já tivemos primeiras vezes, de ambos os sexos. Quanto menos tensão, mais conforto e êxtase. Quer experimentar?

— Estou bem aqui. — Descruzei e cruzei a perna, incomodada de um jeito diferente. Não poderia dizer que era ruim, porque a sensação no meu ventre era como se estivesse em uma montanha-russa. Bom, ao mesmo tempo que assustador de tão emocionante. — Você trabalha?

— Sim.

— Com o quê?

— Mercado financeiro.

— Você tem cara de adorar os números. — Coloquei a mão no queixo e fingi analisá-lo. — E também de ovos mexidos para o café da manhã. Aqueles com a gema mole, para misturar com a torrada. — Fiz uma careta e ele sorriu, maravilhado.

— Não sabia que meu café da manhã estava tatuado em minha testa. Meu favorito é outro, mas eu os como desse jeito.

— Foi apenas um palpite. Deveria ter guardado essa sorte para um bilhete de loteria. Mas, nem dinheiro para me arriscar eu tenho. — Cruzei os braços, um vento mais forte me fez arrepiar.

— Aqui. — Ele tirou o paletó e colocou nos meus ombros. Fiquei acanhada, mas agradei com um murmúrio. — Ia dizer para entrarmos, mas estamos fugindo da festa, não é mesmo?

— Sim. Até que os donos venham e nos expulsem. — Franzi a testa, percebendo que a ocupação dele poderia lhe dar muito mais dinheiro do que a participação na festa. — Rômulo?

— Sim.

— Você... — Não continuei, porque eu faria uma pergunta muito pessoal e poderia estourar nossa bolha. Estava bom passar o tempo com aquele estranho, pelo menos economizaria meus olhos com a intimidade alheia. — Gosta de peixe?

— Frutos do mar não me atraem. — Franziu a testa, percebendo que eu faria outra pergunta, não aquela. — Gosto de carne e salada.

— Churrasco não é comigo. — Abracei o paletó e senti o cheio inebriante do homem. Ele percebeu que eu inspirava profundamente, mas não disse nada. — Risoto?

— Se for com queijo e frango, aprovo.

— Carne seca com abóbora?

— Parmesão. Acabou seu poder de adivinhação, Patrícia.

— Droga — fingi chateação e ele riu com leveza. — Devo estar estragando sua noite.

— Por que diz isso?

— Falando de comida ao invés de comer alguém. — Era para ter sido uma piada – e foi –, mas estava longe do meu normal dizer algo como aquilo. Comecei a tossir e ele bateu de leve nas minhas costas, se divertindo com a situação. — Ignora.

— É verdade, eu poderia estar comendo, mas optei por experimentar uma iguaria exótica.

— Eu... eu não... nós não. — Coloquei as mãos na frente, em sua direção, para impedi-lo de me imaginar transando com ele.

Então, fui eu que idealizei, sentada em seu colo, indo para frente e para trás, igual a um vídeo que eu vi e Simone falou que assim esfregaria melhor o clitóris. Como alguém, tão tímida e recatada, poderia ter uma amiga desinibida, eu não sabia explicar, mas comecei a ver as vantagens e desvantagens.

Mente fértil além do necessário.

— Posso fazer algo? — ele perguntou, com rouquidão. Pisquei os olhos várias vezes e ele aproximou suas mãos das minhas. — Vou te tocar e você me diz quando parar.

— O que vai fazer?

— Relaxa. — Ergueu o indicador, tirou o celular do bolso do paletó que estava comigo e mexeu nele. Abri a boca em choque, ninguém poderia usar eletrônico. — Não vamos transar, nem vou ultrapassar limites. Vou, apenas, te fazer sentir algo diferente.

“Porque eu pude ver os demônios

Eu costumava ouvir eles gritando

Assim que eles pegarem você

Não há retorno

Alegre-se e relaxe

Você nunca pode voltar”

Danny Blu – Paradise City

Deixei-o segurar minhas mãos e as colocou em seu peito. Tocando meus pulsos, fazendo carícias com os polegares, ele me encarava ao mesmo tempo que me firmava naquela posição.

Ele estava com o coração acelerado tanto quanto o meu.

Assim que suspirei, ele foi descendo a mão, vagarosamente. Senti a rigidez do seu corpo, o eco das batidas aceleradas em seu peito e os seus músculos.

Relaxando cada vez mais, ele escorregou enquanto eu me inclinava em sua direção. Quando meu rosto ficou próximo do dele, eu senti a dureza do seu cinto. Um movimento para baixo e eu sentiria o seu sexo.

— Acho que chegamos em um limite — murmurei.

— Talvez, no seu. O meu, nem é o começo. — Umedeceu os lábios e olhou para os meus. — Quero te beijar. Apenas um beijo, Patrícia.

Respondi avançando nele, chocando meus dentes em seus lábios e rindo de nervoso. Isso fez com que minhas mãos escorregassem para baixo e rapidamente as levantei, porque senti o seu pênis ereto, como se fosse algo a se repudiar.

Quando seus lábios se movimentaram com lentidão e sensualidade nos meus, sua língua tocou a minha e uma explosão de sensações me inebriou. O quente e frio da sua boca, o abrir e fechar, além da pressão foram me dando forças para ousar.

Sua mão voltou para meu pulso e, novamente, do seu coração até a virilha, ele me guiou enquanto me beijava. Cauteloso, mas não menos intenso, ele fez com que eu enchesse minha mão com sua ereção e apertasse.

Gememos juntos, pelo limite ultrapassado e a sensação de pecado me dominasse. Virei a cabeça e o devorei, assumindo meu papel de rebelde, aquela que não quer seguir o mesmo caminho trilhado pelos familiares.

Oh, era tão bom. Uma das mãos dele segurou em minha nuca com força enquanto a outra esfregava, me convidando a fazer o que quisesse com sua intimidade.

Entre o peso na consciência e a sensação de liberdade, ganhou a primeira. Com um rompante, levantei-me da cadeira, librei-me do paletó que estava em meus ombros e voltei para a festa, depois, em direção à saída.

Sendo o horário certo ou não, eu precisava fugir de ser a vagabunda que minha mãe previu. Meu futuro era ser diplomata e vulgaridades não tinham espaço.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 5

Equilibrando a cestinha de compras em uma das mãos enquanto eu conferia a data de validade de um produto com a outra, meu celular tocou. Esperança encheu meu peito, eu tinha entregado currículos em novos lugares durante a semana.

O dinheiro que ganhei, por participar daquela festa e ter minha mente perturbada por um homem irresistível, tinha sobrado e o investi em conseguir um novo emprego.

Coloquei o produto de volta na gôndola, segurei a cestinha com mais firmeza e tirei o celular do bolso traseiro da calça. Era um número desconhecido da região, tinha que ser uma oportunidade.

— Alô! — atendi, animada e apoiando no ombro o celular.

— Patrícia? — A voz masculina era conhecida e, por mais que eu tivesse deduzido quem poderia ser, eu fingi ignorância.

— Sim. Quem fala?

— Rômulo, nos falamos na sexta-feira passada. — Como fiquei reticente, ele soltou um riso baixo e continuou: — Na sacada, você saiu correndo.

— Sou ótima nisso.

Soltei o ar dos pulmões e tudo foi para o chão. Cesta, os itens que tinha pegado e o celular. Xinguei e agachei, desesperada

que o homem desligasse por conta daquela atrapalhada.

— Você ainda está aí? — O desespero em meu tom seria cômico, se não fosse real. Um misto de querer saber o motivo da sua ligação, ao mesmo tempo que não me recordava de lhe dar o meu número, encheu meu peito.

— Está tudo bem?

— Sim, eu me desequilibrei e deixei tudo cair no chão. Estou no Supermercado.

— Zanetti?

— Na sexta tem promoção no hortifruti. — Fechei os olhos e gemi, aquela informação não era relevante para ser compartilhada.

— Comida saudável, isso é bom.

— Como conseguiu meu número?

— Você o forneceu para meu funcionário, quando recebeu o pagamento. Ainda está procurando um emprego?

— Ah, lembrei. — Levantei-me, segurando bem a cesta e voltando as compras, mais concentrada em equilibrar todos os anexos ao meu corpo. — Não estou disponível para o tipo de emprego que pretende me oferecer. Uma vez foi o suficiente, o desespero passou.

— Nem ouviu minha proposta e irá recusar?

— Sou boa com comida, na faxina e trabalhos burocráticos, de escritório. Meu horário disponível é de tarde, porque de manhã eu tenho aula na faculdade. Então, estou fora do que almeja em uma funcionária.

— Para mim está ótimo, eu queria para a noite.

— Rômulo...

— Deixe-me reformular: gostaria de experimentar a sua comida. Foi exatamente para isso que eu te liguei. Fiquei pensando nos ovos mexidos e risoto de parmesão que comentou.

— Foi o de abóbora com carne seca.

— Não aguça meu paladar, mas também aceito, se for a sua condição.

— Sério isso?

— Com toda a certeza. Eu poderia ter Fernandes te ligando e acertando os detalhes, mas eu o fiz, pessoalmente. Acredite, eu quero você.

Aquelas palavras me aqueceram e me fizeram lembrar o beijo. Seu toque, a mão pecaminosa e as sensações inusitadas que eu experimentei. Foi um diferente bom, mas radical demais para meus anseios pacatos. Por mais que eu não quisesse voltar a ser moça apagada, era preferível passar despercebida quando o assunto era sexo.

Precisava conversar com Simone urgente, só ela para me acalmar e dizer o quanto tudo que aconteceu foi normal. Não tinha comentado sobre a festa, apenas que segui sua orientação e não tive nenhuma proposta indecente.

Céus, o que eu deveria fazer? Ele me queria e eu, nos meus sonhos pelo menos, queria ser dele também. Só uma vez, para experimentar e esquecer. Se eu fosse me unir a alguém, seria no meio da diplomacia, porque eu queria viajar o mundo e não me sentir presa, como aconteceu morando na fazenda com meus pais.

— Patrícia?

— Desculpe, eu divaguei e me esqueci de te responder. Então, está precisando de uma cozinheira?

— Não, eu quero a sua comida.

— Isso soa perturbador, Rômulo.

— Por que diz isso? É tão ruim alguém estar interessado em alguma habilidade que você tenha?

— Estou sendo péssima, sinto muito. Fiquei nervosa com sua ligação, eu não sou do tipo sociável, apesar de ansiar ser aquela que intermediará diálogos entre nações.

— Você afasta todas as possíveis oportunidades de emprego desse jeito.

— Apenas, me ignore. — Pressionei meus lábios com força, para não chorar no meio de uma ligação e com plateia.

Para acelerar o processo, não conferi preço, nem validade, apenas coloquei as coisas na cestinha para fechar a compra e ir para casa. Com o celular no ouvido ou não, só queria me refugiar no meu canto e esquecer que estava me autossabotando.

— Dificilmente conseguirá isso de mim, Patrícia. Pensei em você a semana inteira.

— Sua cozinheira não está fazendo um bom trabalho, então.

— Ah, ela faz, mas você é diferente.

— Com certeza, eu não sou todo mundo. Já dizia minha mãe. — Tentei rir, mas ativou a emoção de saudade. Como eu sentia falta dos meus pais, por mais que a separação tivesse sido benéfica em outros pontos.

— Então, o que acha? Eu pagarei bem para experimentar a sua comida. Você fez uma boa propaganda da sua habilidade. Ou já tem um emprego e não precisa de algo mais?

Aquela pergunta me fazia ir além, deduzir que haveria muito mais do que uma simples jornada na cozinha. A questão era que eu duelava entre pagar para ver com o me resguardar.

— Quando você precisará de mim?

— Hoje, amanhã e domingo. — A animação dele fez minhas bochechas esquentarem. — De preferência, que fique no meu apartamento.

— Quanto?

— Dez vezes mais do que foi na festa.

— Não — soltei, ríspida.

— O que disse?

— Nem se fosse o mesmo valor da festa, o meu trabalho não vale tudo isso. Você vai querer mais coisas para compensar esse pagamento e eu não estou disponível para oferecer. — Estava ofegando ao fim daquele desabafo. Eu não era prostituta, muito menos liberal como Simone. Aprendi a não julgar, mas ainda havia conceitos que estavam longe de se tornarem válidos em minha vida. — Olha aqui, Rômulo...

— É a primeira vez que negocio para pagar menos. Todos querem meu dinheiro, muitos acham que sou injusto com pagamentos. Pelo visto, sou mesmo. Até você está questionando. — Ele estava sereno, tranquilo.

— Melhor esquecermos o que aconteceu. Ofereci meu telefone para Fernandes, porque ele tinha me falado sobre uma vaga de emprego com um conhecido. Não era para seguir o mesmo padrão da festa. — Suspirei. — Fiquei marcada para o resto da vida.

— Posso refazer a proposta então, Patrícia?

— Não há o que dizer. Eu não irei nesses termos.

— Minha intenção era única e exclusiva em te ajudar. Confesso, fui cativado pela sua determinação em alcançar um objetivo que parece distante. Eu já fui assim e tive alguém que me apoiou.

— Obrigada, mas eu gosto de lutar minhas batalhas. Dinheiro resolve muita coisa, mas nem sempre é o melhor caminho a ser trilhado. Como disse, eu só fui à festa no lugar da minha amiga, porque eu estava desesperada. Sem energia e com três meses de aluguéis atrasados', eu ficaria na rua e com meu nome sujo. Não deixarei chegar nesse ponto, já entrei em acordo comigo mesma, eu voltarei para a fazenda e desistirei de tudo.

— Então, aceite trabalhar comigo. Uma noite e dois dias completos, domingo de noite eu te levo de volta para a sua casa. Pagarei o que você sugerir.

— Nem mais, nem menos. Se você me pedisse como amigo, eu iria sem cobrar nada.

— Isso quer dizer que aceita?

Fui para a fila do caixa, olhei ao redor e não vi nada além dos meus pensamentos. De certa forma, eu tinha concordado. Ele me transmitia segurança, ou era apenas meu lado iludido que se envolveu com seu tom sensual e palavras irresistíveis.

— Sim, Rômulo. Eu aceito.

— Que bom, você não vai se arrepender. — Escutei sua respiração e me arrepiei. — Poderia me enviar a localização da sua residência? Estou na capital e ficaremos por aqui, no meu apartamento oficial.

— Não vai ter festa essa semana?

— Apenas a nossa. — Riu baixo e o acompanhei. — Obrigado pelo voto de confiança, Patrícia. Será bom, para os dois.

— Assim espero. Quando chegar em casa, eu te mando o endereço. Até mais, Rômulo.

— Ansiando em conhecer seu sabor, cozinheira. — Sedutor e cheio de segundas intenções, ele encerrou a ligação e me deixou em choque.

Eu ficaria em seu apartamento, na capital e aceitei na empolgação. Mil e um cenários aterrorizantes e que remetiam aos sermões da minha mãe, quando eu ia da fazenda para a casa de uma amiga do colégio.

A vontade de cancelar era grande, mas meu coração gritava novas experiências, além do retorno financeiro. Não estava podendo me dar ao luxo de recusar oportunidades, teria que me arriscar.

Conhecer meu sabor... oh, eu lembrava muito bem do dele e não teria para onde correr caso ele repetisse aquele movimento. A questão era: eu o conhecia e não queria resistir.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 6

Coloquei minhas roupas na minha bolsa de faculdade e andei de um lado para o outro, pela quitinete. O nervosismo e a insegurança estavam revirando meu estômago, além de criar fantasias de terror em minha mente.

Vi minha vizinha passar pela janela de casa e saí atrás dela.

— Simone! — Segurei em seu pulso, ela estava sorridente e com roupa elegante. — Posso te pedir um favor?

— Claro. Está tudo bem? — Franziu a testa e abriu a porta da casa dela, me levando para dentro.

— Eu vou... eu conheci... então...

— Sabia que tinha algo que você não estava me contando. — Ela foi até a geladeira e pegou uma garrafa de isotônico. Sua quitinete era bem decorada e com os móveis nos locais certos, diferente da minha, que era um monte de achados e encaixados. — Quem é ele?

— Rômulo.

Ela cuspiu e arregalou os olhos. Começou a tossir e a rir, estava me deixando mais nervosa do que já me sentia.

— Você sabe quem é ele? É ruim?

— Depende do ponto de vista. — Foi para a pia, pegou um pano de prato e limpou a boca e o corpo. — Você foi escolhida pelo Rômulo Montenegro? Mas você voltou da festa mais cedo, tem algo estranho aí.

— Como sabe que esse homem é o mesmo que eu conversei?

— Porque só existe um ricaço com dinheiro suficiente para tal extravagância e eu já o vi. O que mais aconteceu?

— Apenas conversamos, ele me ofereceu um bico de cozinha.

Ela voltou a rir e eu queria me esconder. Odiava ser a inexperiente, a que não entendia a piada ou não tinha conhecimento o suficiente. Mas, não tinha como ser diferente, já que eu continuava presa dentro dos valores que fui criada.

— Desculpe, Patrícia. Estou tão acostumada a ir nesses lugares e conhecer os homens poderosos, que foi um tanto divertido ver o grande Rômulo Montenegro interessado em você. Logo você.

— Sei que sou apagada...

— Não é por isso. — Ela ficou séria e veio até mim. — Se eu pudesse pegar as palavras de volta, faria e engoliria sem água. Você gosta de se esconder, ser menos do que é capaz. Eu me expressei mal e a prova disso é que Rômulo está interessado em você.

— Ele quer que eu faça comida, apenas isso. Comentei que todos gostam e isso chamou atenção. — Dei de ombros e encarei o chão.

— O homem tem fetiche por mulheres arrumando a casa. — Arregalei os olhos para a revelação de Simone. — Seja cozinhando, arrumando a cama ou tirando o pó dos móveis, ele se excita assim.

— Meu Deus!

— Nem pense em julgá-lo. Pare agora mesmo. — Colocou a mão em meu rosto e fechei meus olhos. — Uma coisa é o envolvimento não consentido, ou mesmo a sedução unilateral. Outra coisa é você, vinte e um anos, virgem, tendo a oportunidade de realizar uma fantasia sexual.

— Isso é depravado.

— Ah, com certeza. E quem disse que é crime? — Ela tirou a mão do meu rosto e eu tinha me acalmado. Encarei-a confusa, a guerra entre liberdade e preconceito estava em seu ápice em meu peito. — Quem dita o que é certo ou errado, minha amiga, são os participantes do ato.

— Ele faz sexo com as empregadas dele?

— Não! — Negou com a cabeça e deu um passo para trás. — Aí que está o julgamento errado. Ele tem as funcionárias, é um empresário respeitado e honesto. Imaginei que poderia ser ele a promover a festinha de sexta, já o tinha visto lá e reconhecido. Mas Rômulo é reservado, discreto e muito misterioso.

— Ele me pareceu... normal.

— Claro, um dos herdeiros do Grupo Montenegro é o homem mais sem graça do mundo. Só você, Patrícia. — Ela se jogou no sofá e me analisou, eu não sabia o que falar, muito menos controlar os sentimentos que me impediam de reagir. — Amiga, esse papo de que temos que nos casar virgens, que a primeira vez dói e tudo mais, é passado. Se permita viver uma experiência diferente, até para que você possa exigir do parceiro como você gosta, daquele que viverá o resto da vida ao seu lado.

— Você pede?

— Com certeza. Use mais língua, chupe meus seios, mete mais fundo. — Ela riu enquanto eu ficava cada vez mais envergonhada. — Estou dizendo, porque somos amigas. Mas entre quatro paredes, pode tudo. Deve fazer o que você gosta. Experimente acordar e ter um orgasmo, você não terá motivo para se chatear.

— Sexo não tem o poder de mudar o humor de alguém.

— Diz aquela que nunca tentou. — Balançou a cabeça. — Então, você vai passar o fim de semana com ele. Use camisinha e aproveite o luxo.

— O que isso quer dizer sobre mim? A futura diplomata se envolveu com fetiche...

— Desde quando a sua vida sexual é da conta de outros? Como te disse, Rômulo é discreto e você poderá gritar enquanto

goza alucinada com aquela língua que nunca vi, mas deve fazer magia. Ninguém saberá, use isso a seu favor.

— Você sabe. Não só o que vou fazer, mas o que outras fizeram. — Esfreguei as mãos em meu rosto, frustrada. — Por isso ele queria pagar mais, fiz o certo em aceitar apenas o que me cabia. Não sou prostituta.

— Nem eu, mas aceito presentes e dinheiro, se a pessoa que eu estou interessada em foder, quer me dar. Todos saem ganhando e eu não faço pelo dinheiro, mas porque eu quero. — Ela pegou o controle da televisão e ligou, eu estava com medo de tê-la ofendido. — Já tentei me relacionar sem envolver dinheiro e me tornei ONG de macho. Estou farta dessa vida, eu quero ser madame. Minha escolha, não precisa ser a sua.

— Mas está me incentivando a ir e realizar a fantasia sexual.

— Então, vou me corrigir. — Ela voltou a me encarar, séria. — Faça o que você quiser, Patrícia. A vida é sua, a boceta e o hímen também. Não dê ouvidos a essa vagabunda, que prefere ser comparada com uma profissional do sexo ao invés de uma mulher namorada. Tive três relacionamentos assim em dois anos, quando decidi agir dessa maneira. Sou prática e foda-se, ninguém paga minhas contas.

— Sinto muito, eu te ofendi.

— Merecido, por te chamar de apagada. Estamos quites, Vagalume. Venha me dar um abraço e me conte depois, o que

decidiu. Vamos esquecer essa conversa e continuar a nossa amizade sem as merdas no caminho.

Fui até ela, abracei-a apertado, comigo de pé e ela sentada. Ela era uma boa amiga, tinha os melhores conselhos, não queria estragar o que construímos.

— Que apelido foi esse?

— Combina com você. Se esconde no escuro, mas também é um dos poucos que brilha quando quer.

— Obrigada. — Fiquei emocionada e seu olhar suavizou. — Não queria brigar com você.

— Colocamos as cartas na mesa. Agora você sabe que, não importam os rótulos, se você quiser fazer, faça. Puta ou fodona, quem decide o rótulo é você.

O único título que me interessava era o de ser diplomata. Simone tinha razão, minha vida sexual não interessava a ninguém e eu não desperdiçaria mais uma oportunidade.



Râmulo
MONTENEGRO

Capítulo 7

Ela entrou no carro e seu cheiro se mesclou ao ar-condicionado. Ficou receosa e olhou ao redor antes de me encarar, eu não iria buscá-la com outro automóvel que não fosse o meu Porsche. Além de ir mais rápido, tinha conforto e a tecnologia necessária para atender à necessidade de ter uma acompanhante.

— Oi — cumprimentou, com seu jeito tímido e retraído.

Inclinei-me em sua direção e beijei seu rosto, eu queria tocá-la e fazer muito mais, porém, iria testando suas reações antes de lhe contar o que eu, realmente, queria para o nosso fim de semana.

Costumava ficar em Dualópis com minhas escolhidas, mas com Patrícia, eu sentia a necessidade de inovar. Ela não tinha me dado nenhuma indicação de que seria confiável, mas eu assumi que era alguém discreta tanto quanto eu.

Assustada por eu estar demorando demais com meus lábios em sua bochecha, ela virou o rosto assustada e me beijou a boca. Minha mão foi para a sua nuca, posicionei-a para que eu tivesse domínio da situação e colocasse minha língua na dela.

Ela suspirou e eu continuei, sendo o mais lento que eu conseguia, para deixá-la confiante de que pudesse interromper a qualquer momento. O sabor de menta e a língua cautelosa me excitaram ainda mais.

Tinha certeza de que os sonhos que eu tive com ela não fariam jus à realidade. Entregue e confiando sua primeira vez a mim, por mais obsceno que eu fosse. Não tinha atração por aquele tipo de situação, compartilhar dava menos trabalho do que ensinar, mas Patrícia não saiu da minha mente.

Para esquecê-la, eu teria que experimentar.

Sua mão veio para o meu peito e espalmou meu coração. Pensei que ela me daria a brecha para continuarmos o que paramos na cobertura, mas me empurrou e eu parei de beijá-la, contrariado. Eu não estava satisfeito com apenas alguns segundos dos seus lábios, minha língua queria mais do seu sabor e explorar a sua boca.

— Olá. — Sorri para relaxá-la, mas ela se encolheu e abraçou sua bolsa inchada. — Suas roupas estão tudo aí?

— Sim. Serão apenas dois dias.

— Você é diferente, Patrícia Teixeira.

— Já descobriu até o meu sobrenome?

— Você não sabe o meu? — Desafiei-a e pelo nervosismo e desvio do olhar, tinha certeza de que ela sabia mais do meu histórico do que gostaria que as pessoas conhecessem.

— Rômulo. CEO do Grupo Montenegro. Seria estranho eu aceitar ficar na casa de alguém sem, pelo menos, saber um pouco mais. Uma mulher indo para a casa de um homem, para... cozinhar.

— Exatamente. Amigos, você disse? — Acelerei o carro assim que ela afivelou o cinto e foquei na direção.

— Patrão e cozinheira. Já tem em mente o que vai querer para o jantar? Quer ir ao supermercado?

— Tenho tudo o que preciso em casa, pode ficar despreocupada. — Entrei na avenida principal de Dualópolis e acelerei um pouco mais, em direção à rodovia. — Ou tem algum ingrediente especial?

— Eu faço mágica com o que tem na dispensa, não se preocupe. — Abraçou um pouco mais a bolsa e suspirou. — Terá mais alguém no apartamento?

— Apenas nós dois. Não tenho amigos.

— Eu não conto? — soltou, impulsiva.

— Vou corrigir: estarei com a minha única amiga.

— É sério, você pode... conversar comigo. — Subiu os ombros e soltou. — Posso não ser mega inteligente, mas leio muito, sobre tudo.

— O que achou sobre a festa que patrocino toda sexta-feira, na cobertura?

— Oi? — Mordeu o lábio, peguei-a desprevenida.

— Ainda acredita que é um convite para o pecado?

— Eu não disse isso.

— Estou deduzindo, já que está difícil conseguir informações de você.

— São festas de adultos, para adultos. Envolve dinheiro e acho que muitas pessoas se sujeitariam a participar, apenas por isso – como foi o meu caso. Você oferece bebida, ambiente seguro e luxo, quem tinha de pagar eram os convidados, não você.

Fiquei sem palavras, porque discordei de tudo o que falou, mas um milésimo de segundo depois, me questionei. Então, recapitulei a nossa conversa no celular e o quanto ela era boa com os argumentos e lógica emocional, se é que essa habilidade existia.

— Você deveria ser advogada — murmurei, mais para mim, do que para ela.

— Precisarei conhecer as leis tão bem quanto uma, mas meu coração vibra mais forte quando falo de diplomacia. Representar uma nação, perante outras, é aonde eu quero chegar.

— Não te assusta?

— Tenho mais medo do que faremos esse fim de semana do que lidar com chefes de estado, confesso. — Solto um riso baixo e meu corpo se aqueceu. O sangue se concentrou no meu pau e foi inevitável a ereção começar a se formar.

— Não faremos nada que você não queira.

— Mas é desconhecido para mim. Como te falei, ninguém me nota, por eu ter uma aparência muito comum. Acho que é meu

instinto de sobrevivência, desconfiando de tudo, para não ser pega em alguma armadilha, seja ela física ou mental.

— Além de ter bons argumentos, sou um homem de princípios. Respeito acima de tudo, principalmente com as mulheres.

— Por isso que você paga para se relacionar com elas?

— A distância emocional que o dinheiro me dá é toda segurança que ambos precisam para serem livres. — Encarei-a por um segundo antes de focar na estrada. — Mas assumo que estou mudando alguns conceitos, depois do que me disse agora e antes.

— Olha, vagalumes. — Apontou para um canto e passamos por ele rapidamente. Quase parei para que ela tivesse acesso ao que a deixou tão encantada. — Acho que é um sinal.

— Do quê?

— Minha amiga, a mesma que trocou de lugar comigo, me chamou de vagalume. Consigo me esconder no escuro e passar por um inseto qualquer, mas quando quero, eu brilho. — Deu de ombros, desvalorizando o quanto aquela informação era preciosa para ela. — Bobagem.

— Ela tem razão, combina com você. — Estendi a mão e toquei seu joelho. De calça, eu não conseguia sentir o calor da sua pele, mas toda a energia que nos envolvia estava presente e aquecendo minha palma. — Quer ouvir uma música, Vagalume?

— Oh... eh... — Ficou tímida e apertei o botão de ligar no volante, para que minha mão se desconectasse dela.

“Dê uma chance, assuma o controle

Tome uma posição, deixe rolar

Eu sempre disse que nunca direi nunca

Hora de viver, hora de respirar

Hora de conseguir o que preciso

E eu não tenho medo de cair porque estou à beira de um sonho”

Stellar Revival – Edge of a Dream

Ela poderia não estar dizendo que entendia minhas segundas e terceiras intenções com nossa aproximação, mas correspondia aos meus estímulos. Sua mão foi até a minha e entrelaçou nossos dedos. Nunca me senti apto para um relacionamento, namoradas não faziam parte dos meus objetivos pessoais, nem profissionais. Formar uma família, sendo que eu tive uma ótima e próspera, era apenas um desperdício de energia. Ser solitário era minha única companhia.

Então, eu fiquei sozinho com minha empresa. Um tempo se passou e o vazio dominou, me fazendo realizar sonhos pelos quais

nunca ansiei. Encontrei-me nas Festas da Luxúria, no sexo e o prazer momentâneo. Ele me dava algum conforto, até que a sexta-feira chegasse para fazer tudo novamente.

Um padrão estava sendo quebrado. Nada de festas ou vazio, apenas uma grande curiosidade sobre Patrícia e todos os conceitos que ela iria bagunçar em minha vida.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 8

O prédio que estávamos na capital era mais elegante do que a cobertura em Dualópis. Branco, cinza e prateado dominavam a decoração, alguns elementos roxos me remetiam à luxúria e deveria ser um gosto pessoal de Rômulo.

— Esse é meu apartamento, fique à vontade para andar, olhar e utilizar. Só peço que não mexa muito no escritório, eu gosto do meu trabalho na linha. — Estendeu o braço e me deixou à sua frente, para que explorasse o lugar.

— Imagina que vou ser invasiva a esse ponto. Só preciso da cozinha e um sofá para dormir.

— Espero que te convença a ir para a cama. Uma cama.

Piscou um olho para suavizar o duplo sentido da frase e passou por mim, abrindo uma porta e acendendo a luz. Atrás dele, eu estava controlando minha vontade de virar uma poça ou de perguntar, quando eu vestiria a roupa de empregada e transaríamos.

— Aqui é a cozinha. Não me pergunte o lugar das coisas, eu só entro para abrir a geladeira e comer.

— Eu me viro. O que vai querer comer? — Coloquei minha bolsa em cima da pequena mesa e enchi meus olhos com aquele cômodo moderno e cheio de utensílios.

— Você... — virei-me abruptamente e ele continuou: — decide. Posso ficar observando enquanto você faz?

— É assim que funciona?

— O que você quer dizer?

Engoli em seco, sua confusão se misturava com minhas dúvidas. O beijo que trocamos no carro deveria me acalmar, ele estava interessado, seu sabor era maravilhoso e sua postura respeitosa, com pitadas de provocações fora dos limites, o tornavam sedutor.

Eu queria mais dele, só não sabia como agir para acionar meu lado vagalume. De recatada e preconceituosa, assim que entrei em seu carro, eu estava me tornando cada vez mais livre de julgamentos – principalmente dos meus próprios.

— Patrícia?

— Tem aquele vinho ou champanhe, que serviram na cobertura?

— Precisa beber para estar comigo? Acho que você não entendeu meu objetivo aqui.

— Sim, eu vou tomar, porque eu gostei. Mas só uma taça. O resto, vou utilizar no risoto. — Revirei os olhos para indicar que não me tinha ofendido. Na verdade, meu coração estava acelerado e estava prestes a surtar.

Altos e baixos, eu era uma montanha-russa de sensações, apenas estando no mesmo cômodo que Rômulo.

— Tenho algo mais refinado, se não for estragar sua receita. É um vinho espumante, de uma safra especial da Bortolini.

— Não conheço, mas tenho certeza de que servirá. Obrigada. — Ele se afastou e saiu da cozinha.

Com alguns segundos sozinha, consegui controlar minha respiração e colocar os pensamentos em ordem para lembrar o que eu precisaria para o jantar a dois. Sempre fiz grandes quantidades, para muitas pessoas, nunca algo tão íntimo e... sensual.

Ele voltou com duas garrafas e duas taças. Colocou-os em cima do balcão e trouxe um dos vinhos para que eu olhasse.

— Acho que já vi essa marca em algum lugar. A plantação de uva deles fica próximo da fazenda dos meus pais.

— Seus pais plantam uva também?

— Não, cana. Meus pais são falecidos, minha irmã que toca a fazenda. — Forcei o sorriso, para não pesar na conversa. — Arrendamos a terra para a usina de açúcar e combustível, cresci no meio do mato.

— Encantador. — Fez um movimento na tampa, sem tirar os olhos dos meus e sorriu, quando a tirou fazendo um barulho suave de estouro. — Um brinde às mudanças.

— Um brinde a quebra de tabus. — Soltei um riso nervoso e ele foi para o balcão nos servir. — Meu Deus, eu não sei o que estou fazendo, Rômulo.

— A felicidade, Vagalume. — Entregou-me a taça e tocamos uma na outra. Meu peito se encheu de expectativa e no meu ventre, um calor se iniciava.

Tomei um gole com a mão tremendo, assim que abaixei ele encostou sua boca na minha e compartilhamos um pouco mais da bebida. Não sei como consegui beijar e tomar, experimentar e me entregar, sem deixar nada cair no chão.

Um braço enlaçou minha cintura e nosso corpos se uniram, fervendo e implorando por mais conexão. Inclinei a cabeça para o outro lado e ousei, aprofundando o beijo e acelerando os movimentos dos meus lábios.

Ele me interrompeu, rapidamente colocou a taça na boca e deu passos para trás, deixando o balcão entre nós. Seu olhar de falcão e brilhando em minha direção demonstraram que eu seria o centro de sua atenção.

— Cozinhe para mim — pediu sensual e meu corpo respondeu com um arrepio. Tomei todo o líquido para ter coragem e me livrar da distração, eu não conseguia cozinhar enquanto fazia outra coisa.

Ah, eu gostava de cantar, mas pouparia os ouvidos de Rômulo.

Abri armários, encontrei os ingredientes e panelas que eu queria. Fui até a geladeira e freezer, havia tudo o que era necessário e um pouco mais. Enquanto eu separava os itens, sentia o peso do seu olhar em mim. Ele bebericava da sua taça e eu me sentia degustada, como aquele líquido inebriante.

Tudo fez sentido para mim, o fetiche ia além da depravação. Era uma atuação, mas também, parte da vida real. Transformou um ato tão trivial em sensual. Qualquer mulher se sentiria rainha, tendo um homem a admirando enquanto executava o que lhe dava prazer.

Claro, existia aquelas que não gostavam de serviços domésticos, o que era compreensível. Mas para mim, que estava acostumada e não julgava, potencializou meu interesse de uma forma totalmente nova.

— Prefere os temperos picados grandes ou menores? — perguntei, separando o alho, a cebola e o bacon. Seu olhar focou em meus seios, mas logo subiram e demonstraram o pecado em forma de Rômulo Montenegro.

— Faça do seu jeito, eu quero experimentar o que você tiver para me oferecer, Patrícia.

— Não será o risoto de parmesão. Mudei de ideia.

— Ótimo, estou gostando de ser surpreendido. — Indicou com o queixo, atrás de mim. — Tem um avental ali do lado. Você poderia... colocá-lo.

Sua sugestão veio com mil e uma opções para ser executada. Colocar por cima da roupa seria o básico, mas eu sabia que ele queria mais. Tive medo de fazer algo e ser ridicularizada depois, então, me aproximei dele pelo balcão.

— Rômulo?

— Sim.

— Não será apenas um jantar, certo?

— Depende apenas de você. — Respirou com dificuldade, encarando meus lábios. — Eu quero mais, tudo o que puder oferecer. Também aceito o mínimo, apenas o jantar e beijos roubados. É prazeroso na mesma proporção.

— Minha companhia é tão boa quanto... sexo? — Estava descrente, apesar de ter amado o elogio.

— Talvez, não será melhor do que transar com você, mas deixaremos acontecer naturalmente. A lentidão está sendo afrodisíaca também.

Não consegui conter o sorriso, fui até o avental e o coloquei pela cabeça, fingindo que iria me fazer de difícil. Tudo o que me importava era o presente, aquela experiência e as sensações do meu corpo. Esqueci como eu iria me sentir depois, não havia mais anseio profissional ou busca por emprego.

Era uma mulher cozinhando e seduzindo o mesmo homem que tentava provocá-la com promessas, apenas com o olhar.

Voltei para a minha posição, cortei os ingredientes, vagando o olhar por tudo e nunca me esquecendo dele. Ah, com certeza Rômulo se tornaria uma lembrança viva e marcante depois do que nos aguardava naquele fim de semana.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 9

Mexi o arroz parboilizado um pouco mais e conferi o frango, estavam quase prontos para serem misturados. Eu conversava com Rômulo enquanto executava minha função, não sabia explicar quando o momento sensual se tornou tão amigável.

Isso não queria dizer que eu não estava excitada, nem que minha atração tinha diminuído. Pelo contrário, cada vez que discordávamos de algo e um convencia o outro, parecia que uma explosão atingia meu peito e meu ventre.

Conversamos sobre muitos assuntos, inclusive as leis.

— Sabe que é uma via de mão dupla, Rômulo, não dá para fornecer banco de horas, mas sempre pagar em dinheiro, mesmo se o funcionário não solicitou. Tem que dar a opção.

— Quem vai preferir folgar ao invés de receber um extra? Mesmo as férias, muitos solicitam o abono pecuniário.

— Muitos não é todo mundo. — Levantei a colher de bambu e o repreendi de brincadeira. Eu não era conhecedora dos direitos trabalhistas, mas sabia como um funcionário pensava. Poderia haver uma regra para as coisas, mas também, exceções.

— Com certeza, se alguém se negasse a assinar o papel, faríamos do jeito dele.

— Que bom. — Desliguei o forno e soltei o ar, satisfeita. — Vou misturar, você pode colocar a mesa. — Foi tão automático, que tinha me esquecido que fora contratada para trabalhar, não mandar o patrão fazer.

— O que devo pôr à mesa?

— Imagina, eu faço tudo. — Apontei para a superfície mais próxima de nós. — Pode ser aqui?

— Que tal na sacada? — Ele se aproximou e, bem suavemente, deixou suas mãos tocarem meus quadris.

Posicionou-se atrás de mim e encostou sua frente nas minhas costas. Quente e frio, uma vibração poderosa foi trocada e fechei os olhos para senti-la melhor.

— Você cozinha, eu como — ele sussurrou em meu ouvido. Suas mãos vagaram para frente, tocaram minha barriga e subiram. — Será que você consegue continuar a fazer comigo aqui?

— Assim?

— Está tudo quente e não quero te machucar, Vagalume. — Mordiscou minha orelha e a lambeu. — Posso te tocar enquanto você trabalha?

Eu nem lembrava mais o que iria fazer, meus olhos continuavam fechados, apreciando a reação dos outros sentidos que não fosse a visão.

Esfregou sua pélvis em minha bunda, senti sua ereção e retesei. Ele não repetiu o movimento, mas continuou massageando minha barriga, por debaixo do avental e por cima da blusa.

Tudo era consensual, eu estava excitada e não precisava lembrar de nada que fosse oposto à minha aceitação silenciosa. Mesmo que não tenha dito em palavras, ele estava ofertando um fetiche e eu dizia sim.

Respirei fundo e abri os olhos, dei um passo para a frente de leve, esperando que ele fosse comigo. Ainda grudados, ele continuou me tocando enquanto eu virava uma panela na outra, misturando o arroz com o frango.

— Nossa — ofeguei, ele estava circulando meu seio com o polegar e o indicador. — Rômulo...

— O cheiro está tão bom. — Inspirou em meu cabelo e se pressionou ainda mais encaixado atrás de mim. Suas mãos desceram até minhas coxas e as esfregaram enquanto rebolava discretamente. — Muito bom.

— O cheiro da comida ou de mim?

— Os dois. — Misturei a comida e soltei a colher. — Terminou? Posso te virar para mim?

— Sim.

Ele nos afastou do fogão, fez o movimento e beijou minha boca, antes mesmo de terminar de ficar de frente a ele completamente. Não houve cautela, sua fome estava nítida na

pressão dos seus lábios nos meus e a língua afoita, explorando tanto quanto a minha.

Abracei-o, era minha vez de explorá-lo, sentindo suas costas e ombros, percebendo que os músculos estavam definidos naquela região. Apertei e minhas unhas cravaram quando ele mordeu meu lábio inferior, arrancando não só minha sanidade, mas um gemido que vinha fundo da minha garganta.

— Que vontade de tirar sua roupa e meter aqui, contra a geladeira ou em cima da mesa. — Beijou minha bochecha e desceu para o meu pescoço. — Mas eu vou me comportar e comer a sobremesa depois de experimentar sua refeição.

— Nossa!

Ergueu minha perna com uma das mãos atrás do meu joelho e me inclinou para trás, chupando meu pescoço e me fazendo ver estrelas. Ele nos voltou na posição e se afastou, mas retornou rapidamente, roubando um beijo e deixando mil corações flutuantes em minha visão.

Precisei de um momento para me recompor. Olhei ao redor, lembrei o que iria fazer e fui até o balcão, pegar os pratos e servir o risoto individualmente. Como eu assistia na televisão, ajeitei a refeição individual, peguei os talheres e fui atrás de Rômulo.

A porta da sacada foi fácil de achar, estava aberta e ventava agradavelmente. Encontrei-o abrindo outra garrafa do mesmo vinho e servindo novas taças. Nada era mais romântico que uma mesa para dois, do jeito que estávamos.

— Deixa eu te ajudar aqui. — Ele ficou atrás de mim depois que coloquei os pratos em frente a cada cadeira. Ergueu a alça do avental e o tirou do meu corpo, colocando-o em uma das poltronas mais afastada. A sacada era grande e bem-iluminada, apesar do céu escuro.

Puxou a cadeira para que eu me sentasse e se acomodou à minha frente, demorando um tempo me observando admirar a vista.

— Gosta de altura?

— Quando estou em casa, prefiro me sentir distante da cidade e das pessoas. Sou solitário, você é minha única amiga.

— Não nos conhecemos tanto assim. — Coloquei o cabelo atrás da orelha e suspirei. — Estou cheirando a risoto. Espero que goste, tem os melhores ingredientes na sua casa.

— A mão da cozinheira fez toda a diferença, com certeza. — Ergueu a traça, brindamos mais uma vez – sem promessas – e tomamos um gole antes de irmos para a comida.

— O que achou? — Não consegui colocar o garfo na boca até que ele falasse sua opinião. Ficou sério, indecifrável. — Errei no sal? Eu sempre coloco menos, porque se faltar, é só adicionar.

— Tento imaginar qual será o seu sabor, Patrícia. — Umedeceu os lábios e sorriu com tanta safadeza, que arfei ao imaginá-lo me lambendo, como se fosse uma comida requintada. — Tão doce quanto seus lábios misturados ao vinho Bortolini ou

levemente ácido e salgado, como o risoto? — Colocou mais um pouco de comida na boca e gemeu. — Maravilhoso.

Eu queria comer, amava tudo o que eu fazia, até mesmo os assados que queimavam, porque eu me distraía com alguma coisa. Mas, naquele momento, eu queria mais dele, do desconhecido e o que ele tinha para me oferecer. Será que eu conseguiria colocar em prática alguma das posições que Simone me mostrou nos vídeos compartilhados? Que iludida, eu mal olhava o que eles faziam, por vergonha.

— Não vai comer? — ele perguntou, depois se serviu de um pouco mais. Nem precisava dizer o que achou, seu anseio me enchia de orgulho do meu dote culinário.

— Ah, claro. — Mordi o lábio e encarei meu prato, envergonhada. — Estou nervosa, apenas isso.

— Podemos assistir a um filme depois, como sobremesa. — Encarei-o, surpresa. — Tem sorvete no freezer da dispensa. Espero que goste de flocos.

— Time do napolitano. Por que ter um sabor, se pode ter três? — brinquei, porque nossas divergências estavam se tornando especiais, como se a cada diferença, encontrávamos também algo igual.

— Sempre com os melhores argumentos.

— Minha alma é conciliadora. — Comecei a comer e o encarei. — Sério que assistiria um filme comigo, só para eu relaxar?

— Eu não tenho pressa, Patrícia. Estou — colocou o garfo na boca, com uma pequena quantidade de comida, apenas para mastigar lentamente e me deixar babando pela sensualidade do gesto — me divertindo com um pouco de cada vez.

— E se eu quiser ir para os finalmente?

— O que seria?

— Quero dizer... o... sexo — falei baixo e sentindo meu corpo inteiro esquentar de vergonha.

— Nós não vamos transar. Acredite, tudo o que acontecerá nesse apartamento está longe de ser o que ambos conhecemos. Pode continuar escondida entre os outros na noite, Vagalume. No momento certo, eu a acenderei.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 10

Eu não sabia o que seria de mim depois daquele fim de semana, mas tinha a certeza de que iria reviver em minha mente muitas vezes.

Deitada entre almofadas e nos braços de Rômulo, assistíamos a um filme romântico e cheios de beijos, que estavam me deixando quente. Então, quando achei que ele iria replicar o que vimos em mim, me frustrava com seu foco na televisão.

— Não sabia que gostava tanto desse tipo de filme. Deveria ter sugerido um de guerra ou ação — murmurei, envergonhada de estar cobrando algo, sendo que ele estava sendo muito respeitoso.

— Ah, eu gosto — falou vago, pegou minha mão e arrastou pelo seu corpo, até chegar em sua virilha. — Poderia explodir, mas eu preferia que você desse o primeiro passo antes. Esse é o seu momento, a recompensa pela refeição maravilhosa que me proporcionou. Você me deu uma chance, quero retribuir.

Encarei-o assustada e pronta para recuar, mas relaxei assim que a música soou na televisão.

“Pegue fogo, pegue fogo!

Acorde o leão adormecido

E use sua mente

Pegue fogo, pegue fogo!

Acorde o leão adormecido

Você se sente vivo?

Não deixe isso te derrubar”

Jenix – Catch Fire

Era o momento de despertar e aceitar a proposta sedutora e irrecusável de Rômulo Montenegro.

Com timidez, minha mão testava a sua ereção. Ainda vestidos, eu não sabia o protocolo e se deveria me despir ou só deixar acontecer. Como Rômulo não parecia com pressa, ajeitei-me ao seu lado, para que eu pudesse tocá-lo de todas as formas.

Segurei a respiração quando sua mão foi para o meu rosto e, apenas, colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Ele sorriu com sedução e soltei o ar com força, percebendo que tinha receio dele avançar o sinal, como eu fazia com ele.

— Não faremos nada que você não queira.

— Já ouvi falar que essa frase é clássica entre os homens convencendo as mulheres a transar. — Pressionei os lábios com força, porque estava estragando o clima. Minha mão subiu para a sua barriga e ergueu a camiseta. — Desculpe.

— Fique tranquila. — Abriu o botão da sua calça e relaxou um pouco mais no sofá. — Estamos nos conhecendo, certo?

— Já anotou nas minhas características, que falo besteiras quando estou nervosa?

— Linda, tímida e determinada.

Sorri para seu elogio e continuei tocando-o. Meu corpo se arrepiava a cada ondulação que encontrava, seus músculos eram definidos e, com certeza, eu nunca encontraria outro amante como aquele em minha vida.

Seria meu primeiro homem, memorável e do meu jeito. Houve uma pressão para que isso acontecesse, mas nada que eu não pudesse me impor, para impedir que aquele encontro não vingasse. Eu quis ser parte do seu fetiche e estava gostando de como acontecia.

Rômulo tirou a camiseta pela nuca e fez o mesmo, sentindo a vergonha me dominar por conta do sutiã. Era injusto eu dominar a situação e tocá-lo sem escrúpulos, sendo que ele nem tinha me beijado.

— Você ainda quer explorar mais ou posso te tocar também? — Abaixou um pouco a cueca com a calça, expondo o suficiente para que eu me esquentasse. Seu membro estava logo abaixo e eu poderia...

— Eu queria... fazer algo antes. Posso? — Meu coração ia sair pela boca de tão acelerado, por mais que eu relaxasse a cada

segundo ao seu lado.

— Claro. Quer que acenda a luz para ver melhor?

— Sou um vagalume, lembra?

Tentei não o encarar, aquela confiança não combinava comigo. Desci minha mão sobre a sua pele, até chegar no cóis da calça. Aos poucos, meus dedos foram mergulhando e encontraram a cabeça da sua ereção.

Precisei de alguns segundos antes de me permitir tocar mais. Tinha uma textura diferente, lisa e com sensação de pecado. Ao mesmo tempo que me incentivava a descobrir mais, eu recuava, sentindo-me culpada por querer colocá-lo em minha boca.

Simone falava tanto sobre sexo oral, que eu queria começar por ele.

Depois de tirar seu sapato, Rômulo se despiu por completo e ficou nu para minha degustação. Alisou meu cabelo e não recuei, na verdade, queria seu toque tanto quando o queria para ser meu primeiro homem.

Com as mãos, envolvi seu membro e apreciei a espessura. Umidifiquei meus lábios, apenas um momento e eu começaria o ato sexual. Ele acariciou minha bochecha e me incentivou a descer com minha cabeça.

Parei com os lábios na ponta, lambi sentindo um leve salgado e abri a boca, para recebê-lo. Era estranho, ao mesmo tempo que uma novidade inigualável. Busquei seu olhar, para saber

se estava fazendo certo e ele acenou em concordância. Seu semblante de pura luxúria me excitou, meu núcleo pegava fogo e não sabia o que fazer para me satisfazer enquanto continuava a seduzi-lo.

— Pode sugar, subir e descer. — Colocou sua mão sobre a minha e afastei a outra. Ajudou-me a fazer o movimento. Enquanto minha língua o experimentava, ele gemia. — Oh, sim.

Deixaria para perguntar mais, depois. A cada sobe e desce, ele se movimentava e perdia o controle, abrindo e fechando os olhos com tesão. Eu me sentia uma devassa, tomando do seu sexo e mergulhando em seu mundo obsceno.

Lembrei-me de mais cedo, fazendo comida enquanto era devorada com o seu olhar. Gemi junto com ele, eu entendia a sua excitação, porque eu também estava sentindo. Admiração e cuidado, ele gostava de sentir e proporcionar, algo que eu não sabia que buscava também.

Aumentei o ritmo e a mão que estava me ajudando foi para meu cabelo. Enredou os fios em seus dedos e acompanhou o vai e vem. Abriu a boca em busca de ar e meus olhos não saíram dos dele enquanto o chupava. Era intenso e eu só queria fazer cada vez mais forte.

— Eu vou gozar, Vagalume — murmurou e eu parei, sentindo meus lábios inchados pela pressão. — Nossa!

— Como você quer?

— Minha porra em sua garganta, mas é sua primeira vez. Não vou...

Voltei a sugá-lo, eu queria a experiência completa. Perdeu a fala, mas não deixou de gemer alto, retesando os músculos e apertando meu cabelo. Era uma pressão bem-vinda, de posse e controle da situação.

Assim que o primeiro jato veio em minha boca, ele me parou no lugar e se movimentou. Não pensei, apenas engoli a saliva, experimentando da iguaria que era Rômulo Montenegro.

Soltou-me deslizando pelo sofá, estava exausto e esperava que satisfeito, também. Degustei e analisei o sabor que estava em minha língua, olhando para seu membro não tão ereto quanto antes.

— Não se preocupe, eu consigo mais de uma vez por noite. É o tempo de te fazer gozar duas vezes com minha língua.

— Como assim? — Arregalei meus olhos e ele riu baixo, ainda deitado. — Sei que mulheres não gozam tão fácil assim.

— Apenas aquelas que não estão relaxadas.

— Será?

— Eu vou te mostrar. Um no sofá, outro na cama. Pode ser?

— É uma promessa?

— Não. — Ele se sentou e colocou a mão na minha nuca, apertando com sedução. — É a minha missão.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 11

Suas mãos foram para minhas costas e soltaram o sutiã. Tentei não me encolher, eu tinha feito algo mais íntimo do que mostrar meus seios. Para me relaxar, ele lambeu meus lábios e eu ri, nervosa. Foi para minha bochecha e pescoço, deixando uma trilha de saliva e desejo.

— Você se masturba? — perguntou, como se fosse algo banal e não uma intimidade que eu não gostava de assumir para ninguém.

— Eu...

— Fique de pé. — Colocou-me entre suas pernas e alisou a lateral do meu corpo, seu olhar focou em minha calça e não os seios, que estavam mais próximos. — Quero saber se você conhece seu corpo, a pressão necessária em seu clitóris e como massagear seu ponto G. Isso me ajudará a te fazer gozar com mais eficácia, não quero invadir sua intimidade.

— Que vergonha. — Minhas mãos esconderam meu rosto e o riso baixo que ele soltou não foi de deboche, mas acalentador. — Fiz algumas vezes, mas nada que eu achasse extraordinário.

— Ou seja, não gozou.

— Eu estava... molhada. Como você fez em minha boca.

Ele desabotoou minha calça e ficou em silêncio. Relaxei meus ombros, as mãos saíram do rosto e ele me despiu, com tanto cuidado, que a cada toque de seus dedos em minha pele me queimavam por completo.

Beijou meu umbigo no processo. Ele deixou a calcinha, era a mesma que estava na festa, dada pela minha vizinha. Não sabia explicar como, mas quando ele me encarou, sabia que não tinha nada de mim naquele pedaço de pano. Colocou os dedos nas laterais e brincou, indo para frente e para trás. Respirei profundamente para firmar minhas pernas, a vontade era de me transformar em uma poça de lava.

— Quer descobrir como se masturba?

— Eu acho que vou fazer isso sozinha.

— Ou eu posso te ajudar. — Espalmou minha bunda e trouxe meu quadril para se esfregar em seu rosto. — Seu cheiro é tão bom quanto a sua comida.

Coloquei as mãos em seu cabelo e me segurei nele. Seu nariz se esfregava em meu sexo e nem precisava me tocar para saber que estava úmida o suficiente para gozar, como ele.

— Vire-se. — Ele me fez sentar em seu colo, de costas para ele. Com a ajuda de sua perna, ele me abriu e curvou meu corpo para me expor. Sua mão encontrou a minha, entrelaçou nossos dedos com os dele por cima e deslizou pelo meu corpo. — Se quiser parar, só pedir para irmos até o quarto.

— Por favor, continue. — Olhei para a televisão, estava passando os créditos do filme enquanto uma música suave tocava.

Minhas costas pegavam fogo ao mesmo tempo que minha própria mão, com a ajuda da dele, explorava meu corpo. Ele estava no comando, até que me soltou e me deixou livre para apertar meus seios e espalmar minha barriga.

“Você acredita em milagres?

Podemos alcançar o impossível

Apenas me dê um sinal, um sinal de vida

Porque talvez eu seja um sonhador, um sonhador”

Brave The Royals – Dreamer

Arfei quando desci até minha coxa, motivada pelo ritmo da música. Ainda estava tímida, não querendo tocar minha vagina na frente dele.

— Você é muito gostosa, Patrícia — murmurou em meu ouvido. — Posso te sentir também?

— Sim. — Fechei os olhos e fui chegando mais próxima da minha calcinha. Suas mãos deslizaram pelas minhas coxas e intensificaram as sensações.

— Seu tesão é o meu. Imagine-se curvada na pia, enquanto trabalha para nos alimentar.

— Rômulo!

— Esse é o homem que vai mudar sua vida. Não queira nada menos que isso.

Sua mão deu um empurrão na minha e encontrei minha calcinha encharcada. Ele apertou a parte interna da minha coxa, contraí meus músculos e queria meus dedos espalhando meu desejo.

Deslizei minha mão para dentro, senti-me exposta e sensível, pronta para explodir meus preconceitos e crenças. Sem vergonha, comecei a esfregar para cima e para baixo, depois circular e encontrei um ritmo novo para me dar prazer.

Fechei os olhos e deixei meus instintos dominarem minhas ações. Meus seios foram massageados, o pescoço sugado e tudo ao meu redor impulsionava para eu dar o meu melhor.

Meus gemidos ficaram mais agudos, rebolei em seu colo ao mesmo tempo que esfregava meu clitóris. Era o ápice, um lugar que nunca tinha visitado, achando que antes disso fosse o orgasmo.

— Oh! — Esqueci o pudor e a vergonha quando me entreguei aos tremores. As sensações avassaladoras prolongaram o momento que parecia eterno. Se foi dessa forma que ele se sentiu, quando o suguei, então, eu o queria fazendo igual em mim, com sua boca. — Rômulo!

— Esse é o orgasmo um. — Abraçou minha cintura e me senti acolhida. — Agora vou te mostrar como eu faço e você poderá comparar.

— Também quero sentir sua boca aqui. — Peguei sua mão e a coloquei entre minhas pernas. Eu pulsava como meu coração, estava dominada pela devassa que tinha ficado presa em meu âmago.

— Terá minha língua e meu pau em todos os lugares que você quiser, Vagalume. — Virou-me em seu colo e ajeitou minhas pernas, uma de cada lado. Segurou meu seio e sua boca o sugou, soltando-o com um barulho por conta do vácuo que fez. — Eu vou te comer tão bem quanto fiz com sua comida.

— Acho que estou pronta para ser contratada, patrão — debochei e ri quando ele franziu a testa.

— Você não queria isso.

— E não quero, é apenas uma brincadeira.

Aproximei minha boca da dele e o beijei, suave e cheio de provocação. Ele se permitiu, parecia receoso, mas quando nossas línguas compartilharam o sabor que tínhamos, ele me devorou.

Nossos corpos dançaram conforme o ritmo dos lábios. Rápido e cheio de pressão, suas mãos deslizavam pelas minhas costas, apertando. Depois seguia suave e sensual, chegando na minha bunda, apertando e provocando, indo por debaixo da minha calcinha.

Eu queria mais. Aquela sensação poderia ser repetida e eu ansiava por vivenciar ao lado dele.

Deu um tapa em minha bunda e nos deitou no sofá, com ele por cima. Esfregou-se com sua pélvis, a ereção já estava firme e pronta para a ação mais uma vez.

— Vamos para o meu quarto. — Saiu de cima, para envolver minhas pernas e costas com seus braços. Ergueu-me como uma noiva e meus braços envolveram seu pescoço, deslumbrada. — Está gostando?

— Acho que estou apaixonada — respondi, escondendo meu rosto em seu pescoço. Não éramos um casal, apenas um homem experiente se divertindo com a virgem. Sabia que esse tipo de coisa poderia ser visto sem amor, mas não comigo.

Se minha declaração o incomodou, fingiu que não tinha ouvido. Colocou-me deitada em sua cama confortável e cheirosa, tirou minha calcinha e subiu em cima de mim, beijando-me com intensidade. Aos poucos foi descendo com lambidas e mordidas suaves, uma mescla de surpresa e tesão a cada nova área explorada.

Quando sua boca chegou na minha vagina, eu me contorci e gemi. Era mais forte do que eu esperava, além de impressionante. Sua língua e lábios, além dos dedos, me fizeram ver estrelas e me contorcer.

Outro orgasmo estava vindo, a eminência daquela sensação me fazia agir por impulso. Rebolei e apertei sua cabeça com minhas

coxas, eu queria tudo, da mesma forma que ele estava tendo de mim.

— Ah! — gritei, tremendo e gozando, me sentindo livre para fazer qualquer coisa.

O poder do prazer era desconhecido para mim, mas depois daquele momento, eu entreguei minha alma para o desconhecido sedutor à minha frente.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 12

Ele saiu da cama e recuperei meu fôlego, estava sorrindo como uma boba. Se era isso que Simone tinha com todos os seus encontros, não a julgava mais. Quem gozava, não julgaria nem causaria uma guerra.

Eu era outra mulher depois daquela primeira vez.

— Está pronta? — Rômulo se ajoelhou ao meu lado e vi seu membro com a camisinha. Então, percebi que não tínhamos feito nada além de preliminares. Por mim, faria daquele jeito para sempre, nada a reclamar.

— Sim. — Balancei a cabeça e abri minhas pernas, para que ele ficasse por cima. Sugou meu lábio inferior e senti seu membro se posicionar na minha entrada. — Vai doer?

— Você está inchada e bem lubrificada. Não há nada com que se preocupar. — Beijou meu pescoço, dos dois lados e foi para o seio. — Quer gozar mais uma vez sem penetração?

— Eu quero você, Rômulo. — Abracei-o com minhas pernas, temendo que ele pudesse fugir daquele momento. Voltou a posição e movimentou seu quadril, meu corpo retesou por reflexo. — Continue, é apenas reação ao desconhecido.

— Acho que ultrapassamos essa barreira. — Ele foi me preenchendo, devagar, sem tirar os olhos dos meus. Entrou e saiu,

tão suave, que nem senti. — Eu te conheço, Patrícia.

— A virgem que sabe cozinhar.

— Uma mulher sonhadora, que vai conhecer o mundo e está começando pelo meu. — Investiu mais fundo, abri a boca em choque pelo ardor. — Você é linda.

— Eu também te conheço — murmurei, sem força. Ele investiu um pouco mais, a conversa estava me distraíndo da dor enquanto eu deixava de ser virgem.

— Um pervertido viciado em trabalho.

— Não. Apenas uma metade em busca da outra perdida.

Sua boca se chocou com a minha, a paixão tomou conta e não havia mais nada a ser dito, apenas feito e sentido. Sua língua duelou com a minha, cheia de desejo e ânsia em se conectar.

Eu sentia dor, mas acima de tudo, um desejo incontrolado de continuar com ele entrando e saindo de mim. Abracei seu pescoço e relaxei as pernas, ele arremetia cada vez mais firme. Buscou minha perna e a dobrou, ampliando as sensações e me deixando com falta de ar.

Virei o rosto para respirar, sua boca encontrou meu pescoço e sugou com força. Gritei de prazer, ele poderia continuar, porque havia uma nova sensação me dominando.

Subiu mais em meu corpo, mantendo nossos sexos conectados. A posição esfregava não só meu clitóris, mas um ponto

intenso dentro de mim.

Ergueu o tronco e intensificou os movimentos, eu estava em êxtase, beirando a exaustão. Ele gemeu e se curvou, pulsou dentro de mim e o clímax encerrou o ato com chave de ouro.

Jogou-se ao meu lado, com a barriga para cima e respiração entrecortada. Eu precisava me recuperar, mas não esperei o momento certo, apenas virei e me acomodei com a cabeça em seu peito.

Seu braço circulou meu corpo e me puxou mais próximo, eu gostava de me sentir protegida, por mais que não houvesse ameaças ao meu redor. Éramos apenas um homem e uma mulher compatíveis no sexo. Do meu lado, vinha a paixão e a ilusão que poderíamos ter algo a mais. Eu não sabia o dele e, talvez, tivesse medo de conhecer a verdade.

— Foi bom? — perguntou, acariciando minhas costas enquanto eu bocejava.

— Acho que nunca experimentei algo tão surreal.

— Você é sensível.

— Suas mãos sabem onde tocar.

— Apenas observo as reações do seu corpo. Quando se encolhe de timidez ou por intensidade.

— Sinto muito, eu não fiz isso com você.

— Vantagens de ser um homem, tudo é motivo para ficar com tesão. — Rimos baixo. — Foi excepcional.

— Para a primeira vez, acho que dei sorte.

— Está dolorida? — Suas carícias aumentaram.

— Um pouco, quase nada.

— Está com fome?

— Acho que já comemos demais, não acha?

— Eu não apostaria nessa afirmação. O fim de semana ainda não começou.

— O que quer comer amanhã?

— Você.

— Rômulo!

— Além de você? Você mais uma vez. — Ele riu e dei um beliscão de leve em sua barriga. — Quero experimentar o que você quiser fazer. Por favor, siga sua intuição.

— Combinado. Tenho que organizar a cozinha antes. — Soltei um longo suspiro. — Posso lavar a louça amanhã?

— Ninguém vai sair dessa cama tão cedo. — Escutei um barulho de látex, deveria ser ele tirando a camisinha. Beijou minha testa e murmurou: — Durma, Vagalume.

Não havia outro caminho que não fosse recuperar minhas energias. Com os olhos fechados e o corpo de Rômulo ao meu lado, me esquentando ao mesmo tempo que acolhendo, eu só queria esquecer meus problemas e viver aquele dia.

Descobri que eu não conhecia a paz, na realidade. Estar nos braços dele me fez experimentar algo único e especial.



Râmulo
MONTENEGRO

Capítulo 13

Depois de tanto pensar e entrar em guerra na minha mente, resolvi ignorar os alertas e apenas curtir. Como se Patrícia fosse minha mulher e tudo tivesse a ver com a realização do meu fetiche.

Apesar de ter dormido pouco, apreciando seu corpo e sua pele junto a mim, eu estava bem-disposto a uma segunda rodada de sexo. Queria trepar em todos os cantos do meu apartamento, apenas para que eu me lembrasse de como era me sentir poderoso.

Não havia nada místico ou sobrenatural naquela mulher, mas com certeza, era única. A sensação de estar ao lado dela não se comparava a nenhuma outra, nem mesmo as que entravam no papel como uma verdadeira atriz.

Quando o sol iluminou meu quarto, apesar da cortina abrandar os raios, eu distribuí beijos pelo corpo dela. Observei seu rosto e me excitei quando ela sorriu ainda de olhos fechados.

— Bom dia, Patrícia. — Revezei entre sugar e morder, depois beijos como um homem devoto à sua beldade.

— Bom dia — resmungou e se espreguiçou. Seus seios estavam implorando por atenção e fui até eles, sugando e brincando com o bico. — Oh!

— Quer gozar antes do café da manhã?

— Só se você me acompanhar.

— Então, vamos tomar banho.

Mantive a atenção em seu seio, até que ela abrisse os olhos. Saí da cama e a puxei pelo braço, havia uma mancha vermelha suave onde ela estava deitada. Percebi sua timidez ao tomar consciência do que eu observava, não havia nada para se envergonhar.

— Depois trocamos de lençol ou usamos outra cama.

— Acho que manchou.

— Faz parte. — Toquei seu rosto, ela era linda quando se permitia ser agradada. Beije seus lábios e ela recuou, rindo.

— Vamos para a água primeiro, acabei de acordar.

Liguei o chuveiro e a coloquei debaixo comigo, esperando a água esquentar. Ela esperneou e se divertiu, sua jovialidade era um resgate da minha. Apesar da diferença de idade, éramos jovens e tínhamos muito para ser vivido.

Sem avisar, sua mão encontrou minha ereção. Ela movimentou sem pudor, estava cada vez mais solta com meu corpo e nossas interações. Toquei-a da mesma forma, ela fez uma careta e logo relaxou, ainda estava sensível da nossa noite.

— Com água fica gostoso. — Ela olhou para o lado e sorriu.
— Tem banheira.

— Podemos ir para ela, quando você estiver pronta. —
Enchi a boca de água, bochechei e cuspi, ela fez o mesmo. —
Posso te beijar agora?

— Não, eu que vou.

Ficou na ponta dos pés e me abraçou, soltando meu pau.
Encostei-a contra o box, esfreguei minha ereção na sua boceta.
Estimulei-a com minha boca na dela, aumentando o nosso tesão.

Ela gemeu e meu pau estava pronto para penetrá-la.
Lembrei-me da camisinha, mas sendo seu primeiro e único homem,
beirei a irresponsabilidade ao não a colocar. Primitivo e arcaico, eu
me senti poderoso sem poder evitar. Patrícia era apenas minha e
seria só minha, até que ela se cansasse.

Testei sua umidade com um vai e vem despretensioso, nós
não paramos de nos beijar. Sua perna envolveu meu quadril, dando
o aval que eu precisava para tomá-la para mim.

Ah! Quanto tempo não fazia sem barreiras? Nem me
lembrava direito, sempre fui cuidadoso e mantinha uma vida
saudável. Ela conseguiu me transformar em um homem imprudente,
além de orgulhoso por ter sido escolhido por ela.

Não adiantava me enganar, aquele momento só aconteceu,
porque ela tinha decidido se entregar. Patrícia deixou de ser virgem,
para se tornar minha. Única. Especial.

Seus gemidos se mesclaram com nosso beijo avassalador,
eu acelerei os movimentos e me permiti gozar. Ela ainda não tinha

alcançado o ápice e para ajudar, enquanto eu pulsava dentro dela, coloquei a mão entre nós e esfreguei seu clitóris.

Fechou os olhos e apoiou a cabeça no boxe, gemendo e aceitando meu toque. Abriu a boca para sugar mais ar e gozou, tão forte e intenso como das outras vezes. Sua entrega era motivo para que eu a venerasse, porque nenhuma outra se permitia tanto.

Virei-a de costas e me esfreguei um pouco mais, ela estaria pronta para outra rodada, se eu não tivesse me precipitado. Deixaria para depois, quando fizesse a comida, para nosso prazer.

— Nossa! — Soltou um riso baixo e se virou. — Agora entendo o motivo de gostarem de sexo.

— Nem todos conseguem sentir como nós. — Peguei o sabonete líquido e espalhei pelo corpo dela. — Está sendo diferente para mim também.

— Como é a minha segunda vez, então... — Deu de ombros, mas não minimizou o brilho em seus olhos. — Farei panquecas para o café da manhã. Tem mel?

— Se não tiver, comprarei.

— Vai me ver na cozinha novamente?

— E trocando o lençol da cama. — Mordi o lábio inferior, lembrando-me da fantasia que eu tinha, mas não estava naquele apartamento. Ela estava curiosa e eu precisava confessar o que se passava em minha mente. — Confesso que gosto de observar.

— Isso não quer dizer que você quer uma mulher submissa, atendendo suas necessidades, tanto da casa, como sexual, certo?

— É apenas pelo prazer mútuo. Nunca unilateral.

— Fetiche.

— Descobri que funciona melhor assim. Experimentei, como você está fazendo, até achar o que me dava mais satisfação.

— Entendi. — Ela sorriu, sem julgamento ou receio. Eu sabia separar o prazer momentâneo da minha rotina de trabalho.

— Não há amor envolvido — quis deixar explícito. Seu olhar foi para baixo e o sorriso esmoreceu. — Isso não quer dizer que não terá respeito e cuidado. Apenas...

— Sem promessas. Você não vai me pedir em casamento na segunda-feira. — Ficou de costas e enxaguou o sabonete do corpo. — Digo o mesmo, Rômulo Montenegro. Não se apaixone por mim, eu viajarei o mundo e não terei tempo para você.

O tom era de brincadeira e não deveria me abalar, afinal, eu tinha imposto os limites. Rejeitar era fácil, ser aquele que escuta não era a mesma coisa. Vi-me no lugar daquelas que eu convidava para um fim de semana de sexo. Por mais que fosse mútuo, eu reconhecia no olhar de algumas delas, que queria tentar algo mais.

Eu as rejeitava. Eu estava sendo rejeitado.

Passei muito tempo divagando e imerso nas minhas lembranças. Todas convergiam para o momento em que vivia, a

primeira vez de Patrícia que calhava de ser a minha também, de uma forma diferente.

Envolvi-me sem perceber e não entendia como era possível que aquela mulher inocente tinha penetrado tão fundo em minha alma.

— Terminei. Vou para a cozinha, te espero lá. — Ela beijou minha boca e saiu da ducha, parecendo plena demais para quem tinha feito meu orgulho se espatifar no chão em mil pedaços.

Precisei de um tempo sozinho para organizar as ideias. Ela era uma garota comum, não o pedaço que eu sentia faltar da minha alma. O foco era curtir o momento, o trabalho se encarregaria de me fazer esquecer qualquer vínculo que eu achasse ser mais duradouro.

Então, voltaria à sexta-feira, encontraria outra companhia e me esqueceria de Patrícia. Por mais que aquele pensamento não tivesse força, eu o manteria firme para aproveitar o melhor orgasmo que senti.

Coloquei uma bermuda e camisa regata, ficaríamos em casa e não precisava do terno. Seguindo o cheiro e a música, fui para a cozinha ser surpreendido mais uma vez.

Com minha camisa social e sem calcinha, Patrícia rebolava na cozinha enquanto preparava nosso café da manhã. Ela cantou com o refrão e me deixou duro, como um adolescente excitado a cada bunda que visse na televisão.

“Eu dei tudo que eu tinha, exceto meu nome em brasa na história

Eu sei que já aprendi que não há graça salvadora

Você tem que jogar quando puder

Para o seu avivamento”

Shallow Side – Revival

Olhou-me por cima do ombro, com um sorriso travesso que me enfeitiçou. Antes que ela pudesse falar, avancei em sua direção, ajoelhei atrás dela e a chubei, sendo tão ousado quanto ela.

— Oh! — Deu um pulinho assustado, me lambuzei dos seus fluídos – ela estava excitada me provocando – e me levantei, para beijá-la, com aquele sabor.

— Se não tiver mel na dispensa, eu pego o seu próprio. — Sorri cheio de malícia, ela se retraiu, mas não parou de mexer no fogão. — O cheiro está bom.

— Está quase pronto. — Soltou o ar com força quando me afastei e me apoiei do outro lado do balcão. — Tentei te seduzir, mas você ganhou de mim.

— Não, você ainda está no topo.

Ela desligou o fogão, virou a frigideira em um prato, com várias panquecas empilhadas e jogou o mel por cima. Sua fluidez na cozinha era sedutora, ela tinha paixão em cada movimento. Quando me encarou, mostrando seu feito, eu me controlei e sorri, senão, não haveria um segundo sem sexo com Patrícia.

— Já está tudo pronto na mesa da sacada. Vamos lá experimentar minha panqueca.

— As damas primeiro. — Indiquei para que fosse e, rebolando, ela seguiu e demonstrou que realizar uma fantasia sexual era pouco para o que tinha em mente.

Não estávamos assumindo um papel, mas sendo reais demais.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 14

Minhas costas pousavam na frente de Rômulo, meio sentados e meio deitados no sofá do escritório do seu apartamento. Não sei explicar como chegamos aquela posição, mas estava confortável e nem um pouco disposta a me mexer.

Ele tinha um livro físico na mão enquanto eu lia em seu Kindle um romance atrevido e cheio de cenas quentes. Ele me apresentou uma nova forma de apreciar a leitura de romances, que abandonei, para poder estudar.

Incrível como não fiquei com peso na consciência por ter assumido meu lado devassa e sem compromisso, porque estava bom e em meu peito havia paz. Nunca pensei que poderia ter satisfação se não fosse com a realização do meu sonho profissional.

Depois de elencar tantas coisas que tínhamos divergentes, descobrimos que compartilhávamos muitos hábitos. Ele gostava de ler biografias e livros técnicos, eu também, além dos romances que me faziam sair do foco.

Com o e-Reader na mão, fui apresentada a uma biblioteca infinita de romances. Começando pela letra A, encontrei a autora Agatha Santos e seu russo misterioso Yerik. Caramba, o que era aquela cena dos dois na banheira? Eu queria experimentar algo com Rômulo, só não sabia convidar, sem estragar o clima que estávamos.

Uma mão quente e cheia de desejo passeou pelo meu pescoço e desceu entre meus seios. Suspirei, sentindo sua ereção nas minhas costas. Perguntei-me de onde ele tinha ficado excitado de uma hora para a outra, então, encarei-o sem me mexer demais e o vi de olho na minha tela.

— Você não está lendo o seu livro? — O exemplar estava abandonado na parte de cima do encosto do sofá.

— Achei outro mais interessante. — Indicou com o queixo o que eu tinha em minhas mãos e sorriu. — Continua, já terminei essa página.

Aconcheguei-me ainda mais em seu corpo e voltei minha atenção para o Kindle. Enquanto eu lia, suas mãos exploravam meu corpo e amplificavam as sensações de tesão proporcionadas pela cena descrita.

Ainda com sua camisa e sem nada por baixo, seria fácil começarmos algo. Mas eu queria colocar em prática o que estava lendo, porque eu sabia que nunca teria uma segunda chance para aquilo.

Fechei os olhos e curti sua massagem sexual. Seios, ombros e pescoço, suas mãos eram hábeis e conheciam meu corpo. Além de observador, Rômulo aprendia rápido.

Não precisava prolongar aquela preliminar, porque eu já estava pingando de paixão. Passamos a manhã inteira conversando, trocamos beijos e alguns toques mais íntimos, mas sem chegarmos ao ápice. Conheci um pouco mais daquele

empresário misterioso, do seu jeito solitário e como sua mente funcionava.

Ele também soube um pouco mais do meu passado e como eu era determinada. Apreciava seu olhar de admiração e Rômulo não economizava nos elogios à minha beleza, ou o sabor da minha comida.

Fiz um assado rápido, para podermos relaxar enquanto nossos corpos recuperavam as energias. Eu estava mais excitada do que dolorida, queria aproveitar todos os momentos. Ele me apresentou todos os cômodos do seu apartamento e escolhi ficar naquele canto.

— Se eu colocar a mão na sua boceta, você estará encharcada? — Rômulo me fez voltar a realidade, sua boca estava perto do meu ouvido e suas mãos descendo pelo meu corpo. — Não quero exagerar, Patrícia. Pode recusar e ficaremos com meus dedos e boca, caso esteja dolorida.

— Não quer mais sexo, apenas preliminar? — Virei o rosto para encará-lo, suas mãos estavam em minha virilha, apenas provocando.

— Quero meu pau enterrado em você. — Senti um movimento e arfei. — Sentiu isso? Ele está pulsando, querendo mais.

— Eu acho que dou conta. — Inspirei profundamente, seus dedos encontraram minha umidade e espalharam-se pelos lábios vaginais. — Oh!

— Não precisa se esforçar, Vagalume. — Mordeu meu pescoço e deixou vários beijos na região. — Tem que ser bom para você. Eu espero até amanhã.

— Mas eu prefiro agora.

Larguei o Kindle no chão, virei-me para ficar de frente e o montei, colocando as mãos em seu peito para me firmar. Rebolei em cima do seu membro, o tecido da bermuda me fez gemer em apreço.

Ele abriu o botão e abaixou o zíper, tirando seu pau e o oferecendo a mim. Esfreguei-me nele, lambuzando e me excitando ainda mais. Ia tirar a camisa, mas deixei, percebendo que transar de roupa tinha uma sensação diferente e queria experimentar.

Fui para a frente e para trás, senti-o me penetrar. Com meu olhar fixo no dele, ele me colocava no topo do mundo.

Envolveu um braço na minha cintura e nos mudou de posição, ficando sentado com os pés no chão. Eu o montei e troquei de apoio, segurando no encosto do sofá e derrubando o livro que ele lia, sem querer.

— Ops!

— Eu nem estava lendo.

— Queria saber do Yerik?

— Não, mas nos imaginava na banheira fazendo a mesma coisa que eles.

— Espero que consiga fazer comigo. — Mordi o lábio inferior, subi e desci, testando a posição e o quanto de força que eu precisaria nas pernas para manter o ritmo.

— Pode apostar que sim.

A posição era propícia para esfregar meu clitóris em sua pélvis. Sem receio, rebolei, subi e desci, mantendo aquele ritmo e nos deixando loucos de tesão. Tomei sua boca na minha, indo mais rápido e sensual a cada tremor que o meu corpo sentia.

De olhos fechados, eu nos via de longe, como se estivéssemos na festa da luxúria e com tantas pessoas ao redor. Minha pele ficou mais sensível, meu clitóris esfregando cada vez mais forte e intenso mostrou que a imaginação, mesclada com a ação, contribuía para que o sexo fosse maravilhoso. Tudo poderia ser permitido, desde que os parceiros não julgassem.

Lembrando-me do fetiche de Rômulo, percebi que eu adoraria vivenciar mais vezes e de forma mais intensa. Eu o queria me tomando em cima do balcão da cozinha ou arrumando a cama, ou enquanto eu estivesse de quatro limpando uma mancha específica no chão.

Cuidar da casa não era o meu forte, mas saber que isso poderia nos proporcionar um bom momento, eu estava disposta a ser criativa.

Meu corpo assumiu o controle e não fui suave, esfreguei e me movimenteiei em busca da explosão. O orgasmo veio acompanhado dos gemidos de Rômulo, ele tinha alcançado o

clímax junto comigo. Suas mãos estavam firmes em meu quadril, ajudando nos movimentos e demonstrando o domínio sobre a situação.

Sentia que algo faltava, alguma informação ou revelação deveria ser feita, mas ignorei minha consciência. Eu estava feliz e queria curtir.

Abracei-o com força e não saí do seu colo. Nossa respiração se acalmou ao mesmo tempo, suas mãos deixaram de me apertar e faziam carinho nas minhas costas, por debaixo da camisa.

— Como se sente? — ele perguntou, baixo e satisfeito.

— Quase não doeu. Na verdade, estou sentindo apenas agora.

— Vamos tomar banho de banheira.

— Posso levar o Kindle? Acho que preciso reler a cena.

— Com certeza — murmurou rindo, inclinou-se para a frente e pegou o dispositivo eletrônico para mim.

Comigo em seus braços, ele me carregou até o banheiro e preparou o nosso próximo momento. Enquanto eu o enchia de perguntas sobre o apartamento, quando ele comprou e se ele usava a banheira sozinho, meus sentidos eram estimulados de outras formas. Não mais tato e visão, mas olfato e audição.

Minha primeira vez, por mais fora de padrão que tenha sido a escolha do meu companheiro, estava sendo um sonho maravilhoso.



Râmulo
MONTENEGRO

Capítulo 15

Deixei-a descansar em meus braços, eu estava lendo o livro junto com ela. A fome iria atrapalhar o momento, a noite já estava chegando, mas eu a deixaria livre para escolher o que fazer.

Preparei a banheira como nunca fiz. Adicionei sais de banho, complementei com aromatizador para relaxar que não sabia que existia e busquei meu celular, com uma playlist romântica, que não combinava comigo... antes.

Passar o tempo com Patrícia estava sendo um momento de descoberta e mudanças de conceitos. Talvez, o que eu precisava não eram festas e mulheres sem compromisso, mas alguém que estivesse interessado apenas por mim.

Todos demonstravam interesse genuíno em fazer parte do império que herdei dos meus pais, mas apenas Patrícia quis saber o que eu sentia. Até o sorriso que me dava era algo que nunca tinha visto, questionei-me se estava tão fechado para as relações ou era apenas ela que conseguia me surpreender sem se esforçar.

Ela queria me agradar, mas eu também estava naquela vibração. Preferia que se esquecesse de mim e seguisse apenas suas vontades, como naquele momento. Enquanto lia, mergulhada em uma história sensual, sobre um país distante e pessoas com uma cultura diferente da nossa, ela me satisfazia tanto quanto estava focada no meu prazer.

— Rômulo! — ela saiu dos meus braços, espalhando água e me assustando. — Já está escurecendo. Por que me deixou ler tanto?

— Eu também estava interessado na história. — Tentei me manter sério. — Você tem algum compromisso?

— Seu jantar. Não foi para isso que me chamou para seu apartamento?

— Acho que nosso acordo mudou há um tempo. — Algum tipo de insegurança dominou suas feições e, para deixá-la confortável, comentei: — Ou não. Deixe esse assunto para depois, sua única preocupação é colocar em prática sua leitura.

— Rômulo...

— Vem aqui. — Inclinei-me para frente, tirei o Kindle da sua mão e o coloquei de lado, para trazê-la até o meu colo. O clima tinha mudado, eu queria manter a leveza com que estávamos lidando com tudo. — Podemos assistir a um filme.

— Ou eu poderia cozinhar enquanto você me observa. Também gostei dessa linha caseira.

— Pensei que a futura diplomata preferia dialogar com chefes de estado.

— Uma pessoa me disse que minha vida pessoal não precisava seguir a mesma linha da profissional. Afinal, ninguém precisa saber o que acontece entre quatro paredes.

Ela se acomodou em meu colo e ficamos um tempo nos encarando. Um novo entendimento se fazia entre nós, sem precisar de palavras explícitas. Patrícia queria aquele momento sem cobrança, o assunto sério, que poderia criar barreira entre nós, deveria ficar para o momento do seu retorno no domingo.

“Toda vez que vejo suas roupas largadas no chão

Eu digo que achava que você estaria em casa

Você disse que nunca iria embora

Toda vez que vejo a luz apagada na varanda

Eu digo que achava que você estaria em casa

Você disse que nunca iria embora

Mas você foi

Você foi”

Daughtry – Gone

Não era o momento dela partir, então, que o momento durasse pela eternidade. Segurei em seu pescoço, puxei-a para sua boca encostar na minha e a beijei embalado pelo ritmo da música. Os aromas, sua pele e a temperatura da água transformaram as incertezas em foco para ação.

Seus braços rodearam meu pescoço e a envolvi com os meus, deslizando as mãos e sentindo sua pele arrepiada por cada toque mais ousado. Minha ereção já estava pronta para tomar sua boceta e fazê-la gozar.

Por mais que meu cérebro gritava para ser prudente e usar proteção, deixei que a impulsividade fosse além. Era meu dever tomar conta de nós dois, eu era experiente, além de responsável sobre a realização de um fetiche, mas...

Eu só queria curtir um pouco mais daquele momento, sem pensar nas consequências. Poderia estar cavando meu próprio buraco e levando Patrícia comigo. A única certeza era que a mulher em meus braços não se assemelhava a ninguém que já tive o prazer de foder.

Beijei, abracei e a toquei de forma íntima. Empurrei-nos para o meio da banheira e a virei, colocando suas mãos na borda e a deixando de quatro. Passei a mão nas suas costas, tirando a água e seguindo a linha da sua coluna. Posicionei-me entre suas nádegas, experimentando aquele buraco antes de voltar a acariciá-la.

— Vai fazer aí? — perguntou, com assombro.

— Anal precisaria de uma preparação antes, Vagalume. Estou apenas... provocando. — Bati na sua bunda e com a água, o barulho ficou mais alto. Ela impulsionou para frente, mas voltou na posição. — Você quer tentar?

— Não sei.

— Há outras formas de te dar prazer, nessa posição. — Segurei na base do meu pau e o posicionei. Com a cabeça, esfreguei-me nela, para que gemesse de prazer. Continuei com o movimento um pouco mais, ficando cada vez mais duro quando se aproximava da sua boceta encharcada.

— Rômulo.

— Sim.

— Pode vir.

— Você me quer? — perguntei, provocativo. Esfreguei-me mais e seus gemidos ecoaram pelo banheiro. — Pode pedir pelo meu pau.

— Oh! — Abaixou a cabeça e empinou a bunda.

— Está esperando algo?

— Coloca seu pau em mim. — Seu corpo ficou vermelho e atendi ao pedido. Fui aos poucos, testando sua boceta e me deliciando com sua umidade. — Rômulo!

Entrei e saí, aos poucos fui acelerando e a impulsionando para a frente. Nossos corpos se chocavam e faziam barulho, o tesão queria me fazer explodir antes do tempo.

Abracei sua cintura e a fiz erguer o tronco, sem parar o vai e vem do meu quadril. Com fôlego suficiente para permanecer por muitos minutos naquele ritmo, uma das mãos apertou seu seio e a outra foi para a junção de suas pernas. Meus dedos encontraram

seu clitóris e a cada impulsionamento, eu pressionava com mais força, depois soltava.

Seu corpo reagia aos meus toques e eu seguia meus instintos com ela. Gozou rebolando, enquanto eu metia mais e mais. Antes de gozar dentro dela, virei-a para a posição de quatro e saí de sua boceta, para esportar na sua bunda. Fiz questão de espalhar pelo seu corpo, marcando-a tanto quanto ela estava fazendo com minha alma.

Minha mão deslizou pelas suas costas, chegou à nuca e apertei, trazendo-a para mim e beijando sua boca, encerrando o nosso momento. Ela gemeu e retribuiu, mas estava exausta demais para seguirmos numa segunda rodada.

— Você precisa descansar.

— Não, eu tenho que fazer o jantar. — Deitou sua cabeça no meu peito e suspirou.

— Eu peço algo.

— Não se atreva, Rômulo Montenegro. — Respirou fundo e se levantou determinada. — Fique no quarto e me espere te chamar. Vou surpreender seu estômago.

Mal ela sabia que fazia isso e muito mais, sendo apenas ela.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 16

Enquanto escovava os dentes, eu relembrava os melhores momentos junto de Rômulo. Cozinhar e ficar em casa tinha ganhado um novo significado na minha vida, eu não queria desapegar.

Sairia daquele apartamento sendo uma outra mulher. As inseguranças estavam em conflito dentro de mim, mas também, um poder que nunca pensei que teria. Era algo íntimo, apenas meu. Ao olhar meu reflexo no espelho, não via mais aquela garota sonhadora, com medo de pagar as contas e ter que voltar para a fazenda.

Perdi o receio de me limitar, porque eu me sentia livre de amarras.

Não tinha sido pelo sexo. Ou melhor, não foi apenas o fim de semana regado à luxúria que me proporcionou tal sentimento. Eu me permiti ousar aos olhos de um desconhecido. Mesmo que eu soubesse que Rômulo Montenegro era um bilionário excêntrico de bom coração, não conversamos sobre família e anseios pessoais. Falamos de trabalho, sobre livros, música e filmes.

A parte íntima se encarregou de nos conectar, onde as palavras não tinham força. O beijo roubado, o olhar intenso e o toque firme me impulsionaram em uma direção que eu desconhecia.

Talvez, viajar o mundo não fosse algo que me completasse. Eu mal conhecia a capital e os ofícios que poderiam ser usufruídos.

Confesso que queria cruzar o caminho de Rômulo novamente, mas que não envolvesse um acordo, muito menos um trabalho que nos colocava em posições diferentes.

Ansiava poder conhecê-lo como homem, paquerar e sair para jantar. Ir ao cinema e ter momentos de leitura, como aconteceu em seu escritório. Eu tinha esquecido de tudo enquanto estava com ele, não havia dívidas, nem preocupações, apenas viver intensamente.

Tive minha transa no balcão da cozinha, vesti apenas o avental e nos servi na varanda. Gostei da posição sentada em seu colo, também de quatro na cama, ele me conduzia como se estivesse dançando comigo e isso fosse sua profissão.

Sua experiência não me assustava, as mulheres que passaram em sua vida não me enciumavam. Gostava de pensar que, por ele ter me marcado tanto, eu o fiz também. Não seria a única, mas com certeza, especial.

Abaixei a cabeça para cuspir a pasta de dente e mãos quentes seguraram meu quadril. Sorri ao sentir a aproximação do seu corpo no meu, terminei de escovar os dentes enquanto meu coração acelerava ao imaginar nosso último momento.

Com as mãos em meu corpo, ele as deslizou pela minha barriga e esfregou sua ereção na minha bunda. Ele tinha tomado banho primeiro, depois que transamos no chão da sala. Céus, o fim

de semana chegou. Suados e loucos de paixão, aquela tinha sido a nossa despedida, mas eu ainda tinha esperança de que pudesse durar mais.

— Está pronta? — perguntou, empurrando meu cabelo para o lado e beijando meu pescoço.

— Depende do ponto de vista. — Provoquei, fechando os olhos e me permitindo mais um toque.

— Sua mala já está pronta ao lado da porta. Esperei que saísse do banheiro, mas parecia uma eternidade enquanto se trocava aqui dentro. — Mordeu e beijou, me fazendo arrepiar.

— O que você precisa? Eu ainda estou com tempo, se quiser algo especial para comer.

Ele me virou em seus braços e segurou meu rosto com as mãos. Estava sério demais, como da primeira vez que o vi, naquela sacada mal- iluminada. Sua mente deveria estar acelerada, seu olhar vagava por todos os cantos da minha face, em busca de algo que não consegui decifrar.

Toquei seu pulso, chamando seu foco para meus olhos. Sorri, mesmo que meu coração quisesse chorar pela despedida. Eu não sabia sobre protocolos de sexo casual e não achava justo perguntar, afinal, era para que eu fizesse apenas comida, como uma funcionária.

Fomos além, ultrapassamos limites e assumiria minha responsabilidade. Não houve falsas promessas, apenas me deixei

voar. E foi nesse momento que me tornei poderosa, sem amarras ou preocupações. Acreditei no instante que vivemos, sem planejar por medo de falhar.

— Estou sem palavras, Patrícia. Elaborei um grande discurso, mas nada sai. Poderia me ajudar?

— Prefiro não ser paga pelo trabalho que me contratou. Tudo o que fiz, foi voluntário e de coração. — Ergui as sobrancelhas, para que ele entendesse a amplitude da minha revelação, sem que o forçasse a se declarar. Ele deveria estar com vergonha de me dispensar, então, eu facilitaria a nossa vida. — Foi um bom fim de semana.

— Um dos melhores da minha vida.

— Para mim também. — Fiquei na ponta dos pés e deixei um beijo casto no canto do seu lábio. — Estou pronta para ir, Rômulo.

— Eu preferia que... — Soltou o ar com força e se afastou, mas estendeu o braço para entrelaçar nossos dedos. — Tudo bem, vamos lá.

— Vai me deixar escolher a música no carro?

— Tem bom gosto, faço questão.

Ele pegou minha bolsa, caminhamos juntos até o hall do apartamento e um aperto no peito se instalou. Lembrei-me dos meus pais, quando eu me despedi deles em seus caixões e revivi a mesma dor. Não era uma comparação de situações, apenas de

sentimento. A despedida de Rômulo me fazia voltar no tempo, eu sobrevivi sem meus pais, conseguiria fazer igual sem aquele homem.

Eu estava uma confusão de sentimentos e precisava me controlar, senão começaria a chorar.

Descemos até o estacionamento, entramos em seu carro luxuoso e me permiti alguns segundos de olhos fechados antes de tocar no painel e buscar uma música especial.

Ele observou tudo em silêncio e assim que minha mão ficou livre em meu colo, ele a puxou para ficar na sua coxa. Não queria que fosse uma despedida, apenas um momento de reorganização emocional.

“Por favor, não vá, você precisa de muito mais do que imagina

Talvez você possa começar de novo, talvez você possa usar um amigo

Você é necessário mais do que imagina, por favor não vá”

TrineATX – Please Don't Go

Chegamos na saída da cidade e Rômulo tomou a direção para Dualópolis. Poucas horas de viagem, teria que servir para aproveitar seu toque e a presença, com aquela trilha sonora.

Eu sobrevivi a rupturas piores. Conseguiria lidar com aquela, bastava eu ter paciência.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 17

Dois meses depois...

Soltei uma risada junto com Simone, enquanto assistíamos a um filme de comédia romântica em seu sofá. Eu estava relaxada e comendo sorvete, não sabia explicar, apenas necessitava tomar aquela delícia gelada todos os dias.

Nunca deixei de pensar em Rômulo Montenegro. Nas sextas-feiras, como aquela, eu me escondia debaixo de cobertas e lia um livro, imaginando que o cobertor poderia ser aquele que marcou minha vida de muitas formas.

Seu contato estava salvo em meu celular, mas não caía na tentação de chamá-lo. Ele também não me ligou, o que demonstrava que eu estava certa, foi apenas um fim de semana.

Cogitei ir para a capital, sabia que havia um prédio comercial que o Grupo Montenegro era dono, mas eu tinha muitos anseios pessoais para me preocupar.

Iniciei um projeto de pesquisa na faculdade e, ao invés de sonhar com o concurso de diplomata, vi-me apaixonada por literatura. Misturei a nova paixão por livros de romances com a minha graduação, despertando o interesse dos meus professores.

Em um primeiro momento, eles torceram o nariz, prontos para recusar. Romances contemporâneos sobre amor, sexo e relações familiares eram apenas entretenimento, nada para ser olhado. Então, eu trouxe a realidade social que vivíamos, o empoderamento feminino e a liberdade de expressão. Condenavam o que não conheciam, eu queria contextualizar as obras que eu lia por hobby e transformá-las em algo a mais.

A forma como me expressei e a paixão latente dentro de mim convenceram os professores. Eles me impuseram como desafio, mas estavam empolgados que eu poderia mudar conceitos com meu projeto.

Nunca imaginei uma mudança tão radical em minha vida. E sabia que era o certo a se fazer, quando uma bolsa de estudos me foi ofertada, para custear a execução e eu não precisar trabalhar com outra coisa.

Todo o meu tempo era dedicado ao que me trazia alegria naquele momento. Diplomacia perdeu sua força e descobri que eu queria viajar, mas não precisava ser presencialmente.

Tão certa naquele caminho, que recebi um convite para continuar a minha graduação e iniciar um mestrado na capital. Ainda estava assimilando e tentando não surtar, depois de meses cogitando ir para lá.

Aquela sexta-feira não era apenas para relembrar o que vivi com Rômulo, mas para acalmar meu coração. Eu deixaria Dualópis, isso não queria dizer que eu voltaria para os braços do bilionário.

Minha amiga me surpreendeu, bateu à minha porta e resolveu me tirar daquele momento reflexivo. Simone queria celebrar algo, comprou o sorvete que eu estava viciada e se perdeu nos risos do filme “As Branquelas”. Céus, eu poderia assistir duas vezes no mesmo dia e ainda riria daquelas piadas.

— Como se sente? — ela perguntou e percebi que não tinha mais nada no meu pote.

— Querendo mais. — Levantei-me para ir me servir. — E você? Não vai me falar sobre a comemoração de hoje?

— Ah, sim. Eu terminei com o meu daddy.

— Oh! — Tirei o sorvete do freezer e a encarei chocada. — Como assim celebra uma separação?

— Ele estava sendo ciumento, possessivo e idiota. — Cruzou os braços e olhou para a televisão. — Gosto da minha liberdade e viver a minha vida. Os relacionamentos são fora do padrão por um motivo.

— Ou seja, ele queria algo sério e você quer cada um em uma casa.

— Exatamente. Olha como não precisa de um discurso imenso para me entender. — Bufou, irritada e voltei para o seu lado tendo meu pote reabastecido. — Mas ele vai me infernizar e eu quero sumir.

— Se ele está sendo abusivo e não entendeu a sua negativa, você pode tomar as medidas cabíveis.

— O babaca conhece todos os delegados, juízes, advogados... — Rosnou sem completar a sentença. — Consegui um apartamento na capital.

— Meu Deus, você fez tudo isso em um dia?

— Não. Eu terminei com ele há um mês, mas consegui achar uma solução hoje. — Ela se virou para mim e sorriu, parecia uma maluca. — Venha morar comigo. A faculdade de lá é melhor, nós seremos boas colegas de quarto.

— Pera. Você terminou com ele mês passado, mas eu te vi saindo com ele ontem! — Franzi a testa.

— Para você ver que ele não entende que não quero mais.

— Claro! Você vai até ele.

— A contragosto, ele é persuasivo demais para o meu bem. Mal. — Fez uma careta. — Olha, ele é poderoso, rico e um imbecil. Se eu for para a capital, ele vai se esquecer de mim e arranjar uma mulher do número dele.

— Mas você ainda o ama.

— O pau dele. Os dedos e a língua. — Soltou uma gargalhada por conta da minha cara horrorizada. — Também amo o dinheiro dele. Viu? Eu sou uma pessoa companheira.

— Você não é assim.

— Mas preciso que ele acredite para esquecer que eu existo. — Soltou o ar com força e virou-se para a televisão. —

Então, é isso. Amanhã embalo minhas coisas, vou dar uma trepada de despedida e sumir da vida dele. Se quiser vir comigo, eu ficarei muito feliz.

— Vou — concordei, sem pensar.

Virei o rosto para ela e nos surpreendemos. Eu tinha muita coisa para fazer e pensar, mas o universo estava conspirando demais para a realização dos meus novos sonhos. Não tinha como ser o errado, bastava eu aceitar e voar.

Eu era uma mulher livre.

— Vai mesmo?

— Ah, Simone, eu tenho que ver na faculdade algumas coisas. Mas eu recebi um convite para continuar meu projeto na capital. Então, dividindo um apartamento, acho que dou conta.

— Sério?

— Por que é tão difícil de acreditar? — Segurei o riso.

— Você é sempre insegura e certinha. Andava cabisbaixa, achei que tinha acontecido algo.

— Estou mudando.

— Sim, você está diferente.

— Espero que para melhor.

— Ainda não. — Ela se levantou com um pulo. — Mas será, quando estivermos morando juntas. Aceito pagar seu aluguel, se

você prometer fazer o almoço de fim de semana.

— Para com isso, eu o farei pagando minha parte. Tenho a bolsa da faculdade, não estou mais afundada em contas atrasadas. — Coloquei uma colher de sorvete na boca e suspirei. — Eu te ajudo com a sua mudança esse fim de semana, você ajuda com a minha na próxima semana. Pode ser?

— Perfeito! — Ela me puxou para ficar de pé e me abraçou. — Nem acredito que você aceitou.

— Deveria ter recusado?

— Eu, realmente, iria sumir do mapa e nunca mais te ver. — Ela se afastou e segurou nos meus ombros. — Gosto muito de você e não queria te perder. Mas eu aceitaria a separação, porque eu não aguento mais o daddy impositivo do caralho.

— Diga não, Simone.

— Ele não me escuta. — Fez bico. — E também gosto de transar com ele, como te disse, sou uma oportunista. Só me irrita ele se aproveitar de algumas liberdades e gostos que tenho, para o mal. Então, vou sumir e assunto encerrado.

— Tudo bem, do seu jeito.

— Quem sabe, com você mais próxima, tomo gosto por estudar também? Lá na capital eu não terei as mordomias que eu tinha.

— Se aprendi algo, é aproveitar o momento. Talvez, tudo o que você planejava, não era nada do que realmente ansiava.

— Arranjarei um daddy que só pensa na putaria.

— Ou você encontrará o homem que te fará ver o relacionamento como algo diferente. — Voltei a me sentar e a comer. — Vamos terminar o filme, depois começamos a embalar. Que venham novos desafios.

— Um brinde a uma nova era com Simone e Patrícia.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 18

Dias depois...

Entrei no elevador e encarei o homem elegante dentro dele. Um olhar de reconhecimento passou entre nós, recordei-me de Rômulo no mesmo instante, mas ignorei e só me coloquei ao seu lado.

Desde que Simone fez a proposta para vir morar na capital, eu só pensava em uma pessoa. Dormia, acordava e lia meus livros pensando em Rômulo Montenegro. Não tive coragem de ligar, muito menos aparecer no seu prédio, mas eu iria agir, em algum momento.

— Boa tarde — cumprimentei-o, tardiamente.

— Boa tarde — respondeu, baixo e polido. — Mudou recentemente?

— Ah, sim. — Minhas bochechas esquentaram ao me dar conta que deduzi errado o seu olhar inicial para mim. — Eu e minha amiga estamos morando aqui há pouco tempo. Sou Patrícia. — Estendi a mão para ele, que a apertou com cuidado.

— Marlon.

— Muito prazer.

O elevador chegou ao térreo. Educado, ele estendeu o braço e fez com que eu saísse primeiro. Ele andou próximo de mim até a portaria e nos despedimos com um aceno na calçada.

Estranhei quando o vi entrar no banco de trás de um carro elegante, tendo um homem segurando a porta. O prédio era simples e em um bairro humilde da capital, impossível que ele morasse ali.

Ou ele estava de visita. Céus, eu o confundi com um morador.

Olhei para os lados, não sabendo onde me esconder e alguém esbarrou em mim, quase me fazendo cair sentada no chão.

— Sinto muito — falei no automático, apesar de não ter sido minha culpa.

— Você conhece Simone?

— Sim. Quem é você?

Atordoadada, não percebi que estava compartilhando uma informação pessoal. Era um homem, com boné na cabeça e roupa preta. Ele não me respondeu e saiu andando para o outro lado da rua.

Fiz o sinal da cruz, respirei fundo e andei apressada até o ponto de ônibus. Caramba, eu precisava colocar os pés no chão e parar de viver no mundo da lua. Ou, deveria apenas seguir meu coração e ir até Rômulo Montenegro, confessar que nunca o esqueci e que aceitaria estar com ele para os fins de semana.

Tudo bem, eu o queria próximo por todos os dias, mas começaria com o que tínhamos experimentado e dado certo. Foi perfeito e eu o sentia vibrar em meu corpo, com saudades.

Precisei segurar no poste quando a tontura me bateu e eu vi tudo girar. Com o coração acelerado, por causa do rapaz no elevador e a trombada que levei, meus nervos estavam à flor da pele. Meu estômago revirou, comecei a respirar fundo para não começar a chorar desesperada.

Era bom ser livre e independente. Quando não tínhamos ninguém para ligar e pedir ajuda, percebíamos o quanto era ruim ser sozinha. Simone não me falou para onde tinha ido, apenas que voltaria de noite e que não me preocupasse. Aconteceu outras vezes, ela nem me atendia.

— Patrícia? — Assustei-me quando Marlon parou ao meu lado e segurou no meu braço. — Você está bem?

— Não. — Coloquei a mão na boca e fechei os olhos. — Mas vai passar.

— Quer ir até um pronto atendimento? — Sua preocupação seria fofa, se eu não estivesse assustada demais com os desconhecidos que passaram por mim naquele dia, incluindo ele mesmo. — Está pálida.

— Só preciso respirar um pouco, minha pressão caiu.

— Posso te ajudar.

— Obrigada, mas não.

— Aquele homem fez algo para você?

— Está me seguindo?

— Não. Eu apenas me preocupei com a moça simpática do elevador.

— Estou bem, moço. — Balancei a cabeça e vi tudo girar mais ainda. Gemi e ele tentou me segurar um pouco mais.

— Patrícia, sei que não tem motivos para confiar em mim, mas você pode. Eu conheço...

— Pronto, estou muito melhor. — Livrei-me do seu toque e fingi estar bem. Ajeitei minha postura e estiquei o braço, acenando para o ônibus que chegava. Eu precisava ir, era exatamente o coletivo que eu aguardava.

— Coma alguma coisa. Eu posso te levar até uma cafeteria, tem uma na frente do prédio que eu trabalho, no centro. De lá, você pega sua condução.

— Preciso ir. Até mais.

— Patrícia...

Fui andando vagarosamente até o ponto, entrei no ônibus sem olhar para trás e me sentei, conseguindo recobrar um pouco da minha sanidade no caminho.

Peguei o celular, enviei uma mensagem para Simone, mas ela nem a recebeu. Bufei irritada, mesmo que estivéssemos nos dando tão bem, não éramos perfeitas uma para a outra. Cada uma

tinha uma vida e eu não sabia que ficaria tão mal por conta de um esbarrão.

O ônibus parou em um semáforo, olhei pela janela e meu coração acelerou ao perceber que era o Edifício Monte-Castelo, sede do Grupo Montenegro. Olhei para as janelas, as pessoas na calçada e tentei imaginar o que eu faria se o visse?

Nem tive tempo de criar uma situação, minha condução voltou a andar e o prédio saiu de foco. Estava indo para a faculdade, naquele dia só haveria reunião com os supervisores do meu projeto, eu iria apresentar parte do relatório que estava escrevendo.

Tomei um grande gole de água quando cheguei ao meu destino. Em uma das salas dos professores, fiquei sentada e consegui lidar com a apresentação melhor do que eu imaginava.

Não estava com fome, meu estômago ainda revirava, além de me sentir fraca. Ainda bem que os professores nem se atentaram ao quanto eu estava pálida, fui embora sem saber de onde tinha tirado forças.

Recapitulei meus dias, se havia comido algo de estranho, mas nada. Raramente ficava doente, de tanto que brinquei na terra e no meio do mato, eu tinha muitos anticorpos funcionando em meu sistema.

Vasculhei na minha bolsa e encontrei o meu porta-absorvente intacto, há muito tempo eu não o repunha. Fazendo as contas e tentando não me desesperar mais do que já estava, saí da

faculdade e caminhei pela calçada, pensando em tudo e nada, ao mesmo tempo.

Sabia como os bebês eram feitos, só não tinha pensado naquilo enquanto estava transando como se não houvesse amanhã, com Rômulo. Se fosse verdade e eu confirmasse aquele fato, todos os sonhos – antigos e recentes – seriam frustrados por conta de uma gestão não planejada.

Eu deveria falar com o pai, mas tinha receio dele exigir exame de DNA, por conta do nosso afastamento. Mil e um cenários se passaram pela minha cabeça, do mais racional ao infantil, comigo chorando e voltando para a fazenda da minha irmã, para cuidar dos peões.

Medo e solidão, além da vontade de chorar, me fizeram continuar andando sem rumo. Parei em uma padaria, quando o cheiro de rosca doce despertou meu estômago enjoado. Tudo indicava que eu estava lidando com sintomas de gestação, só queria me manter em negação.

Tinha que falar com Simone e pedir conselhos para ela, não saberia lidar com a situação sozinha. Peguei o celular e chamei seu número várias vezes, mas não completava a ligação.

O trabalho dela era recepcionar homens ricos em eventos empresariais. Ela vivia de glamour, participava de outros compromissos duvidosos e nunca mais a julguei pelas suas escolhas. O passado dela era obscuro para mim, apenas sabia que ela era sozinha, como eu.

Fiz o meu pedido para a pessoa do balcão, sentei-me em uma das cadeiras livres e me permiti esquecer, por um minuto, que meu mundo estava prestes a ser balançado.

“Os dias estão todos atrás de nós

Tudo é real

E o mundo está tão certo

E eu sei quando chegar a hora

Nós vamos fazer isso até o fim

Eu só espero que ainda haja palavras a dizer”

Bridge to Grace – Until the World Ends

Se eu tivesse gerado uma vida, com certeza gostaria de saber antes do mundo acabar. Pelo visto, nem a música baixa do lugar iria me acalmar, precisava chegar em casa e resgatar as forças que tinham desaparecido. Com um banho, fazendo comida ou lendo um livro de romance, eu não podia fugir do meu destino.



Râmulo
MONTENEGRO

Capítulo 19

Com as mãos no bolso e olhar distante, de frente à parede de vidro do meu escritório, fingi que estava escutando a conversa do meu primo Pedro Montenegro com Marlon de San Marino. Ambos eram pessoas do meu círculo de trabalho, o segundo, ainda compartilhava alguns segredos pessoais em Dualópis, mas era apenas isso.

Relações superficiais.

Depois que experimentei um fim de semana com Patrícia, eu não queria nada menos do que tive com ela. Nunca a encontrei e estava há mais de dois meses sem transar com ninguém e sem vontade de conversar com outras pessoas.

Meus fins de semana se resumiam em ler e esperar que minhas cozinheiras pudessem replicar as comidas que Patrícia fez para nós.

Aquele sofrimento poderia ser resolvido comigo ligando para a mulher que virou meu mundo de cabeça para baixo. Então, eu recordava das nossas conversas, o quanto ela merecia ser livre para viver seu sonho, viver suas histórias e conhecer vários países.

Eu sabia que tinha o poder de convencê-la a ficar comigo. Colocar um vagalume dentro de um pote transparente, para admirar

seu brilho, era simples, se não fosse cruel. Patrícia não merecia que eu a enjaulasse, por mais atrativo que fosse.

Ela sabia onde eu trabalhava, deixei claro por mais de uma vez, numa tentativa de disponibilizar um fio que iria nos conectar, quando ela estivesse pronta. Um mês se passou, não saberia dizer se eu aguentaria um ano, mas não invadiria seu espaço.

— Rômulo! — Virei o rosto em direção à mesa de reuniões, Pedro tinha me chamado. — Você não ouviu nada do que falamos.

— Deveria? Quem está em desacordo são vocês, não eu. — Soltei o ar com força e fui até eles, puxar uma cadeira e me sentar. — Todo investimento tem um preço. O mercado hoteleiro nunca sairá de moda.

— Cameron Reynalds quer um valor fora de mercado. Não precisamos escolher uma rede internacional, podemos lidar apenas com nacional. — Marlon apontou para o tablet à sua frente, havia números e estatísticas, o homem era racional ao extremo.

— Então, cancelem a negociação.

— Sempre o conciliador. — Pedro me repreendeu com o olhar. — Terá que decidir, não vai agradar aos dois. Mas, do jeito que você anda, recomendaria tirar férias.

— Eu estou bem.

— Não. Você está desse jeito desde aquele dia. — Marlon se recostou na cadeira e cruzou os braços, sério. — Qual era o nome dela?

— Você está envolvido com alguém? — Pedro se surpreendeu e bufei.

— Estou aéreo, mas continuo focado no trabalho. Não fale besteira, Marlon.

— Patrícia, certo? — ele provocou e tentei não me irritar. — Ela é bonita.

— Você me falou que não se lembrava dela.

— Se ela for a certa, pode acreditar, vai mexer com seu psicológico — Pedro soltou, enigmático. — Experiência própria.

— Todos amavam sua esposa, tanto aqui no prédio, quanto na família. Ela te deu um lindo filho, a partida dela foi trágica. Não quero ninguém mexendo com a minha cabeça por conta de luto, com todo respeito, primo.

— O pior não foi ela ter morrido no parto, mas os segredos que guardava. — Balançou a mão na frente do rosto. — Essa é outra história. O que quero dizer...

— Eu a vi, ontem. — Marlon segurou o sorriso e arregalei os olhos surpreso. — Soube que era ela, porque lembrava vagamente do rosto e que era amiga de Simone.

— Pensei que tinha terminado com ela.

— Ela nunca quis nada comigo, fui esnobado por ela. — Bufou, chateado. — Não vem ao caso. Você pode resolver esse problema e voltar a ser o viciado em trabalho que sempre foi.

— Continuo do mesmo jeito, Marlon.

— Só está tomando decisões seguras, Rômulo. Você sempre foi de se arriscar e resolver. — Meu primo inclinou a cabeça para me analisar. — Quem é ela?

— Uma estudante — murmurei, sabendo que os dois iriam fazer as contas pela idade. — Ela tem potencial e sonha em ser diplomata. Cozinha muito bem, a conversa flui sem ser forçada, temos muitas coisas em comum e outras completamente opostas.

— Apaixonado — Marlon brincou com Pedro e depois me encarou, eu estava começando a me irritar com suas gracinhas. — E por que não começa um relacionamento com ela?

— Escutaram o que eu disse? Nós podemos ser compatíveis em muitas coisas, mas na principal, não. Ela vai viajar o mundo por conta da carreira dela. Resolvi dar espaço, mas comentei várias vezes sobre onde trabalho.

— E achou que ela apareceria aqui, pedindo para namorar você? — Marlon se levantou e pegou as coisas dele em cima da mesa, resmungando algo que eu não compreendi. — Eu sou ruim de conversar com mulheres, mas você?

— Não vou acorrentar uma mulher na minha vida à custa dos sonhos dela. Um relacionamento à distância não funcionaria.

— Porque você está a imaginando aqui enquanto trabalha, senhor provedor. — Apontou um dedo para Pedro e ergueu as sobrancelhas. — Não pague tudo isso que o Reynalds quer.

— Vamos receber o dobro quando entrarmos na administração — meu primo rebateu.

— Sem acordo.

— O que quis dizer com aquilo? — Retomei o assunto.

— Que a gente não precisa ver sua cara todos os dias. Tecnologia serve para videoconferências e acelerar processos. Viaje você com ela, caso tudo isso se transforme em um casamento. Você nem começou a namorar.

— Se vou ficar com alguém, não tenho tempo de experimentar. Meu pensamento é para que seja o resto da vida.

— Nem sei a quem você puxou, primo. — Pedro se levantou e estendeu a mão para Marlon. — Vou barganhar um pouco mais, mas não garanto nada.

— Vocês estão fugindo do assunto. Patrícia é...

— Vou te mandar o endereço do prédio dela, ou apenas ligue, Rômulo. Acho que ela está precisando de ajuda.

— Como assim? — Fui em direção a ele, mas me ignorou e saiu da sala. Pedro ficou na minha frente e segurou no meu ombro, para me acalmar. — Vocês estavam falando sobre hotéis, depois a minha mulher e agora...

— Você vai resolver sua vida, eu lido com Marlon e a negociação com Cameron Reynolds. — Tentei desviar dele, mas me impediu, novamente. — O que ele disse está certo, você não

precisa começar, sofrendo por algo que será resolvido no futuro. Conheça a mulher, se permita, não fique introspectivo e aéreo nos assuntos da empresa. Você pode se afastar, não estamos sozinhos, temos muitos funcionários que fazem a máquina andar.

— Desde quando virou aconselhador?

— Quando a gente se torna pai, muita coisa muda. Mas no momento em que tudo o que você acreditava não passava de mentira, você amadurece. Dá valor apenas ao que realmente importa.

E eu sabia do que ele falava, era a paz. Foquei tanto no trabalho, me perdi em conexões superficiais, quando eu queria alguém para compartilhar a vida. Para quem tinha tudo, conquistado as metas e realizados sonhos, faltava apenas ter com quem sorrir junto.

Recebi uma batida forte no braço e meu primo, aquele que mais conversava sobre trabalho do que assunto pessoal, me deixou sozinho. Com receio de não me envolver, naquele momento, me sentia negligente, por ainda nem ter tido a oportunidade de conhecer o seu filho, cuja mãe morreu no parto.

Eu me isolei, não meus familiares que se esqueceram de mim.

No automático, peguei o celular e voltei para a minha posição reflexiva. Busquei o contato, aquele que tive receio de chamar por tempo demais e apertei o botão, para iniciar a ligação.

Meu coração estava acelerado e minha mente só conseguia processar que ela precisava de ajuda. Mesmo que não quisesse nada comigo, eu a apoiaria, em honra às boas memórias que me proporcionou naquele fim de semana.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 20

Estava exausta, mas não poderia dormir com minha amiga naquele estado. Gemendo e se remexendo na cama, eu a encontrei no apartamento daquele jeito e quase desmaiei.

O daddy, que ela fugiu de Dualópis, invadiu nosso lar e a espancou. A porta da frente estava arrombada, os móveis destruídos e minha amiga tinha sido ferida. Corpo e alma, meu peito doía de escutá-la sofrer.

Queria ir a um hospital, os roxos em seu corpo indicavam que algo foi quebrado, mas ela estava irredutível. O idiota era influente, iria terminar o que começou, então, precisava fugir.

Meus problemas foram esquecidos para dar banho em Simone, comprar remédio e velar seu sono. Chorei quando ela parecia dormir profundamente e me perdi em piedade, porque ela se culpava por tudo o que aconteceu.

— Patrícia — murmurou, virando seu rosto em minha direção. Estávamos deitadas em sua cama, eu não fecharia os meus olhos enquanto não a convencesse a se cuidar.

— Oi, minha amiga.

— Dói. — Colocou a mão no peito e voltou a chorar. Ia além da física, ela era uma alma livre e confiante, que foi massacrada pelo ex-namorado sem noção. — Eu fiz tudo errado.

— Você não tem culpa.

— Mesmo dizendo não, eu continuava abrindo as pernas para o idiota. Gostava do jeito que fazia, ele me conhecia profundamente e usou isso contra mim. Fui gananciosa e só pensei no dinheiro.

— Pare de se nivelar por baixo. — Alisei seu cabelo, com suavidade, porque a região também doía. Eu não sabia o nome do homem, apenas que era um babaca agressor. — Quem ama, cuida. Protege.

— Eu fugi e ele ficou com raiva. Nunca encontrarei outro como ele.

— Só existe ele de homem no mundo?

— Não, mas...

— Desde quando isso é motivo para bater e quase matar alguém? — Ela soltou um soluço e gemeu de dor. — Por favor, Simone. Me deixe te levar a um hospital.

— Eu vou morrer.

— Não. — Sentei-me na cama, ela se esforçou para segurar meu pulso e apertar.

— Nunca terei paz.

— Eu te amo, Simone. Acredita nisso?

— Sim, Patrícia. Por isso não quero sair daqui. Ele ameaçou te bater também.

— Isso quer dizer que o filho da puta vai voltar a te ver? — Saí da cama, indignada. Ela chorou alto e percebi que a falta de sono, mais a preocupação, estavam mudando meu humor. — Vou tomar uma água. Você quer?

— É tudo culpa minha — murmurou entre o pranto.

Soltei o ar com força, indignada com toda aquela situação. Se eu tinha sido ameaçada, eu poderia tomar uma atitude sem a aprovação de Simone. Não viveria com medo e assustada, muito menos ficaria na cidade, se eu tinha a fazenda como um possível refúgio.

Fui para a cozinha, tomei um gole de água e arrumei o que dava. Varri a louça quebrada, tentei organizar a sala e meu quarto, mas ainda faltava muito. O homem veio como um furacão. Para jogá-la pela janela, não deveria ser difícil, já que veio com força de demolição nos itens materiais.

Olhei para a janela, o céu começou a clarear e eu não tinha dormido nada. Ouvi o choro de Simone e a conferi, ela continuava na mesma posição e não conseguiria se levantar, por conta do pé inchado. Só de imaginar o que aconteceu para que aqueles roxos estivessem em seu corpo, eu sentia náuseas.

Busquei minha bolsa no meu quarto e peguei o celular, para enviar uma mensagem no grupo da faculdade. Eu não conseguiria ir à aula, pegaria a matéria em outro dia.

Assim que desbloqueei o aparelho, vi duas chamadas não atendidas. Abri a boca em choque ao ver o nome de Rômulo Montenegro brilhando na tela, ele tinha me ligado. Tão focada na minha amiga e seus problemas, estava perdendo uma oportunidade.

Depois de meses sem nos falar, ele me ligou. Eu estava em dúvida sobre entrar em contato com ele, por conta da minha suspeita e veio o destino, mais uma vez, facilitar a minha decisão.

Enviei a mensagem para o grupo, busquei o contato dele e chamei. Quando tocou por cinco vezes, lembrei que estava de madrugada e eu poderia assustá-lo.

— Merda — resmunguei, encerrando a ligação e indo para a sala, com o celular na mão. Meu coração acelerado indicava o quanto eu queria ter podido executar aquela conexão, mas teria que esperar.

Deixei o aparelho cair quando vibrou em minhas mãos, ele estava no silencioso. Peguei-o com os dedos trêmulos e atendi a chamada de Rômulo, arrependida.

— Desculpe.

— Bom dia — murmurou, sonolento. — Está tudo bem?

— Sim. Quero dizer, não. — Soltei um riso baixo e nervoso.
— Você me ligou? Desculpe retornar nesse horário péssimo, eu ainda não dormi.

— Tranquilo, eu acordo cedo.

— Mas poderia estar dormindo e não falando comigo. Sinto muito.

— Pode me ligar a qualquer horário, Patrícia.

— Ok. — Senti minhas bochechas esquentarem. — Oi.

— Oi — seu tom vinha acompanhado de um sorriso mental.
— Pode me falar o que tirou o seu sono?

— Sim, mas tenho medo de te envolver. Realmente, é algo complexo. — Suspirei fechando os olhos. — Fico feliz que ligou para mim. Não paro de pensar em você.

— Eu ainda gostaria de saber o problema.

— Envolve agressão — murmurei.

— Alguém te bateu? — soltou, alterado. — Onde você está?
Eu estou indo até você.

— Obrigada pelo carinho, Rômulo. Mas está complicado e eu dou conta de resolver. Podemos marcar um almoço? Eu, realmente, queria te ver em outras circunstâncias.

— Você pode me falar, ou eu vou usar o endereço que meu parceiro de negócio me entregou. A questão não é sobre você dar conta ou não, apenas que as metades das palavras que você compartilha me indicam que sua vida está sendo ameaçada. Podemos não ser namorados, nem amigos, mas eu não vou me arriscar a te perder.

— Oh!

— Caramba, estou exagerando. — Foi a vez dele rir de nervoso. — Você me entendeu, Vagalume? Não quero ser invasivo, mas também não vou ficar sentado em casa esperando o nosso almoço. Me deixe te ajudar.

— Sim — murmurei, as lágrimas escorreram pelo meu rosto. O peso que senti nos ombros suavizou e ter aquele apoio, mesmo que não tivéssemos conversado sobre nós, me deu forças. Ao usar meu apelido, ele resgatou o mesmo sentimento do fim de semana na sua casa, fazendo comida e nos amando. Nem parecia que meses se passaram sem notícias. — Obrigada, Rômulo.

— Me passe a localização, já estou saindo do meu apartamento e indo até você. Fique bem.

— Venha com prudência, não há nada para acontecer até você chegar.

Encerrei a ligação, repassei a informação por mensagem para Rômulo, abracei o celular e me rendi às emoções. Deixei o choro encher meu peito, as lágrimas banharem minhas bochechas e me permiti fraquejar. Eu não estava sozinha, nem mesmo com Simone.

Voltei para o quarto, ela tinha dormido e eu me acomodei ao seu lado. Não sabia que estava com tanto sono, fechei os olhos e meu corpo relaxou. Despreocupada, eu sabia que tinha alguém para cuidar de nós... inclusive do meu possível bebê.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 21

Fui acordada com um beijo no rosto. Arregalei os olhos e encontrei o semblante preocupado de Rômulo. Conferi Simone antes de sair da cama e o puxar para a sala, ele estava rígido e a bagunça ajeitada não ajudava a melhorar o clima.

— Oi. Desculpe, eu dormi. Como entrou?

— Eu. — O homem que cruzei no elevador estava na porta, ajoelhado. Percebi ferramentas em suas mãos e uma postura de poucos amigos. — Bom dia, Patrícia.

— Seu parceiro de negócio é o Marlon? — Então, lembrei-me de onde o tinha visto, na Festa da Luxúria. Era aquele no quarto, transando sem pudor.

Virei para Rômulo, que continuava preocupado e não se importou com meu acanhamento momentâneo. Segurou meu rosto e pedia permissão com os olhos, fiquei na ponta dos pés e o beijei.

Que saudade eu estava dele!

Foi breve, aproveitei para abraçar seu pescoço e sentir seus braços ao meu redor. Sentia que estávamos na mesma página, ele me queria tanto quanto eu. Faltava saber se era apenas para mais um fim de semana ou uma tentativa de relacionamento duradouro.

— Você parece bem — murmurou, não querendo me soltar e inspirando meu cheiro.

— Sim, comigo está. Minha amiga que sofreu as consequências. — Apertei-o com força, não querendo que nossa aproximação terminasse. — Que bom que você está aqui.

— Fico feliz que você goste de mim por perto. — Ele me soltou e suavizou o olhar. — Não quero te prender, Vagalume, mas podemos...

— Trocado. — Marlon ergueu a caixa de ferramentas e sorriu sem alegria. — Vou subir e ficar no apartamento vago. Quando terminar de conversar, você me chama.

— Obrigado.

Encarei-o surpresa, aquele homem não parecia tão humilde, para ter um canto exclusivo no mesmo prédio que eu.

Virei-me para encarar Rômulo, voltei a beijá-lo e não me segurei, abri a boca e o devorei, com o sono e a fome que eu estava. Ele correspondeu e manteve suas mãos cuidadosas em meu corpo, alisando as costas e me acendendo. Não era momento para o sexo, mesmo que meus hormônios estivessem à flor da pele.

— Por mais que eu queira e estou morrendo de saudades, eu preciso saber o que aconteceu. — Ele interrompeu o beijo e me manteve cativa em seu abraço.

— Quer um pouco de café? — Mordi o lábio e soltei um riso apaixonado. — Sinto como se nos visse ontem.

— E continuaremos nos vendo. Vamos dar um jeito.

— O que quis dizer sobre não me prender?

— Faça o café, conversaremos sobre tudo. Primeiro, sua amiga. — Uma sombra de raiva passou pelo seu olhar. — Ela precisa de cuidados médicos.

— Também acho, mas tem medo. — Fui solta e andei até a cozinha. — Não sei quem é o homem, mas o chama de daddy. Ela veio para capital, porque queria terminar com ele.

— Oscar Daddy?

— Hã? — Encarei-o confusa, ele sabia quem era, pelo olhar assombrado. — Não sei, Rômulo. Apenas que estava tudo bem, não achei que o homem fosse tão cruel e assustador.

— Claro que foi ele. É um empresário idiota que acabou de chegar à cidade e se acha dono de Dualópolis. Ele esteve apenas uma vez na festa de sexta-feira, tentou forçar com uma das convidadas e o expulsei do meu círculo. Pelo visto, não antes de fazer uma vítima. — Passou as mãos no cabelo, chateado. — Puta que pariu, eu deveria ter denunciado.

— Não sei se é ele. — Coloquei a água para ferver e fui atrás dos outros itens para o café. — Como estão as festas? — perguntei, fingindo desinteresse.

— Depois do que vivenciamos naquele fim de semana, não havia motivo nenhum de voltar a participar. — Encarei-o, esperançosa. — Ninguém brilharia como você, Vagalume.

— Para. Você não ficou mais de dois meses sem sexo. —
Voltei a preparar o café e o senti se aproximar. Pressionou sua frente nas minhas costas, abraçou minha cintura e espalmou minha barriga, meu coração acelerou com aquele gesto e eu nem tinha comentado da minha suspeita.

— Também me surpreendo ao falar em voz alta. Mas vivi por muito tempo na superfície, para apreciar uma profundidade, quando a tinha. Eu quero você, Patrícia.

— Sim. — Suspirei.

— Se você está ameaçada, por dividir um apartamento com a obsessão do momento de Oscar Daddy, eu vou te proteger. Me deixe estar com você.

— Talvez eu queira, mesmo que isso pareça aproveitador da minha parte. — Virei o rosto e beijei seus lábios, seu quadril se esfregava em minha bunda, prometendo um momento tão bom quanto o que eu lembrava. — Além de Simone, tenho outro assunto para conversar.

— Oh! — Escutei um gemido alto da minha amiga, desliguei o fogão e fui até seu quarto, Rômulo estava atrás de mim. Subi na cama e passei a mão em seu rosto, ela estava quente.

— Simone?

— Não — resmungou e gemeu, ela deveria estar delirando.
— Não quero, daddy.

— Amiga, sou eu, Patrícia. — Virei-a para ficar com a barriga para cima e tirei o cabelo do rosto. Ela começou a chorar e busquei suporte nas feições de Rômulo. — Acho que está com febre, vamos tomar um banho e ir para o hospital.

— Ele vai me matar. Prometeu não exagerar, mas está me possuindo. Meu Deus, por que eu tenho que sofrer tanto nessa vida?

— Você merece ser feliz, Simone. — Pressionei os lábios com força e a ajudei a se sentar na cama. — Vamos tomar um banho, eu cuido de você.

— Eu só queria que alguém fizesse isso, sem cobrar depois. Sem precisar pagar ou eu ter que apanhar. — Tive medo pela interpretação das suas palavras, a vida dela poderia ser pior do que eu imaginava.

Fui até o banheiro com ela, tirei a camisola que cobria seu corpo e a posicionei sentada no banquinho debaixo do chuveiro. Ela resmungou e chorou, olhar para seu corpo lesionado quebrava algo em minha alma. Céus, ninguém merecia tanto ódio.

— Está frio — resmungou.

— É para diminuir a febre.

Fez um movimento de ânsia e me afastei, ela vomitou o que não tinha no estômago. Chorou um pouco mais, espalhei água em seu corpo e a enxuguei quando percebi que estava mais estável.

Ficou de pé sem minha ajuda, mas as pernas tremiam sem forças. Voltei a pôr sua camisola, naquele momento, não me importava com lingerie.

Rômulo apareceu com um roupão e o colocou em Simone, que resmungou contrariada.

— Vamos para o hospital, não é negociável

— Sai daqui, seu riquinho filho da puta.

— Meu Deus! — Assustei-me. — Ele está nos ajudando.

— E assim começa. Vai virar escrava doméstica desse mimado do caralho. — Choraminguou, por não conseguir nos parar. — Eu não quero mais.

— Ninguém vai te tocar, Simone. Se meu nome não for suficiente para protegê-la, eu providencio um segurança.

— Não seja refém desses empresários que compram a felicidade, Patrícia. Fuja, eu estava errada.

Andamos até a sala, troquei um olhar com Rômulo e tive dúvida sobre nós. Testaria suas intenções quando eu falasse da minha gestação. Nem eu estava preparada, mas se o universo queria que eu mudasse de planos mais uma vez, eu o faria.

— Não precisa de ninguém, eu fico com ela. — Marlon estava na porta, braços cruzados e olhar arrasado ao nos ver.

— Não toque em mim! — gritou Simone quando ele deu um passo. Sábio, o parceiro de negócio recuou e me aproximei ainda

mais da minha amiga. — Vamos para a cama, por favor, Patrícia.

— Confia em mim? — perguntei, sentindo minha pressão baixar com aquela fala. Seu rosto cheio de marcas e inchaços me fez chorar, ela se jogou em meus braços e Rômulo precisou nos segurar, senão iríamos cair. — Vai dar tudo certo, Simone. Eles não são ruins, vieram nos ajudar.

— Não!

— Sim. Só assim poderei te apoiar. Por favor, confia em mim — implorei.

Ela precisou se acalmar para balançar a cabeça positivamente. Observei Marlon se aproximar com as mãos em rendição, eles não precisaram de palavras, apenas um acordo de almas.

Afastei-me para que ele a pegasse no colo, entrelacei meus dedos com os de Rômulo e deixei fluir o calor da sua pele na minha. Eu tinha que estar certa sobre esses homens e não me afundar como Simone fez.

— Quer tomar um banho? Precisa de algo antes de irmos ao hospital?

— Não. — Balancei a cabeça e me afastei. — Vou pegar minha bolsa e vamos, depois eu organizo tudo. Minha amiga precisa de mim.

Patrícia
TEIXEIRA



Capítulo 22

Nervosa e fraca, o desequilíbrio estava tirando o pior de mim. No quarto de hospital, depois de todos os exames feitos em Simone, Marlon se tornou o guarda-costas enquanto eu e Rômulo observávamos de longe.

Aquelas despesas médicas custariam caro e minha mente tentava encontrar uma forma de pagar pela ajuda, sem envolver sacrifício.

No sofá, deixei minha cabeça cair no colo de Rômulo e fechei os olhos. Bocejei, a tensão do dia, falta de sono e comida, logo cobrariam um preço alto.

— Você não quis comer e está exausta. — Fez cafuné e sorri, ele era muito carinhoso. Era impossível que alguém tão amável fosse o vilão, como o tal Daddy.

— Prometi que cuidaria dela.

— Marlon o fará, não se preocupe. — Beijou minha testa. — Se confia em mim, pode confiar nele também.

A questão era essa, eu não sabia o que fazer. Lembrei-me das suas palavras, sobre não querer me prender e ganhei força. Ergui meu tronco para encará-lo, ele estava tão exausto quanto eu. Quem largaria tudo para lidar com um problema que não era seu? Apenas uma alma caridosa, ou aquele que amamos.

— Queria ter falado com você depois do nosso fim de semana, mas estava me organizando, internamente. Muita coisa mudou, eu não quero mais ser diplomata.

— Você queria tanto.

— Exatamente. Eu não poderia ir atrás de você, sendo que eu me sentia perdida em novos anseios. — Umedeci meus lábios. — E você? Por que não me ligou nesses meses?

— Covardia, essa é a verdade — respondeu, baixo e trocou um olhar com Marlon. — Velhos hábitos são difíceis de mudar. Quando percebi que não me interessava mais pelas festas, nem pelo meu trabalho, reconheci que era você que precisava em minha vida. — Sorriu, ganhando meu coração. — Mas para isso, precisava ser natural. Tenho bons argumentos para te convencer a estar comigo, que não quero usar. Seu *sim* tem que bastar.

— E isso te faz diferente daquele que me machucou — Simone se intrometeu na nossa conversa e a encaramos na cama. Ainda estava com os olhos fechados, fraca, mas resistente. — Pode ir, Patrícia. Qualquer coisa, Marlon entra em contato.

— Você sempre cuidou de mim. — Levantei-me e fui até ela, sentindo o mundo girar. — Não quero te magoar.

— Impossível, Vagalume. — Sorriu. — Cuide de você e aproveite o homem ao seu lado. A felicidade não é para todos, já aceitei meu destino.

— Eu cuidarei dela e mantereí vocês atualizados. — Marlon se levantou e praticamente nos empurrou até a porta. — Temos seguranças no hospital, por via das dúvidas.

— Esse homem é influente e perigoso, mesmo? — perguntei, baixinho e Marlon respondeu com um aceno.

— Mas não o suficiente para lidar com um San Marino. Meus contatos são mais eficientes que qualquer um. — Ele apertou a mão de Rômulo e fechou a porta atrás de nós.

Ainda bem que eu estava amparada, uma tontura me dominou e quase caí no chão.

— Vamos falar com um médico e comer. Você está se esforçando demais.

— Uma boa refeição é suficiente, eu não estou doente. — Fiz uma careta e andei com ele até o elevador do andar. Daquela forma tão perfeita, com seu carinho e apoio sem igual, eu não poderia ficar calada. — Sei que o momento não é oportuno e pode ser uma suposição surreal, mas tenho que falar.

— Que bom. Mesmo que você ache ser bobeira, saiba que pode falar comigo. Eu te ajudei com sua amiga, um problema seu, lidarei melhor ainda.

— Nosso. — Entramos no elevador e não o encarei, abraçando sua cintura. — Estou me sentindo fraca, porque estou... atrasada. — Respirei fundo quando o senti rígido. — Acho que estou grávida.

— Grávida?

— Isso que falei. Mas pode ser outra coisa, só estou supondo já que... então...

Ele ficou em silêncio e me deixou nervosa. Saímos no andar térreo, caminhamos para fora do hospital, um do lado do outro e fiquei nervosa. Lágrimas escorreram em meu rosto, talvez eu tivesse feito tudo errado e colocado não só minha amiga em risco, mas eu também.

Chegamos em seu carro e ele me puxou para um abraço. Fiquei surpresa com a reação, beijou minha cabeça e murmurou palavras de carinho até que me acalmei.

— Vai ficar tudo bem — ele disse, por fim, quando me afastei para encará-lo. — Se tem algum culpado nessa história, fui eu. Sinto muito por ter aproveitado o momento e me entregado de corpo e alma. Tentei não te prender, mas acabei fazendo da mesma forma, com um bebê. Você poderá fazer tudo o que quiser, não se limite por minha causa.

— Eu não penso assim. Achei que eu poderia ser confundida com uma golpista ou... sei lá. — Sorri, mas ainda me sentia triste de alguma forma. — Não está bravo?

— Sonhava em formar uma família? Não. Cogitei enquanto tive você em meus braços? Sim. — Segurou meu rosto e me ganhou com o amor que transbordava do seu olhar. — Minha promessa não mudou, Vagalume. Eu vou cuidar de você. Se for um

bebê ou uma enfermidade que está te deixando fraca, nós vamos lidar juntos. Não sei explicar, eu só gosto de ficar com você.

— Eu também.

— Senti sua falta.

— Espero que continue gostando de mim, depois que estivermos vivendo uma rotina corrida. Eu não sei o que quero, apenas que você faça parte do meu futuro.

— Suas palavras são minhas. — Beijou meus lábios e abriu a porta do carro. — Vamos jantar, depois descansaremos no meu apartamento. Tudo bem?

— Sim, eu aceito qualquer coisa, desde que eu possa comer.

— Sei do que você precisa.

Ajudou-me a pôr o cinto de segurança, deu a volta na frente do carro e se acomodou atrás do volante. Com sua mão na minha, ele saiu do estacionamento do hospital e dirigiu rapidamente, dando tempo apenas de escutar uma música no som do automóvel.

“O peso do mundo

Está me forçando para baixo (o peso do mundo)

Eu não posso fazer um som, não há ninguém por perto

O peso do mundo me segura”

Self Deception – Weight Of The World

Não mais pressionada ou tendo que carregar o mundo nas costas. Com Rômulo ao meu lado, eu me sentia tão livre quanto viver apenas com minhas expectativas.

Ele me levou para uma lanchonete, comemos um sanduiche e eu tomei um grande copo de suco de laranja com hortelã. A marca AMontreal me fez sorrir, eu adorava os legumes orgânicos daquela empresa. Jargão do Sul tinha os melhores eventos agropecuários, quando era criança, meus pais me levavam para comer e brincar.

Lembrando-me da minha família, percebi que eu poderia ter a minha própria, criar minhas lembranças e reviver algumas que aqueciam meu coração.

No caminho até seu apartamento, ele parou em uma farmácia e comprou exames de gravidez. Rômulo parecia mais confortável do que eu, fazendo com que eu levasse suas palavras como verdade absoluta.

Por mais que fosse novidade e ele não planejasse, talvez fosse o certo a acontecer. Ao nos abrir a possibilidades, nossos sonhos mudavam bem como as prioridades.

Continuaria viajando o mundo, mas não precisaria sair de casa. Com os livros e minha profissão de graduação, eu poderia ser feliz.

Eu teria uma família.



Râmulo
MONTENEGRO

Capítulo 23

Olhei para a cômoda de cabeceira e tentei não rir sem sentido, como fiz a noite inteira. Era o exame de gravidez de Patrícia, indicando que ela esperava um filho meu. Poderia colocar em dúvida e esperar a consulta com o médico, talvez o exame de ultrassom, mas o meu coração estava vibrando de uma forma diferente.

Uma família. Por ter perdido a minha de origem, achei que não precisava mais dela. Eu prosperava no trabalho e era feliz com as Festas da Luxúria, mas a verdade era outra.

Eu queria ser caseiro, meu tesão em ver mulheres trabalhando em casa dizia muito sobre isso. O tanto que repudiei ser doméstico, na verdade, era o que mais me atraía.

Se Patrícia achava que a rotina poderia mudar a forma como a via, estava enganada. Era nos momentos mais banais que eu a admirava, como um sorriso ou o remexer dos quadris enquanto andava.

Deslizei minha mão pela lateral do seu corpo, não transamos, mas tomamos banhos juntos e conversamos até cairmos no sono. Ela contou o que fez nas últimas semanas e eu a escutei, admirado com sua resiliência.

Não havia nada para eu contar, além da saudade e do vazio. Patrícia tinha voltado para a minha vida e ao meu apartamento, ela não sairia daqui sem um pedido oficial para morar comigo.

Coloquei minha mão espalmada em sua barriga e imaginei um bebê pequeno e iluminado, como ela. Não importava se fosse menino ou menina, desde que pudéssemos repetir e termos um segundo filho. Se eu tivesse um irmão, pelo menos, não me sentiria tão só. Marlon era um parceiro de negócio e colega, mas eu não conseguia aprofundar aquela relação.

Apenas Patrícia conseguiu quebrar as barreiras emocionais que criei para não sofrer.

— Bom dia. — Ela se esticou e virou-se na minha direção. Deixou um beijo casto nos meus lábios e relaxou. — Notícias de Simone?

— Sim, ela terá alta hoje ou amanhã, depende dos resultados dos exames. — Beijei sua boca e ela suspirou. — Marlon cuidará da sua amiga, não se preocupe.

— Espero que ele seja tão bom quanto você. Simone merece ser bem- cuidada depois do que passou, está com a confiança abalada.

— Ah, ele não é. — Provoquei-a com meu sorriso safado e ela arregalou os olhos. — Mas é o segundo na lista dos melhores homens.

— Bobo. — Apertou minha barriga e desceu a mão até meu membro. — Está muito animado para o horário.

— Com você do meu lado, será impossível acordar diferente. — Beije seu ombro e desci para seu seio. — Você está se sentindo bem?

— Acho que o mal-estar era de saudades também, além de fome. — Esticou a perna e enroscou na minha. — Estou pronta para ter um bom dia.

— Depois, vamos marcar a consulta e trazer suas coisas para meu apartamento. Dona Julia arrumará um espaço no closet.

— O quê? — Ela me empurrou e arregalou os olhos. — Como assim?

— Estou te convidando para morar comigo. — Olhei para sua barriga. — Vamos ter um bebê.

— Sim, mas... é que... você...

— Posso matar nossas saudades primeiro? — Inclinei a cabeça para deixar uma trilha de beijos pelo seu pescoço e seios. — Talvez, as dúvidas desapareçam depois do orgasmo.

— Eu ainda estou apaixonada por você, Rômulo.

— Minha missão será manter esse sentimento vivo entre nós, Vagalume. — Suguei o bico enquanto brincava com o outro. Ela gemeu e se esticou, desci para sua barriga, mordisquei e fui seguindo para pôr minha boca entre suas pernas.

Usei a língua para estimular seu clitóris e lambuzar sua vagina. Apertou meu cabelo e rebolou na minha boca, ela estava tão solta quanto da última vez que transamos. Não era uma despedida, apenas um até breve.

Suguei até que seus gemidos ganhassem um novo tom e ela gozasse em minha boca. Coloquei um dedo no seu canal e a senti inchada, pronta para me receber. Massageei seu ponto G, para prolongar o clímax e ela sorria, como se saciasse muito mais do que o desejo.

Subi beijando seu corpo, demorei o tempo necessário para deixar os bicos dos seus seios rijos e cheguei até sua boca, para compartilhar seu sabor.

— Esse é um bom dia para você?

— Não. — Abraçou-me com braços e pernas. — Você ainda não me acompanhou. Vem.

— O mais rápido que posso.

Posicionei meu pau e preenchi sua boceta, era maravilhoso estar conectado com ela daquela maneira. Entrei e saí, a lentidão tinha a ver com perdurar o máximo possível o momento. Beije seus lábios e fiz promessas que não precisavam serem ditas, seu corpo reagia às minhas boas intenções.

Nós poderíamos ser felizes, tudo era uma questão de conversar. Claro, depois da paixão, da nossa rotina natural e dos seus anseios atendidos. Eu era um homem que tinha tudo o que

queria, bastava eu me juntar com alguém que compartilhasse dos meus objetivos.

Acelerei os movimentos e arfei a cada arremetida. Virei-nos para que ela ficasse por cima, soltou um riso acanhado, mas logo começou a rebolar. Apoiou as mãos em meu peito e segurei seus pulsos, ela subia e descia, se esfregava e nos proporcionava luxúria.

Do que valia uma festa se eu tinha a deusa do pecado em meus braços?

Jogou a cabeça para trás e se entregou ao orgasmo. Ela não conteve os gemidos altos, nem a exposição do seu corpo, Patrícia era toda minha.

Antes, apenas uma virgem. Naquele momento, minha.

Enquanto ela não parava os movimentos, eu gozei, sem me preocupar com o futuro ou o que poderíamos compartilhar. Já estávamos de acordo em formar uma família, era o suficiente para nos darmos uma chance.

Ao futuro, apenas confiança de que era o certo a se fazer. Bastava.

— Rômulo! — Deitou-se, soltando o peso e me cobrindo com seu calor. — Como fiquei tanto tempo sem isso?

— Não mais.

— Vou poder usar sua cozinha?

— Desde que usando minha camisa e sem calcinha, pode fazer o que quiser. — Acariciei suas costas e apertei sua bunda. — O apartamento será seu também, iremos nos adaptar.

— Sim. Confesso que estou intimidada, mas com coragem o suficiente para enfrentar tudo isso. Céus, minha irmã vai surtar quando descobrir que eu estou grávida.

— Isso é ruim?

— Tendo você ao meu lado, não. Ela tem alma de “mãe galinha”, mas ficou ressentida quando saí da fazenda para conquistar meu espaço longe dela.

— Quando quiser, podemos ir visitá-la e anunciar a novidade.

— Tudo no seu tempo. Eu ainda nem sei o que quero para o futuro. Com um bebê, acho que vou ter que mudar de profissão novamente.

— Não precisa se preocupar com contas.

— Se acha que tenho alma de madame, está muito enganado. — Ergueu-se para me encarar, estava firme em suas decisões. — Posso não ser rica e me enrolar com alguns gastos, mas vou ter as minhas coisas.

— Contanto que eu possa cuidar de você e do bebê, estamos combinados.

— De acordo. — Ela se sentou ao meu lado e estendeu a mão. Ergui meu tronco e apertei a dela, fechando o compromisso.

— Combinado, Rômulo Montenegro. Você terá uma mulher e filho a partir de hoje.

— Não, nós construiremos uma família juntos, Patrícia Teixeira.

Ela sorriu e eu retribuí, porque não havia regras para começar uma história, muito menos um relacionamento. Saímos do padrão e continuaríamos longe dele, aceitar as adversidades era propício para que a vida fluísse.

Eu estava pronto para me sentir leve, todos os dias, ao lado dela.

Patrícia
TEIXEIRA



Epílogo

Vários meses depois...

Aproximei-me da rede que balançava suavemente no quintal da fazenda dos meus pais – que se transformou na casa da minha irmã –, e admirei a vista. Rômulo dormia com a pequena Lavínia em seus braços. Ela tinha pouco mais de três meses, estava aprendendo a sorrir e a interagir, além de dormir por quase todas as noites.

Muita coisa mudou e continuaria em movimento, porque essa era a minha vida. Nunca estagnada, muito menos sem emoção.

A paixão ainda existia e estava sempre transbordando com meu marido. Não tínhamos nos casado, mas prometemos fazer assim que nossa pequena pudesse entrar ao lado do seu irmão ou irmã.

Suspirei ao pensar naquela proposta indecente de Rômulo, fazermos mais um filho com idades próximas, aproveitando que eu estava terminando o meu curso de história em casa, pela internet.

Senti uma mão em meu ombro e encarei minha irmã. Sua pele marcada do sol e olhar que lembrava nossa mãe aqueceu meu coração.

— Quem vê, pensa que vocês eram namorados de infância — falou baixo, para não atrapalhar os dois.

— Eu sou diferente mesmo. — Dei de ombros e a puxei para dentro de casa. — Não me arrependo de nada.

— Ele é um bom homem, além de rico e cavalheiro.

— Estamos juntos além dos bens materiais. — Repreendi-a com o olhar, a estabilidade financeira sempre foi sua prioridade. — Precisa de algo? Não vai voltar a estudar?

— Minha vida é aqui e, quem sabe, um fazendeiro rico me encontre. — Ela sorriu com deboche e revirei os olhos. — Você sempre foi a inteligente, eu era boa de trabalho braçal.

— Você é chata, mas mora no meu coração.

— Também te amo. — Ela me puxou para um abraço e suspirou. — Eles estariam orgulhosos de você, como eu estou.

Tentei segurar o choro, falar dos meus pais sempre me emocionava. Por mais que eu já tivesse passado do luto, a saudade não era temporária, duraria a eternidade.

— Você pode fazer mais, Marlene. Eu posso te ajudar. — Afastei-me e sorri.

— Eu não sou como você. Nem como aquela sua amiga.

— Simone. Pare de implicar com ela, virá para o almoço da Sexta-Feira Santa.

— Muito saidinha para o meu gosto.

— Ela é livre e não tem medo do julgamento. Deveria testar.

— Talvez, em outra encarnação.

Um choro de bebê chamou nossa atenção. Rômulo apareceu com nossa pequena no colo e um olhar sonolento. Abaixei a alça do meu vestido antes de pegá-la para amamentar.

— Estou pronto para tomar o seu café, cunhada.

— Assei pão de queijo, como o senhor gosta. — Ela foi para a cozinha e revirei os olhos, minha irmã não conseguia chamá-lo com mais intimidade. Rômulo não se importava, ele dizia que cada um apelidava o outro como quisesse.

— Que fome, Abelhinha — murmurei para a minha filha e acompanhei os dois.

Uma rotina da qual nunca iria me cansar, estar com aqueles que eu amava e aceitando todas as suas características peculiares. E a vida, assim, seguia.

Leia a história de Marlon e Simone



Link: <https://amzn.to/33XH8ge>

Sinopse: Alguns homens ocupavam o tempo livre com os prazeres da carne, Marlon de San Marino era um deles. Como pagamento de uma dívida, ele aceitou fazer parte de um ménage e não imaginou que a mulher proibida ficaria gravada em sua mente para sempre.

Simone Muller estava cansada de sofrer. Vinculada a um homem perigoso e cruel, ela fugiu de Dualópolis para se libertar. Não

foi longe o suficiente, ele a encontrou e se vingou, deixando-a fragilizada.

Resgatada por um bilionário poderoso e sarcástico, ela acreditou que seria apenas mais uma em sua cama. Mas Marlon tinha outros planos e estava mais do que disposto a entrar no fundo do poço, para tirar Simone de lá.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Inclui gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

Agradecimentos

O começo de 2022 está sendo uma grata surpresa. Aprendi, com o ano passado, que mudanças seriam inevitáveis. Talvez, fosse necessário resgatar alguns conceitos e reciclar outros.

Os formatos de livros mais enxutos e para ler em um dia sempre me cativou. Desde que minha primeira filha nasceu, busquei alimentar meu hobby de outras formas. Consequentemente, trouxe para a escrita.

Mesmo sendo uma história breve, não consigo evitar falar de um assunto que vai além do romance/hot. Crenças limitantes nos acompanham diariamente e, com Patrícia, busquei retratar a sua libertação através do amor.

Gratidão _à família que me completa de várias maneiras. Minha força, minha inspiração, minha motivação. Fabricio, Amanda e Daniel, amo vocês.

Queria amiga e parceira, Liziane Nogueira, gratidão por fazer parte de cada momento literário, e às vezes, momentos pessoais. Você contribui para que o meu trabalho seja cada vez mais especial, como você é.

Tenho as melhores amigas, dentro e fora da literatura. Com palavras de carinho, brincadeiras ou mesmo um conselho, me

ajudaram nesse momento de transição. Gratidão! Todas as sextas-feiras eu brindo com vocês, porque estão em meu coração.

Gratidão à Ray e Sônia, que estão sempre contribuindo para que o processo editorial das minhas obras seja espetacular.

Tive um apoio especial do Desafio Mari Sales, o trabalho colaborativo entre autoras move montanhas e contribuí para concluir livros. “Ah, eu te amo meu amor, o meu sangue ferve por você.” – Sidney Magal – Nosso hino da vitória.

Um beijo especial para as minhas leitoras, as mulheres poderosas que estão sempre vibrando e embarcando de corpo e alma nos meus lançamentos. Seja no grupo “Leitoras da Mari Sales” ou no “Vício em Livros DLM”, vocês fazem parte da minha jornada literária e fazem meu dia brilhar.

Duplamente gratidão para as participantes da leitura coletiva do livro “Benjamin”, primeiro volume da série Família Valentini. Mais que um relançamento, uma experiência de leitura completamente diferente que vocês tornaram em extraordinário: Adelle, Adolane, Aline Gomes, Ana Roen, Andreia, Beatriz Soares, Bruna Correia, Carina Timm, Carla, Cilene, Cirlleni, Cristina, Daiany, Elena Ribeiro, Eliaci Puga, Elizangela Paiva, Enaê Ezequiel, Érica, Éveny Alves, Giane Silveira, Gilcélia Martins, Gilma, Gislaine, Gláucia Padiar, Helineh, Ionara Consuelo, Ivana Sandes, Jaqueline Silva, Josy, Juciele, Juliana Lelis, Karina Stoco, Karoline Moreira, Keth Silva, Kleia Faria, Lauryen, Leidiana, Lidianne, Lisie, Livia Guanabara, Lizi, Lorrany, Lucia Cristina, Luciana, Luíze Casal, Marcelle, Márcia Leão, Mariana Telles, Marielli, Marisa Gomes, Mayana Carvalho, Nay,

Nayara Maurisso, Nedja Mendes, Nélita Carvalho, Nicolly Soares, Nil, Paloma, Patrícia Almeida, Patricia Dutra, Paula Beatriz, Paula Souza, Quety Emerim, Ray, Regina Fabbris, Renata Ferreira, Roberta Frosi, Rosi, Rosyh Ferreira, Sandra Cecília, Sarah Rabelo, Sharlyne, Tatiana Lima, Tatiane Nascimento, Thais Rachetti, Thatyana e Ticyanne.

E para você, que chegou até aqui e de alguma forma não se sentiu incluído nos agradecimentos, saiba que também faz parte. Cada página lida contribui para que eu continue escrevendo cada vez mais histórias. Sim, meu coração vê o seu. Gratidão.

Com amor, respeito e gratidão.

Mari Sales

Sobre a Autora

Mari Sales é conhecida pelos dedos ágeis, coração aberto e disposição para incentivar as amigas. Envolvida com a Literatura Nacional desde o nascimento da sua filha, em 2015, escutou o chamado para escrever suas próprias histórias e publicou seu primeiro conto autobiográfico em junho de 2016, "Completa", firmando-se como escritora em janeiro de 2017, com o livro "Superando com Amor". Filha, esposa e mãe de dois, além de ser formada em Ciência da Computação, com mais de dez anos de experiência na área de TI, dedica-se exclusivamente à escrita desde julho de 2018 e publicou mais de 100 títulos na Amazon – entre contos, novelas e romances.

Site: <http://www.autoraMariSales.com.br>

Instagram: <https://www.instagram.com/autoraMariSales/>

Assine a minha Newsletter: <http://bit.ly/37mPJGd>



Outras Obras



Benjamin (Família Valentini 01): <https://amzn.to/3rla7Dw>

Sinopse: Marcados por uma tragédia em sua infância, os irmãos Valentini estão afastados há muito tempo uns dos outros. Benjamin, o irmão mais velho, precisou sofrer uma decepção para saber que a família era o pilar de tudo e que precisava unir todos novamente.

Embora a tarefa parecesse difícil, ele encontra uma aliada para essa missão, a jovem Rayanne Vilar, uma mulher insegura,

desempregada e apaixonada por livros, que foi contratada para organizar a biblioteca da mansão e encontrar os diários secretos da matriarca da família.

Em meio a tantos mistérios e segredos, o amor familiar parece se renovar tanto quanto o amor entre um homem e uma mulher de mundos tão distintos.



Meu Chefe Intenso: <https://amzn.to/3nx8DEs>

Sinopse: Para Theo Ferraz tudo era oito ou oitenta: ele amava demais ou excluía de sua vida. Focado em alcançar a posição de CEO do Grupo Gimenes, nada ficaria em seu caminho, nem mesmo a nova funcionária desastrada.

Olivia Nunes estava empenhada em dar o seu melhor no novo emprego, mesmo que tudo parecesse dar errado há muito tempo. Desamparada pela família e o pai da sua filha, ela tentava viver um dia de cada vez.

Bastou uma conversa para que Theo mudasse o foco, a paixão não combinava com prudência. O interesse pela funcionária ultrapassou o profissional ao querer saber mais sobre ela.

A intensidade de Theo surpreendeu Olivia. Muitos motivos a impediam de se entregar sem receios: ele era seu chefe, ambos foram abandonados e muitos assuntos pendentes precisavam ser resolvidos.

Eles descobririam, entre o romance de escritório e os cuidados com a filha de Olivia, que o amor conseguiria transformar até o mais intenso dos corações.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.



Prometida para Noah: <https://amzn.to/3E3C0U0>

Sinopse: Ser privado do seu dom não impediu que Noah Baron agisse com o instinto animal. Considerado perigoso e incontrolável, ele se tornou um empresário de sucesso e presidente do Rage Wolf Moto Clube.

Em uma tentativa de frear o temperamento imprevisível de Noah, sua mãe lhe fez uma proposta irrecusável: ela lhe devolveria seu lobo, desde que ele seguisse as regras.

Celeste e sua irmã gêmea nunca tomaram conhecimento de serem as Alfas Gemini. O tio se tornou tutor e as manteve reclusas por anos, até que foram prometidas para homens desconhecidos.

Com medo de serem separadas, elas escaparam do seu cárcere em busca de um recomeço. Para Celeste, não adiantou fugir, o destino a encontrou antes que pudesse se sentir livre. **Ela era o último elemento do ritual que traria de volta o lobo de Noah Baron.**

Celeste não tinha outro caminho a não ser cumprir seu papel de prometida. **Faltava um mês para a Lua Azul, tempo suficiente para que laços predestinados fossem revelados e o verdadeiro Alfa assumisse a alcateia.**



Um bebê na Máfia: <https://amzn.to/3AoJvTk>

Sinopse: Tabus e limites não existiam quando se tratava de Leonel De Leon. Vivendo suas próprias regras, o mafioso controlava a cidade e decidia o futuro das pessoas estando em seu escritório. Ele se achava acima de todos, não havia ninguém que conseguisse o atingir.

A advogada Sara Benildes estava em um restaurante, comemorando o aniversário de namoro, quando conheceu o poderoso De Leon. Para ele, a moça petulante e de nariz empinado não era nada.

Eles se reencontrariam meses depois, em situações peculiares. O mafioso tomou para si um bebê abandonado,

enquanto Sara perdeu o filho recém-nascido.

Para alguns, a segunda-chance. Para outros, uma realidade deturpada.

Enquanto Sara lidava com o luto amamentando o filho de um desconhecido, ela mergulhava no mundo obscuro de Leonel. Tudo indicava que ela se moldaria ao mafioso, mas era ele que abria o coração e se permitia ter um ponto fraco, uma família.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.



Noivado de Mentira com o General:

<https://amzn.to/3kcb3qa>

Sinopse: Davi Lucca Fiori tinha um único objetivo em sua vida: alcançar a mais alta patente do exército. O General era um solteiro cobiçado, fazia parte da família real, era respeitado e exemplo de boa conduta.

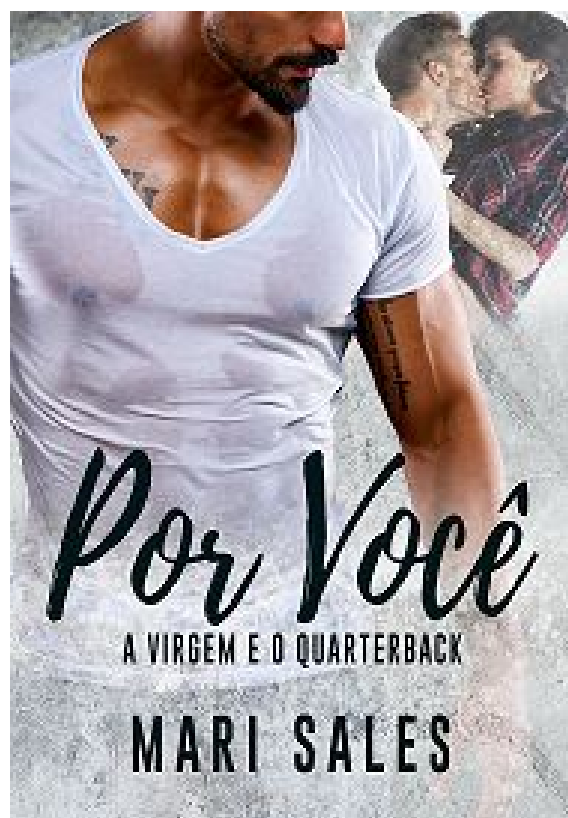
A reputação do herdeiro Fiori ficou por um fio quando um inimigo da monarquia descobriu seu segredo. Ele era um Príncipe e não poderia fugir das suas obrigações.

Clarice Mattos queria esquecer sua adolescência. Se ela estava bem naquele momento, devia ao Príncipe General, que

cruzou o seu caminho quando era mais nova. Por anos, eles mantiveram contato à distância e se tornaram amigos, mas tudo mudou quando a generosidade ficou prestes a ser revertida em um escândalo.

A oportunidade de Clarice retribuir a benfeitoria surgiu. Davi Lucca não queria expor sua amiga plebeia, mas aceitou forjar um noivado falso, para protegê-la mais de perto e à sua família.

Da mentira, veio a atração. A amizade se transformou em desejo e o amor, que deveria unir povos, poderia ser o elemento crucial para destruir a monarquia.



Por Você: A Virgem e o Quarterback: <https://amzn.to/3gS6cs8>

Sinopse: O rebelde Paulo Victor não agia como o esperado. Veterano no curso de Administração e quarterback do time da cidade, ele era admirado pelos seus colegas e cobiçado pelas garotas. Sua dedicação para o futebol americano não contribuía para a carreira política que seu pai tinha planejado.

Entrar na faculdade era o sonho de Milena Swagger. Disfarçada de Melissa Silva, ela conseguiu a oportunidade de ter uma vida normal, longe de perseguições e constantes mudanças. Para continuar segura, ela teria que seguir alguns protocolos, como não se envolver com ninguém.

Quebrar todas as regras se tornou irresistível quando a rotina estudantil começou. A atração pelo proibido e o mistério que

envolvia Paulo Victor e Melissa os conectaram muito além das conversas de corredor e festas universitárias.

Eles não estavam preparados para que suas vidas fossem abaladas pelas escolhas dos seus pais. O amor era forte para unir, mas também, o argumento necessário para deixar a outra pessoa partir.



Pai por Acidente: <https://amzn.to/3m6zjeQ>

Sinopse: O atual CEO do Grupo Ferraro era dedicado ao sucesso da empresa. Na vida pessoal, Nicolas Ferraro marcava encontros com mulheres da mesma forma que agendava suas reuniões de trabalho. Apenas assim conseguiria manter tudo sob controle para evitar decepções.

Sua vida perfeitamente programada sofreu mudanças quando um bebê foi abandonado em seu escritório. Com dúvidas se a criança era sua, ele escolheu descobrir a verdade antes que aquele acontecimento se transformasse em um escândalo.

Para os cuidados com o bebê, Nicolas precisaria de uma babá.

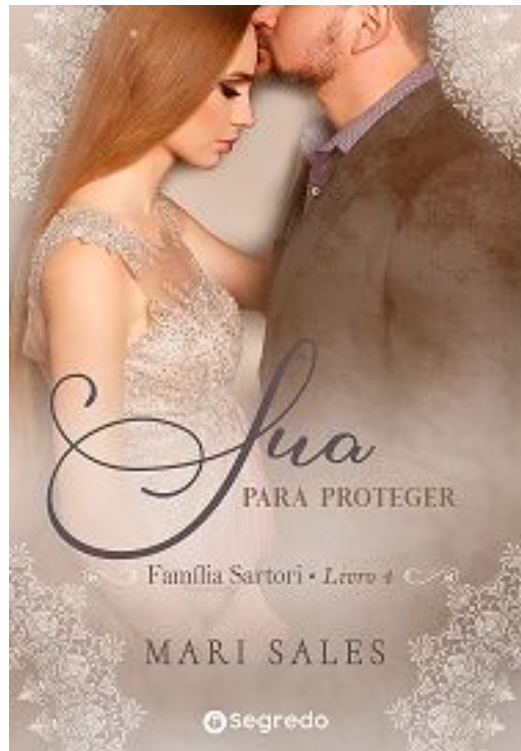
Lane Simioni estava perdida. Em busca do seu verdadeiro propósito de vida, ela tinha trancado a matrícula da faculdade de Enfermagem sem avisar sua mãe. E, movida pela expectativa de ter novas experiências, aceitou a oferta de emprego provisória.

Um bebê abandonado.

Uma babá inexperiente.

Um pai sem intenção.

Enquanto Nicolas Ferraro mudava de visão sobre o seu passado doloroso, aquele acidente se transformava na sua melhor escolha.



Sua Para Proteger: <https://amzn.to/3B9sZbp>

Sinopse: O que eu mais queria era me redimir, depois das consequências da minha ilusão amorosa. Comecei pela vida profissional e me encontrei nas pistas de corrida.

Fazer o certo ia além de agradar os outros. Meus irmãos tinham suas famílias e estavam felizes com suas escolhas. Eu precisava me permitir amar novamente e encontrei minha segunda chance em uma festa, indicada pela mesma pessoa que um dia me fez sofrer.

Rosyh Johnson não me permitiu tornar o momento de luxúria em algo mais. Sem ter o seu contato, pensei nela enquanto foquei nas corridas e socializei ao estilo do solteiro Mazzi.

Meu caminho cruzou com o de Rosyh meses depois, em outros termos. Ela não era mais uma mulher desapegada, que queria apenas diversão, mas uma grávida retraída. Diferente da nossa primeira vez, eu insisti e mostrei que era diferente de todos os homens que ela conheceu.

Sua confiança em mim me permitiu que eu a protegesse do seu passado. Só não imaginava que ser altruísta pudesse colocar em risco a família que tanto ansiei formar.

Aviso: Sua Para Proteger, livro 4 da Família Sartori, é um volume único. Por ser com casais diferentes, cada livro da série pode ser lido separadamente, mas o posterior contém spoilers do anterior.



O Acordo: <https://amzn.to/3q2BHDb>

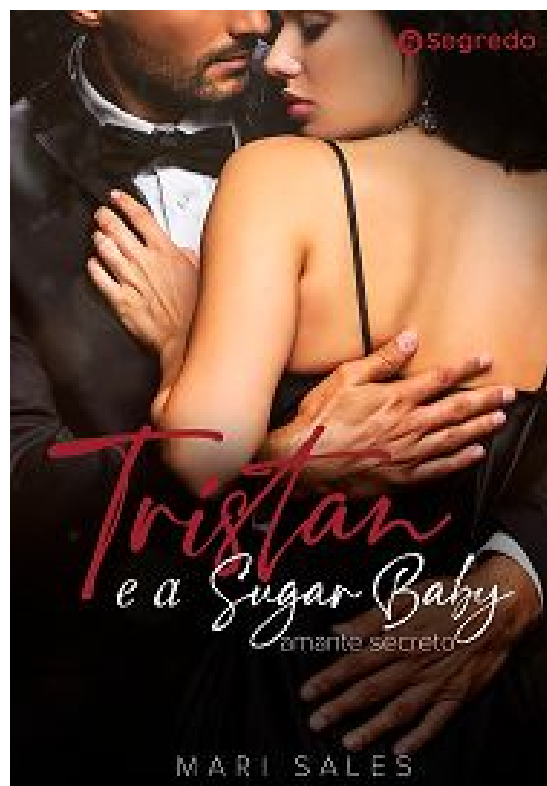
Sinopse: Samuel Vitta Dan era um CEO de sucesso na área de investimentos financeiros. Rígido e intimidante, nas horas vagas, lecionava empreendedorismo para o último ano do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Essa atividade extra lhe rendia muito mais do que satisfação profissional.

Nem todos apreciavam o professor Samuel. Scarllat Mancini não se adequava em sua família e estava difícil se adaptar aquela metodologia de ensino. Ela tinha sido julgada desde o seu nascimento e nunca se acostumou a ter que provar seu potencial, muito além das notas escolares.

Com um diploma na mão e órfã, Scarllat recebeu uma oportunidade de mostrar sua capacidade, ela iria trabalhar na área

de tecnologia da Dan Financeira.

Novos desafios surgiram quando ela descobriu que o CEO da empresa era aquele professor odiado. Mesmo que ainda guardasse mágoa, Samuel estava se tornando um chefe misterioso e irresistível. Para saber mais daquele homem, Scarllat iria se render a um acordo e descobriria muito mais do que os segredos do CEO.



Tristan e a Sugar Baby (Amante Secreto):

<https://amzn.to/33YRBVa>

Sinopse: O CEO da Ludwing Motors estava enfrentando complicações no seu divórcio e, por ser um pai protetor, não queria que sua filha fosse afetada. Tristan Adams estava decidido a aproveitar seu atual estado civil se cadastrando em um site de encontros.

Annelise Ortiz ganhou uma bolsa de estudos na faculdade de Stanford e perdeu o namorado virtual. Ela foi iludida e estava disposta a não sofrer pelo término do relacionamento. Por impulso, acordou com sua melhor amiga para serem sugar baby por um dia.

Tristan só queria uma companhia para o evento empresarial, sem que houvesse complicações posteriores. Annelise esperava

uma diversão inocente com o homem mais velho, não acabar perdendo a virgindade.

Eles não deveriam se encontrar novamente, mas aconteceu muito mais do que tinha sido planejado. As complicações que rodeavam aquela relação aumentavam a cada dia. Tristan era o pai da melhor amiga de Annelise e um final feliz estava longe de acontecer... a não ser que o amor falasse mais alto.



Contrato com o CEO: <https://amzn.to/3nUwZpV>

Sinopse: Para Rico Lewis, trabalho se misturava com prazer. Ele não sabia se relacionar com as mulheres se não fosse baseado no que estava definido em um contrato. Essa era a forma que encontrou para nunca mais ser enganado.

A seleção para secretária executiva do CEO da ReLByte era concorrida. Alice Reis não achava que poderia ser a escolhida, na verdade, nem queria. Sua confiança estava abalada ao ser humilhada pelo homem que se dizia seu namorado.

Tudo estava acontecendo ao mesmo tempo e não havia mais nada a perder. Sem companheiro, sem dinheiro e sem um lugar para morar, Alice aceitaria qualquer proposta para assumir o controle da sua vida. E ela conseguiu a vaga. Por impulso, assinou

o contrato e aceitou as consequências de ser a realização do fetiche CEO e secretária.

Ela nunca tinha sido tocada daquele jeito. Senhor Lewis não queria sentir o coração acelerar novamente. Era a iminência de um desastre, mas eles ignorariam qualquer emoção para se protegerem de uma nova decepção.



Valentine (Tríade Moto Clube – Livro 1): <https://amzn.to/3aq5yib>

Sinopse: O Doutor Brian Powell, ou Doc como era conhecido pelos amigos, acompanhava de perto o sofrimento do presidente do Selvagem Moto Clube devido a uma grave doença. A morte se aproximava e a sucessão do seu legado estava gerando uma grande disputa.

John Savage nunca quis que a família se envolvesse com seus negócios, mas sua filha Valentine estava disposta a lutar pelo cargo que lhe era de direito. Ninguém a conhecia o suficiente para dar apoio, no entanto isso não a desmotivaria a alcançar seu objetivo.

O primeiro contato que Valentine teve com um dos membros do Moto Clube foi explosivo, mas Doc estava determinado a ser um aliado, além de um bom amante. Ele já a queria muito antes mesmo de a ver pela primeira vez.

Entre atentados e preconceito, Doc e Valentine terão que lutar para preservar a paz do Selvagem e não se perderem entre as armadilhas causadas pela superproteção.



Cedendo à Paixão: <https://amzn.to/3kpvt8>

Sinopse: Quando o grande empresário Bernardo Camargo cruzou com Alícia em um supermercado, não esperava que a mulher fosse mais do que uma coincidência. Ambos estavam tendo um péssimo dia, o desabafo sobre seus tormentos foi involuntário, afinal, eles eram estranhos que nunca mais se cruzariam.

Bernardo lutava para esquecer o passado que o marcou.

Alícia estava disposta a renunciar sua própria felicidade para ser uma boa mãe para seus filhos.

Um momento não deveria definir um relacionamento, muito menos abrir a brecha para que a vida amorosa de Alícia voltasse a

ativa. Bernardo queria ser visto além do homem poderoso em um terno e estava disposto a ter mais do que apenas em um encontro casual com aquela mulher.

Restava saber se a paixão avassaladora entre os dois seria o suficiente para superar tantos segredos.



A Filha Virgem do Meu Inimigo: <https://amzn.to/2DwGGYZ>

Sinopse: Antonio “Bulldog” era conhecido na cidade por seu temperamento explosivo e trabalho árduo na presidência da AMontreal. Com um histórico familiar de traumas com mulheres, ele era um homem solitário que se apegava apenas ao seu ofício.

Nada o deixava mais irritado do que lidar com o seu rival, o candidato a prefeito Ivan Klein. Ele estava ausente da cidade há muito tempo, mas voltou para destruir com a AMontreal e ser o chefe maior de Jargão do Sul.

Bulldog estava pronto para defender seus protegidos do ambicioso político, mas ele não contava com a presença da filha do seu inimigo. Deborah não só tinha quinze anos a menos do que ele, mas era uma mulher doce, de sorriso contagiante e que tentava influenciar as pessoas, de forma positiva, a favor do seu pai.

Ninguém disse que o destino jogava limpo. Ele não só unia pessoas de lados opostos a uma guerra, mas confrontava segredos e revelava a verdadeira face das pessoas. Cabia a Bulldog e Deborah escutarem seus corações e não caírem na armadilha da ganância alheia.



Box – Quarteto de Noivos: <https://amzn.to/2JQePU2>

Sinopse: Essa é a história de quatro primos solteiros que encontram o amor. Coincidência ou não, o movimento para que eles se permitissem amar iniciou com a matriarca da família, avó Cida, em uma reunião de família. Ela mostrou, sem papas na língua, o quanto eles estariam perdendo se buscassem apenas relacionamentos vazios.

O que era para ser um encontro casual se tornou em uma grande história sobre a próxima geração da família Saad.

Nenhuma das mulheres que se envolveram com o quarteto de primos era convencional. Quem as visse de longe, julgariam suas escolhas ou mesmo se afastariam.

Fred, Guido, Bastien e Leo aceitaram o ponto de vista da avó de forma inconsciente, mas se apaixonaram por completo com a razão e o coração em sintonia.

Envolva-se com as quatro histórias e se permita olhar para a família Saad de uma forma completamente diferente.

Obs: Esse BOX contém:

1- Enlace Improvável

2- Enlace Impossível

3 - Enlace Incerto

4 - Enlace Indecente

Epílogo Bônus



Box Flores e Tatuagens: <https://amzn.to/2LLjA4D>

Sinopse: Eles eram ricos, intensos e poderosos em seus ternos e tatuagens.

O CEO Tatuado Erik se apaixonou pela irmã do seu tatuador. Orquídea fugia de um passado que a atormentava.

O Executivo Tatuado San Marino encontrou a estrela que brilharia na sua vida. Daisy tentava escapar de um relacionamento abusivo com um homem perigoso.

O Chefe Tatuado Dário era protetor e não hesitou em agir quando conheceu a mãe de Enzo Gabriel. Gardênia fugia do pai do

seu filho e de uma vida submissa.

O Sócio Tatuado Laerte Azevedo era o vilão. Ele estava disposto a contar a sua versão da história, mesmo que soubesse que não era digno de perdão. Jasmim foi vítima da crueldade da família Azevedo e estava disposta a superar seus medos.

Quatro casais, quatro histórias. Eles estavam dispostos a reconstruir suas almas com o mais belo dos sentimentos, o amor.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.